



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

FERNANDA HANNAH DA SILVA COPELLI

**EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:
TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS**

FLORIANÓPOLIS

2019

FERNANDA HANNAH DA SILVA COPELLI

**EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:
TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Orientadora: Prof.(a) Alacoque Lorenzini Erdmann, Dr.(a).

Coorientador: Prof. José Luís Guedes dos Santos, Dr.

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Copelli, Fernanda Hannah da Silva
Empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem :
tendências e significados / Fernanda Hannah da Silva
Copelli ; orientador, Alacoque Lorenzini Erdmann,
coorientador, José Luís Guedes dos Santos, 2019.
132 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,
2019.

Inclui referências.

1. . 2. Empreendedorismo. 3. Enfermagem. 4. Educação
empreendedora. 5. Pós-graduação em enfermagem. I. Erdmann,
Alacoque Lorenzini. II. Santos, José Luís Guedes dos. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em . IV. Título.

FERNANDA HANNAH DA SILVA COPELLI

**EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:
TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Alacoque Lorenzini Erdmann, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Jussara Gue Martini, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Dirce Stein Backes, Dr.(a)
Universidade Franciscana

Prof.(a) Gabriela Marcellino de Melo Lanzoni, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de doutor em enfermagem.

Prof.(a) Jussara Gue Martini, Dr.(a)
Coordenador(a) do PEN/UFSC

Alacoque Lorenzini Erdmann, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2019.

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, por iluminar meus caminhos, conduzir meus passos, renovar minhas forças e minha fé.

À minha mãe **Rita**, por me amparar, apoiar e incentivar.

Ao meu irmão **Guto**, por me motivar.

À toda a minha **família**, por entender os momentos de ausência. Amo vocês.

Aos **amigos**, pela força.

À minha orientadora **Alacoque**, pela oportunidade, paciência, compreensão, pelo exemplo e apoio.

Ao meu coorientador **Zé**, pela confiança e pelos conselhos.

À **Universidade Federal de Santa Catarina**, por mais uma etapa concluída.

Ao **Programa de Pós-graduação em Enfermagem**, pelo suporte.

Ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, pelo auxílio financeiro.

Aos **professores**, pelo conhecimento.

À **banca**, pelas contribuições.

Ao **Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e Educação de Enfermagem e Saúde (GEPADES)**, pelas trocas de experiências.

À **turma de doutorado 2016**, pela amizade.

Aos **participantes** deste estudo, pela colaboração.

E a todos que de alguma forma fizeram parte disso tudo. Muito obrigada.

RESUMO

Este estudo teve como objetivos identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem e compreender o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem. A sustentação teórica baseou-se nos tópicos: (i) Aspectos históricos e conceituais sobre empreendedorismo, (ii) Contextualizando o processo de formação do enfermeiro e o mercado de trabalho em enfermagem, (iii) Educação empreendedora. Tratou-se de uma pesquisa quanti-qualitativa que foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina com os pareceres número 2.620.227 e CAAE 81636017.9.0000.0121 em 25 de abril de 2018 e 3.166.536 e CAAE 81636017.9.0000.0121 em 24 de fevereiro de 2019. O cenário de investigação foi o Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. O estudo quantitativo foi uma pesquisa descritiva transversal, com 84 discentes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina em nível de mestrado e doutorado acadêmico no ano de 2018. A população elegível foi considerada de acordo com os critérios de inclusão e exclusão do estudo. O critério de inclusão empregado foi estar regularmente matriculado no programa e ter disponibilidade para responder ao questionário. Foram excluídos os discentes de mestrado e o doutorado interinstitucional por dificuldade de acesso a esses participantes e do pós-doutorado pelo número reduzido de estudantes. A amostragem foi não probabilística. Para a coleta dos dados, foi utilizado o Teste de Tendência Empreendedora Geral que apresenta uma análise própria para os dados. Além disso, foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis do estudo. O estudo qualitativo foi orientado pela metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados. Os participantes da pesquisa foram definidos por meio da composição de grupos amostrais. O primeiro grupo amostral foi delimitado de forma intencional por 15 discentes do programa, sendo 6 mestrandos e 9 doutorandos, com base nos resultados do estudo quantitativo. Os critérios de inclusão aplicados foram estar regularmente matriculados no programa e ter disponibilidade para participar do estudo. Foram excluídos os discentes do mestrado e o doutorado interinstitucional por dificuldade de acesso a esses participantes e do pós-doutorado pelo número reduzido de estudantes. O segundo grupo amostral surgiu da análise dos dados do primeiro, sendo constituído por 7 docentes do programa. Os grupos amostrais foram determinados até o alcance da saturação teórica dos dados. Nesse sentido, totalizou-se 22 entrevistas intensivas. A coleta e análise dos dados foram feitas de forma simultânea, por meio de codificação inicial e focalizada. Os resultados deste estudo estão descritos na forma de dois manuscritos intitulados: (i) Tendência empreendedora geral de estudantes de pós-graduação em enfermagem e (ii) Compreendendo o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem. Por fim, sustenta-se a tese de que o empreendedorismo entre estudantes de pós-graduação em enfermagem é baixo, mas vem avançando nos aspectos relacionados à necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação. No programa, a compreensão dos docentes e discentes aponta para o fenômeno “vislumbrando o empreendedorismo e a educação empreendedora na pós-graduação em enfermagem”.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação Empreendedora. Tendência Empreendedora Geral. Enfermagem. Pós-graduação em Enfermagem.

ABSTRACT

This study aimed to identify the general entrepreneurial tendency of graduate students in nursing and to understand entrepreneurship and entrepreneurial education in the context of graduate nursing. Theoretical support was based on the following topics: (i) Historical and conceptual aspects of entrepreneurship, (ii) Contextualizing the process of training nurses and the nursing job market, (iii) Entrepreneurial education. It was a quantitative and qualitative research that was approved by the Research Ethics Committee of the Federal University of Santa Catarina with the opinions number 2,620,227 and CAAE 81636017.9.0000.0121 on April 25, 2018 and 3,166,536 and CAAE 81636017.9.0000.0121 on February 24, 2019. The research scenario was the Postgraduate Program in Nursing at the Federal University of Santa Catarina. The quantitative study was a cross-sectional descriptive study, with 84 students of the Graduate Program in Nursing at the Federal University of Santa Catarina at the level of master's and academic doctoral degrees in 2018. The eligible population was considered according to the inclusion criteria and exclusion from the study. The inclusion criterion employed was to be regularly enrolled in the program and to be available to answer the questionnaire. Masters and inter-institutional doctoral students were excluded due to difficulties in accessing these participants and post-doctoral students due to the reduced number of students. Sampling was non-probabilistic. For data collection, the General Entrepreneurial Tendency Test was used, which presents its own analysis for the data. In addition, descriptive analyzes were performed for all study variables. The qualitative study was guided by the Grounded Theory methodology. The research participants were defined through the composition of sample groups. The first sample group was intentionally delimited by 15 students in the program, 6 of whom were masters and 9 doctoral students, based on the results of the quantitative study. The inclusion criteria applied were being regularly enrolled in the program and being available to participate in the study. Masters and interinstitutional doctoral students were excluded due to difficulties in accessing these participants and post-doctoral students due to the reduced number of students. The second sample group emerged from the analysis of the data of the first, being constituted by 7 teachers of the program. The sample groups were determined until reaching theoretical data saturation. In this sense, there were 22 intensive interviews. Data collection and analysis were done simultaneously, through initial and focused coding. The results of this study are described in the form of two manuscripts entitled: (i) General entrepreneurial tendency of graduate students in nursing and (ii) Understanding entrepreneurship and entrepreneurial education in the context of graduate nursing. Finally, it is supported the thesis that entrepreneurship among graduate students in nursing is low, but has been advancing in aspects related to the need for achievement, the need for autonomy/independence and impulse and determination. In the program, the understanding of teachers and students points to the phenomenon "glimpsing entrepreneurship and entrepreneurial education in graduate nursing".

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneurial Education. General Entrepreneurial Trend. Nursing. Postgraduate Nursing.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar la tendencia empresarial general de los estudiantes de posgrado en enfermería y comprender el espíritu empresarial y la educación empresarial en el contexto de la enfermería de posgrado. El apoyo teórico se basó en los siguientes temas: (i) Aspectos históricos y conceptuales del emprendimiento, (ii) Contextualizar el proceso de capacitación de enfermeras y el mercado laboral de enfermería, (iii) Educación emprendedora. Fue una investigación cuantitativa y cualitativa que fue aprobada por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Federal de Santa Catarina con las opiniones número 2,620,227 y CAAE 81636017.9.0000.0121 el 25 de abril de 2018 y 3,166,536 y CAAE 81636017.9.0000.0121 el 24 de febrero de 2019. El escenario de investigación fue el Programa de Posgrado en Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina. El estudio cuantitativo fue un estudio descriptivo transversal, con 84 estudiantes del Programa de Posgrado en Enfermería de la Universidad Federal de Santa Catarina a nivel de maestría y doctorado académico en 2018. La población elegible se consideró de acuerdo con los criterios de inclusión y exclusión del estudio. El criterio de inclusión empleado fue inscribirse regularmente en el programa y estar disponible para responder el cuestionario. Los estudiantes de maestría y doctorado interinstitucional fueron excluidos debido a las dificultades para acceder a estos participantes y los estudiantes posdoctorales debido al reducido número de estudiantes. El muestreo no fue probabilístico. Para la recopilación de datos, se utilizó la Prueba general de tendencia empresarial, que presenta su propio análisis de los datos. Además, se realizaron análisis descriptivos para todas las variables de estudio. El estudio cualitativo se guió por la metodología de la teoría fundamentada. Los participantes de la investigación se definieron a través de la composición de grupos de muestra. El primer grupo de muestra fue delimitado intencionalmente por 15 estudiantes en el programa, 6 de los cuales eran maestros y 9 estudiantes de doctorado, según los resultados del estudio cuantitativo. Los criterios de inclusión aplicados fueron inscribirse regularmente en el programa y estar disponibles para participar en el estudio. Los estudiantes de maestría y doctorado interinstitucional fueron excluidos debido a las dificultades para acceder a estos participantes y los estudiantes posdoctorales debido al reducido número de estudiantes. El segundo grupo de muestra surgió del análisis de los datos del primero, constituido por 7 docentes del programa. Los grupos de muestra se determinaron hasta alcanzar la saturación de datos teóricos. En este sentido, hubo 22 entrevistas intensivas. La recopilación y el análisis de los datos se realizaron simultáneamente, mediante codificación inicial y focalizada. Los resultados de este estudio se describen en forma de dos manuscritos titulados: (i) Tendencia empresarial general de los estudiantes de posgrado en enfermería y (ii) Comprender el emprendimiento y la educación empresarial en el contexto de la enfermería de posgrado. Finalmente, se apoya la tesis de que el emprendimiento entre los estudiantes de posgrado en enfermería es bajo, pero ha avanzado en aspectos relacionados con la necesidad de logro, la necesidad de autonomía/independencia e impulso y determinación. En el programa, la comprensión de docentes y estudiantes señala el fenómeno "vislumbrando el espíritu empresarial y la educación empresarial en enfermería de posgrado".

Palabras clave: Emprendimiento. Educación emprendedora. Tendencia emprendedora general. Enfermería Postgrado en Enfermería.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Etapas da pesquisa.....	37
Figura 2 – Visão geral do software NVIVO® 10.....	60
Figura 3 – Codificação inicial	61
Figura 4 – Codificação focalizada	62
Figura 5 – Memorando 1 sobre os resultados do estudo	63
Figura 6 – Diagrama 2 sobre a organização do modelo esquemático	63
Figura 7 – Diagrama 3 sobre a organização do modelo esquemático	64
Figura 8 – Modelo representativo do fenômeno, categorias e subcategorias.....	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégia de busca	35
Quadro 2 – Artigos selecionados.....	38
Quadro 3 – Descrição das variáveis	54
Quadro 4 – As dimensões e as respectivas questões do Teste de Tendência Empreendedora Geral	56
Quadro 5 – As dimensões e as máximas e médias do Teste de Tendência Empreendedora Geral	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição da amostra de acordo com as características sócio acadêmicas	71
Tabela 2 – Descrição da amostra de acordo com as dimensões do TEG	73
Tabela 3 – Análise bivariada	74
Tabela 4 – Regressão logística	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDENF	Bases de Dados de Enfermagem
CINAHL	Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature
CEPETEC	Centro de Pesquisa em Tecnologias de Cuidado em Enfermagem e Saúde
GA	Grupo amostral
GEPADES	Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e Educação de Enfermagem e Saúde
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LILACS	Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde
OR	Odds Ratio
PEN	Programa de Pós-graduação em Enfermagem
PNE	Plano Nacional de Educação
PUBMED	Publisher Medline
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SCOPUS	Sci Verse Scopus
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEG	Teste de Tendência Empreendedora Geral
TFD	Teoria Fundamentada nos Dados
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	15
2 INTRODUÇÃO	16
3 OBJETIVOS	19
4 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA	20
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS SOBRE EMPREENDEDORISMO.....	20
4.1.1 O empreendedorismo e outros conceitos	23
4.2 CONTEXTUALIZANDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO E O MERCADO DE TRABALHO EM ENFERMAGEM	27
4.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	29
4.4 MANUSCRITO 1 – EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM ENFERMAGEM.....	32
5 MÉTODO	52
5.1 DESENHO DO ESTUDO	52
5.2 LOCAL.....	52
5.3 ETAPA QUANTITATIVA	53
5.3.1 População e amostra.....	53
5.3.2 Descrição das variáveis	53
5.3.3 Coleta dos dados	55
5.3.4 Análise dos dados.....	56
5.4 ETAPA QUALITATIVA	57
5.4.1 Participantes do estudo	58
5.4.1.1 Perfil sócio profissional da amostragem teórica.....	59
5.4.2 Coleta e análise dos dados.....	59
5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	64
6 RESULTADOS	66
6.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS	66
6.1.1 Manuscrito 2 – Tendência empreendedora geral de estudantes de pós-graduação em enfermagem.....	66
6.2 RESULTADOS QUALITATIVOS.....	89
6.2.1 Manuscrito 3 – Compreendendo o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem	89
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUANTITATIVO	122
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	125
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	126

1 APRESENTAÇÃO

O objeto desta tese de doutorado é o empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem. Este estudo, vincula-se a área de concentração 2 – Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem e a linha de pesquisa Tecnologias e Gestão em Educação, Saúde e Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O interesse por essa temática surgiu a partir da minha trajetória acadêmica no que diz respeito as produções desenvolvidas tanto no contexto da graduação quanto no da pós-graduação em enfermagem. Ademais, todas as minhas investigações foram realizadas com vínculo ao Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e Educação de Enfermagem e Saúde (GEPADES) o que contribuiu com o interesse pelo tema. Cabe ainda ressaltar que o presente trabalho é uma espécie de continuação e aprofundamento teórico da minha dissertação de mestrado intitulada “Empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem”.

Inicialmente, minha inspiração em trabalhar essa temática foi galgar melhorias e tecnologias para a enfermagem. Hoje em dia, mais do que isso, é a responsabilidade de promover para o mercado de trabalho em enfermagem uma saída mais vantajosa, satisfatória e de valor a partir do desenvolvimento de uma cultura e educação empreendedora desde a formação.

Aliado a isso, incluo a minha maturidade profissional, conquistada ao longo desses anos de pós-graduação, não somente no que diz respeito a pesquisa científica, mas também como profissional empreendedora da área materno-infantil em enfermagem. Nesse sentido, considero-me privilegiada em pesquisar sobre o que atuo e atuar sobre o que pesquiso.

A fim de melhor entender o empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa que está organizada em sete tópicos. A saber: introdução, objetivos, sustentação teórica, método, resultados, considerações finais e referências.

Espero que goste da leitura!

2 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo pode ser definido como a ação estimuladora da transformação para a obtenção de sucesso. Na enfermagem, é uma estratégia para auxiliar os enfermeiros a lidar com problemas comuns à profissão, a partir do planejamento, organização e desenvolvimento de novos métodos de trabalho (COSTA et al., 2013).

Desde meados do século XIX, por meio da atuação pioneira de Florence Nightingale, o empreendedorismo ocorre na enfermagem (COSTA et al., 2009). Entretanto, somente na contemporaneidade ganhou destaque, por conta da necessidade de superação dos desafios profissionais emergentes, como a dificuldade na obtenção de emprego, a instabilidade econômica nacional e os aspectos salariais desanimadores (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015).

Nesse sentido, o alcance do empreendedorismo e a superação dos desafios, induz o repensar das instituições de ensino superior para a formação contextualizada do profissional (PARDINI; SANTOS, 2008). Cabendo a enfermagem investir na formação de egressos obstinados em redesenhar suas carreiras, a partir do desenvolvimento de autonomia profissional e de cultura empreendedora (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015).

A formação de profissionais com perfil empreendedor, remete ao conceito de educação empreendedora, que visa a formação de profissionais criativos, reflexivos, comunicativos, líderes e aptos a percepção de oportunidades e superação de desafios, em detrimento de profissionais engessados para o mercado de trabalho (HENRIQUE; CUNHA, 2008). Ademais, a educação empreendedora, possibilita a construção de profissionais qualificados, proativos e socialmente responsáveis (COSTA et al., 2013).

Apesar disso, a educação empreendedora ainda é embrionária no Brasil. Cursos de graduação e pós-graduação em administração foram pioneiros na área e mais recentemente inspiraram outras profissões. Por algum tempo, pensou-se que o ensino do empreendedorismo seria mais um modismo educacional para a salvação da sociedade. Em outro contexto, o empreendedorismo já foi tido como um conteúdo que não pode ser aprendido nem ensinado. Entretanto, a inserção da educação empreendedora vem ganhando espaço em diversas unidades de ensino, como nas escolas, programas de extensão, pós-graduação e MBA (HENRIQUE; CUNHA, 2008).

Na enfermagem, o empreendedorismo é pouco discutido na literatura, porém percebe-se a gradual consolidação da temática ao longo dos anos (POLAKIEWICZ et al., 2013). Essa visibilidade está associada à construção de novos campos de atuação. À exemplo disso, está o aumento da atividade liberal e empresarial por meio do exercício profissional em clínicas, realizando consultas e orientações e administrando medicamentos e tratamentos prescritos (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015).

Assim, acredita-se que a enfermagem é uma profissão em ascensão, mas que ainda precisa desbravar novos campos a partir de estratégias inovadoras e empreendedoras de ensino que permitam aos enfermeiros descobrir e atuar em espaços que não sejam somente os tradicionais de cuidado (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015). A pós-graduação em enfermagem, portanto, por ser um cenário de desenvolvimento de tecnologia e inovação apresenta-se como um campo favorável ao desenvolvimento e consolidação do empreendedorismo. Principalmente por possuir como objetivo incentivar e implementar o desenvolvimento de projetos empreendedores na gestão e no cuidado de enfermagem (SCOCHI et al., 2014).

A partir do panorama apresentado, surgiu o interesse em desenvolver um estudo que busque responder as seguintes **questões de pesquisa**: Qual a tendência empreendedora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina? Como ocorre o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem?

Cabe destacar que o interesse por esta temática se justifica pela experiência e trajetória da pesquisadora, no que diz respeito às investigações e ações previamente desenvolvidas como mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC) e como membro do Laboratório de Pesquisa, Tecnologia e Inovação em Políticas e Gestão do Cuidado e Educação de Enfermagem e Saúde (GEPADES). Em especial, com a construção da dissertação de mestrado que procurou compreender o empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem. Sendo assim, a intenção com esta proposta é dar continuidade aos estudos referentes ao empreendedorismo, bem como avançar em relação à educação empreendedora.

Nesse sentido, parte-se da hipótese de tese de que o empreendedorismo é incipiente no PEN/UFSC, apesar do programa possuir uma trajetória visionária, de formação de lideranças e formação pautada no olhar crítico sobre a realidade, especialmente no campo das relações humanas, políticas e sociais. A incipiência do

empreendedorismo no cenário da pós-graduação em enfermagem é coerente com o patamar dessa prática na profissão, que ainda discute muito pouco o tema e ocupa espaços no mercado de trabalho de pouco destaque, comparado a outras profissões da saúde.

3 OBJETIVOS

A partir da problemática apresentada, este tudo teve dois objetivos gerais:

- Identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem.
- Compreender o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem.

4 SUSTENTAÇÃO TEÓRICA

A sustentação teórica deste estudo contém uma revisão narrativa da literatura e uma revisão integrativa. Para a revisão narrativa, utilizaram-se diferentes bases de dados como a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a Publisher Medline (PUBMED), entre outras, com os descritores e/ou palavras-chave: empreendedorismo, enfermagem, mercado de trabalho, educação, educação empreendedora e ensino empreendedor. A revisão integrativa está apresentada em um tópico específico descrito mais adiante e corresponde ao Manuscrito 1 desta tese, com foco em empreendedorismo na educação em enfermagem.

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS SOBRE EMPREENDEDORISMO

O termo empreendedorismo surgiu em meados do século XV das palavras francesas *entrepreneur* e *entreprende*, que significam respectivamente empresário/empreendedor e empreender (SLEPCEVIC-ZACH; STOCK; TAFNER, 2014). Entretanto, ao longo dos anos o conceito se disseminou para outras áreas do conhecimento, assumindo um caráter polissêmico e multidisciplinar (ALMEIDA et al., 2013).

Foi no século XVI a primeira tentativa de conceituação do empreendedorismo. Nesta ocasião, o termo referia-se à gestão de ações militares (BOHNENBERGER; SCHMIDT, 2015). Em 1725, um economista franco-irlandês chamado Richard Cantillon (1680-1734) definiu empreendedor como o indivíduo/empresário que assume riscos (DANTAS, 2008). Para Cantillon, esse empresário, poderia ser tanto um comerciante, quanto um artesão ou agricultor (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

A visão de empreendedor como aquele que introduzia novas ideias ou aquele que se arriscava, surgiu somente em meio a Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra. Depois disso, disseminou-se para a França e os Estados Unidos (EUA) nos primeiros anos do século XIX e para a Alemanha nas últimas décadas do mesmo século (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

A Revolução Industrial foi um momento histórico caracterizado pela expansão das atividades fabris, gerenciais, empresariais e manufatureiras. Esse período foi

determinante para que em 1814, o economista francês Jean-Baptiste Say, definisse o empreendedor como a pessoa que transfere recursos de um setor com pouca produtividade para um de maior produtividade (DANTAS, 2008). Além disso, este autor enfatizou a importância do empreendedor no processo econômico (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Carl Menger, economista austríaco, em 1871, conceituou o empreendedor como aquele que antecipa necessidades. Em 1921, Frank Knigh, disse que o empreendedorismo está relacionado com o fato de lidar com as incertezas, sendo elas, o risco e a ambiguidade. Ludwig von Mises, economista austríaco, em 1949, conceituou o empreendedor como um tomador de decisões e fez relações do empreendedorismo ao setor econômico do mercado, contrapondo o socialismo. Em 1959, Friedrich von Hayek, também economista austríaco, afirmou que o empreendedorismo envolvia riscos e descobertas de oportunidades de mercado (DANTAS, 2008).

Joseph Schumpeter (1883-1950), economista austríaco, considerado o principal teórico clássico do empreendedorismo, por volta de 1950, apresentou o conceito de empreendedor mais utilizado por teóricos da área. Segundo ele, o empreendedor é um sujeito inovador e criativo que alavanca o desenvolvimento econômico a partir da mudança nos padrões de produção (DANTAS, 2008; COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Schumpeter tem duas obras sobre o empreendedorismo: um capítulo no livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico* e um artigo preparado para um Handbook em 1928. Na primeira edição do livro, Schumpeter afirmou que existem pessoas que podem ser empreendedoras e outras não. Nas demais edições, o autor definiu “função empreendedora” que seria a articulação de outras competências que não as pessoais, para a constituição de um empreendedor e caracteriza o termo inovação. Para Schumpeter uma inovação pode ser um novo bem ou uma modificação de um bem, um novo método, um novo negócio, uma nova matéria-prima, uma nova organização (MELO, 2008).

David McClelland, psicólogo, em 1961, afirmou que o empreendedor tem necessidade de realização e sucesso. Para ele o empreendedor possui características como tomar decisões, tomar riscos calculados, ter responsabilidades e habilidades organizacionais. McClelland não nega as teorizações de Schumpeter, mas acrescenta que o empreendedor não está apenas pautado no desenvolvimento econômico, mas

também no comportamento adquirido com as atividades e relações humanas (MELO, 2008).

Nesse sentido, pode-se dizer que o empreendedorismo pode ser analisado por duas perspectivas, pela perspectiva econômica e pela perspectiva comportamentalista. O conceito que inicialmente disseminou-se no âmbito econômico para atender as necessidades de mercado, na contemporaneidade, assumiu caráter social, político e institucional (ALMEIDA et al., 2013). Assim, para os comportamentalistas, o empreendedorismo está associado a um comportamento e/ou atitude baseada em características empreendedoras (GOMES; LIMA; CAPPELE, 2017), o que deu origem ao conceito de perfil empreendedor. Essa diferença caracteriza-se em termos conceituais em ação empreendedora, aquela com foco na atividade econômica, no processo, serviço ou negócio e; comportamento empreendedor, aquele motivado pelo perfil e/ou condição humana (BULGACOV et al., 2011). O perfil empreendedor, portanto, compreende uma série de características, habilidades e comportamentos em comum em uma sociedade ou organização (ROCHA; FREITAS, 2014; SANTOS et al., 2017).

Em 1970 Peter Drucker definiu o empreendedor como alguém que prioriza sua carreira e sua segurança financeira, corre riscos em nome de uma ideia, investindo tempo e dinheiro em algo incerto. Além dos autores supracitados, outras personalidades também fizeram contribuições para o entendimento do empreendedorismo ao longo dos anos (DANTAS, 2008), o que caracteriza a heterogeneidade conceitual do termo até os dias atuais. Entretanto, todos os conceitos convergem para uma ideia central em que o empreendedorismo pode ser generalizado como a criação ou aperfeiçoamento de algo, gerando benefícios aos indivíduos e a sociedade (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015)

O empreendedor é um sujeito capaz de inovar, possuir uma boa rede de contatos, planejar, estabelecer metas e alcançá-las (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015). Possui habilidades como autoconfiança, motivação, perseverança, percepção de oportunidades e intuição (DOLABELA, 1999). Cabe a ele, criar, organizar, planejar, liderar ter visão de futuro, trabalhar em equipe e acima de tudo ser inovador (SANTOS et al., 2017). É necessário que um empreendedor seja organizado, conheça sobre a utilização de recursos, avalie o trabalho, assuma riscos que agreguem valor para a sociedade (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015).

As habilidades de um empreendedor podem ser classificadas em três áreas: técnicas, gerenciais e pessoais. As habilidades técnicas estão relacionadas ao saber

ouvir, falar, escrever, entender, ser organizado, liderar, trabalhar em equipe e ter *know-how* na sua área de atuação. As habilidades gerenciais envolvem o processo de criação, desenvolvimento e gerenciamento da organização: marketing, administração, finanças, operacionalização, produção, tomada de decisão, controle e negociação. Já, as habilidades pessoais envolvem a disciplina, saber assumir riscos, ser inovador, apto a mudanças, persistente e visionário (DORNELAS, 2005).

O empreendedor possui oito características atitudinais que o definem. São elas: auto eficácia, capacidade de assumir riscos calculados, ser planejador, detector de oportunidades, persistência, ser sociável, inovador e líder. A auto eficácia está relacionada a capacidade de mobilizar recursos para exercer controle sobre os eventos. Assumir riscos calculados associa-se a relação entre as variáveis que podem influenciar negativamente no projeto e a partir disso dar continuidade aos objetivos. O planejamento refere-se ao fato do empreendedor se preparar para o futuro. A detecção de oportunidades é a habilidade de reconhecer informações abstratas e fazer uso efetivo delas. Ser persistente consiste em trabalhar intensivamente mesmo com as adversidades. Ser sociável trata-se de utilizar a rede social para atividades profissionais. Ser inovador é ser criativo. E, por fim, a liderança é a influência sobre os demais (SCHMIDT; BOHNENBERGER, 2009).

4.1.1 O empreendedorismo e outros conceitos

Como visto anteriormente, nas últimas décadas muito tem se falado sobre empreendedorismo e para acompanhar a polissemia conceitual do termo, bem como a variedade de situações nas quais pode ser empregado, identificam-se na literatura diferentes associações do mesmo com outras áreas e conceitos. À exemplo disso, destaca-se o empreendedorismo social, o intraempreendedorismo, o empreendedorismo feminino, o empreendedorismo rural, o empreendedorismo jovem e o empreendedorismo sustentável.

O empreendedorismo social não é um tema recente, mas emergiu de forma mais expressiva no século XX a partir de personalidades como Luther King e Gandhi. Nos EUA, o fenômeno surgiu a partir de atividades de geração de renda por meio de organizações civis. No Brasil, somente na década de 90, houve a disseminação do termo (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014). Ainda não há consenso na literatura sobre uma terminologia única que caracterize e defina o empreendedorismo social, pois ainda

existe uma diversidade de nomenclaturas e confusão entre diferentes conceitos, fragmentando e dificultando o crescimento do conhecimento em empreendedorismo social (SAEBI; FOSS; LINDER, 2019). O que se observa em geral, é a terminologia assumindo aspectos importados do ambiente econômico e corporativo, mesmo em áreas não corporativas. De forma restrita, o empreendedorismo social está associado às iniciativas empreendidas por organizações sem fins lucrativos. Porém de forma mais ampla, pode ser entendido como a criação de valor social e introdução de inovações, serviços ou produtos para a transformação social (SILVA; MOURA; JUNQUEIRA, 2015). O empreendedorismo social tem como função suprimir problemas sociais, porém não é considerado atividade assistencialista ou caritativa, afinal, essas ações são momentâneas, utilizadas em tragédias, crises sociais e ambientais e raramente eliminam problemas sociais pertinentes, ou seja, não ajudam as pessoas a mudarem de fato os seus cenários (OLIVEIRA et al., 2016a).

Na área da enfermagem, o empreendedorismo social vem ganhando destaque, em especial, por estimular os enfermeiros a assumirem e protagonizarem novos espaços de atuação na comunidade, principalmente articulados ao Sistema Único de Saúde e Estratégia Saúde da Família. Estudiosos da área afirmam que nesse cenário podem ser desenvolvidas ações privadas de enfermagem, como consultas e visitas, ou não privadas, como ações de educação em saúde (BACKES; ERDMANN, 2009; FARMER; KILPATRICK, 2009; BACKES et al., 2012).

O setor econômico está cada vez mais competitivo, exigente e desafiador para a maioria das organizações, reflexo do aumento significativo da globalização e das tecnologias. O que gera várias complexidades organizacionais e, para sobreviver e ter sucesso, as organizações precisam enfrentá-las aprimorando seus produtos, serviços e estratégias de negócios para manter uma vantagem competitiva (GAWKE; GORGIEVSKI; BAKKER, 2019).

O intraempreendedorismo, ou empreendedorismo corporativo, trata-se da prática empreendedora dentro de uma organização ou empresa, ou seja, é o empreendedorismo interno. Tal conceito, difundiu-se no campo científico durante os anos de 1970 e 1990. Inicialmente, o termo foi associado às inovações organizacionais e mais tarde à criação de novos produtos, processos e negócios pelos funcionários de uma empresa. A diferença principal entre o empreendedor e o intraempreendedor é o suporte organizacional e a contribuição de outras pessoas para o crescimento interno (BALDISERA; CERETTA; REIS, 2017). Assim, o intraempreendedorismo como um

conceito organizacional, evoluiu substancialmente ao longo dos anos, mostrando que uma cultura de inovação a partir da prática intraempreendedora, pode levar a considerável desenvolvimento organizacional em termos de desempenho de empresa, inovação, lucratividade e competitividade (BARUAH; WARD, 2015). Nesse sentido, o intraempreendedorismo pode ser conceituado como um comportamento de trabalho estratégico e autêntico, voltado para novos empreendimentos e renovação estratégica organizacional (GAWKE; GORGIEVSKI; BAKKER, 2019).

O trabalho em enfermagem pode ser classificado como uma atividade intraempreendedora, em especial, nos campos das organizações públicas e no campo do ensino. Em ambos os contextos, os enfermeiros estão incluídos em uma organização, interagindo em equipe, dividindo tarefas e responsabilidades (SUNDIN; TILLMAR, 2008).

Nos últimos 30 anos, na sociedade contemporânea, as mulheres conseguiram ocupar diversos espaços de trabalho, tornando-se, inclusive, empreendedoras bem-sucedidas (LOPES et al., 2016). Sendo que boa parte desta ascensão foi motivada pela busca feminina pelo estudo, elevando seu nível educacional e econômico. Desta forma, é crescente o número de mulheres ocupando cargos importantes em empresas, ou abrindo seu próprio negócio, que muitas vezes está direcionado ao próprio público feminino (SANTOS et al., 2017). Além disso, as mulheres empreendedoras possuem características que compreendem o perfil empreendedor, como persistência, determinação, coragem, confiança, perseverança, visão de mercado e de oportunidades (CARREIRA et al., 2015). O empreendedorismo feminino é mais uma prova de que o campo do empreendedorismo é muito vasto e amplo, o que leva ao surgimento de novos conhecimentos em diferentes áreas e nuances, como esta, onde se analisa o empreendedorismo pela perspectiva do feminino (LOPES et al, 2016).

Na enfermagem, o número de mulheres ainda é superior se comparado ao número de homens, representando 70% da força de trabalho. Entretanto, a maior parte dos espaços de atuação profissional ocupados pela enfermagem ainda se concentram no setor público ou privado com regime de contratação (MACHADO; VIEIRA; OLIVEIRA, 2012), mostrando que o empreendedorismo feminino ainda não é uma realidade para a enfermagem.

A atividade rural brasileira ainda pode ser considerada como uma das principais fontes de economia nacional. Nesse setor, a competitividade de mercado e as políticas agrícolas exigem do empreendedor habilidades especiais. Assim, define-se

empreendedor rural como aquele capaz de gerenciar atividades dentro do campo agropecuário. Nessa área, o empreendedor deve ser capaz de lidar com situações imprevistas, como variações cambiais e alterações climáticas (BRACHT; WERLANG, 2015). O empreendedorismo rural é um conceito em ascensão, consolidando-se no meio acadêmico. Ademais, pode ser analisado por diversas perspectivas, seja por meio do foco no desenvolvimento local, seja pela importância na mudança das condições de vida dos moradores rurais (BERNARDO; RAMOS; VILS, 2019).

Quanto ao empreendedorismo jovem, pesquisas da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), nos últimos anos, tem demonstrado aumento de empreendedores brasileiros na faixa-etária considerada jovem. Essa expansão foi motivada principalmente pelo desemprego, falta de autonomia profissional e de oportunidades. Acredita-se que o conhecimento e o ensino, aliado ao comportamento jovem, estimularam o crescimento da criação de negócios por esse público específico (BULGACOV et al., 2011). Além disso, dadas as dificuldades e os desafios que fazem parte da realidade do mercado de trabalho dos jovens, torna-se fundamental investir em educação empreendedora, uma vez que ajuda o jovem a ser protagonista responsável pelo desenvolvimento da sua região e do país (NUNES; MELLO, 2018).

A temática da sustentabilidade vem ganhando destaque principalmente pela preocupação e complexidade do gerenciamento dos recursos ambientais e possibilidade de escassez. Nesse sentido, o termo empreendedorismo sustentável começa a surgir em empresas preocupadas com o desenvolvimento sustentável a partir do tripé sócio-econômico-ambiental. O empreendedorismo sustentável pode ser definido como o descobrimento, desenvolvimento e exploração de oportunidades das áreas ambientais que garantem ganho econômico, social e ambiental. Pode-se dizer também que o crescimento dessa área advém de incentivos de políticas públicas para solução de problemas ambientais e sociais (BORGES et al., 2013). Por fim, destaca-se que o empreendedorismo sustentável remete a interação entre desenvolvimento sustentável e interesses e valores empresariais, agregando ações que gerem benefícios sociais e ambientais à atividade econômica (ORSIOLLI; NOBRE, 2016).

4.2 CONTEXTUALIZANDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO E O MERCADO DE TRABALHO EM ENFERMAGEM

Foi a partir da criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1923, o início da institucionalização do ensino de enfermagem no Brasil. Entretanto, o aumento no número de cursos de enfermagem ocorreu apenas nas décadas de 30 e 40 do século XX, quando os movimentos econômicos e políticos impulsionaram a necessidade de criação de uma força de trabalho qualificada em saúde. Nessa lógica, em 1949 foi aprovada a Lei nº 775, que regulamentava o ensino de enfermagem e tornava obrigatório a existência de cursos de enfermagem em todo centro de ensino de medicina (FERNANDES et al., 2013).

Em 1961, a educação passou a ser obrigação do poder público e livre para o setor privado. Isso foi possível através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 4.024. Porém, a grande mudança, veio a partir do ano de 1996, com a promulgação da nova LDB, Lei nº 9.394. Essa lei estabeleceu as diretrizes e bases para a educação brasileira, com transformações de cunho organizacional, curricular e de autonomia do processo educativo, além de ampliar o número de cursos e de vagas no ensino superior. Nessa mesma perspectiva, destaca-se o Plano Nacional de Educação (PNE) (2001-2010), que apresentou uma política para o desenvolvimento e expansão da educação superior no país. Foi encorajada por essas políticas transformadoras que a enfermagem seguiu, ampliando cursos e vagas no setor público e privado (FERNANDES et al., 2013).

Quanto a pós-graduação *stricto sensu* em enfermagem, os primeiros cursos de mestrado e doutorado surgiram a partir da década de 1930, nos Estados Unidos. Na América Latina, a criação dos primeiros cursos de mestrado acadêmico foi na Venezuela e Colômbia em 1969. No Brasil, o primeiro curso de mestrado acadêmico surgiu em 1972. Os cursos de doutorado acadêmico foram criados em 1982 no Brasil, 1999 na Venezuela, 2003 no México e 2004 na Colômbia (SCOCHI et al., 2013).

A pós-graduação brasileira iniciou em 1961 com a LDB a partir da necessidade de formação de recursos humanos qualificados para preencher o mercado de trabalho. Assim, em 1972 surge na Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro o primeiro curso de mestrado do país. Ainda na década de 70, mais oito cursos de mestrado foram criados: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1973), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (1975), Universidade Federal de

Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976), Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (1978), Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal da Paraíba (1979) (SCOCHI et al., 2013).

Na década de 80, houve menor expansão dos cursos de mestrado, entretanto foram criados quatro programas de doutorado: doutorado da Universidade de São Paulo Interunidades, criado em 1981 e com início em 1982, doutorado da Universidade Federal do Estado de São Paulo em 1986, doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1989 (SCOCHI et al., 2013).

Apesar de toda essa expansão, não somente dos cursos de pós-graduação como também nos de graduação em enfermagem no Brasil, ainda não é possível afirmar que esses estudantes e egressos possuam características, personalidade e comportamentos para idealizar e por em prática novas ideias, e, portanto, mostrarem-se empreendedores para a profissão e sociedade (RONCON; MUNHOZ, 2009). Além disso, o aumento no número de cursos de graduação em enfermagem, associado a diminuição de oferta de vagas pelas instituições empregatícias, tem elevado o número de enfermeiros desempregados, subempregados, ou ainda, na busca de uma colocação profissional ingressando na pós-graduação como alternativa e não como primeira escolha (OLIVEIRA et al., 2016b). Ademais, elenca-se a insatisfação no trabalho e baixos salários, como reflexo da formação profissional despreocupada com a preparação de competências destes alunos para o mercado de trabalho complexo e competitivo (ANDRADE; DAL BEN; SANNA, 2015). Dessa forma, ressalta-se a importância do empreendedorismo na graduação e na pós-graduação em enfermagem. Assim como a necessidade de ampliar o conhecimento acerca da inserção dos enfermeiros no mercado de trabalho (LIMA et al., 2017).

O modo de inserção dos enfermeiros no mercado de trabalho, resulta do seu processo de formação e da sua prática profissional cotidiana, o que implica social e economicamente na sua trajetória profissional e no cenário do trabalho de enfermagem atual (OLIVEIRA et al., 2016b). O mercado de trabalho apresenta-se com fortes exigências de produtividade e qualidade e para tanto, torna-se essencial a implantação de modelos de formação e de gestão da força de trabalho baseados em competências que abranjam tanto a flexibilidade técnico-instrumental como a flexibilidade intelectual (COLENCI; BERTI, 2012). Neste contexto, há um grande desafio por parte dos educadores, no sentido de formar profissionais aptos a responderem as demandas da

sociedade complexa e também se inserirem em um mercado de trabalho competitivo. Assim, a formação não pode privilegiar apenas a entrada e permanência no mercado de trabalho, como também deter-se a uma formação humanizada, que favoreça a construção de profissionais críticos, autônomos e com capacidade de transformação (JESUS et al., 2013).

Para tanto, faz-se necessário desenvolver nos enfermeiros um perfil empreendedor a partir da reestruturação do processo de formação (PARDINI; SANTOS, 2008). Partindo-se do princípio que o desenvolvimento do perfil empreendedor se baseia em aprender a aprender, abrir espaço para a criatividade, buscar referenciais para aprender as competências, perceber os melhores conteúdos programáticos, entender e descobrir a dinâmica educacional mais adequada e analisar os mecanismos que colocarão a ação em atividade (PEREIRA, MACHADO, 2013), para este fenômeno denomina-se educação empreendedora.

Nessa perspectiva, cabe compreender, por exemplo, que ser empreendedor é ter senso de oportunidade, dominância, energia, autoconfiança, dinamismo, otimismo, independência, persistência, flexibilidade, resiliência, criatividade, propensão ao risco, liderança, habilidade de relacionamento (BERNARDI, 2007), gerenciamento, impulso e a determinação, autonomia e criatividade (CARVALHO et al., 2016) e que desenvolver essas competências nos dias atuais é fundamental para o enfermeiro (PARDINI; SANTOS, 2008).

4.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

A educação é o único caminho para criar uma sociedade mais empreendedora. O processo é lento, o potencial empreendedor em geral é grande, mas está latente (CUNHA, SOARES, FONTANILLAS, 2009) e por essa razão precisa se investir em educação empreendedora formal, desde o nível fundamental ao universitário (TAVARES, MOURA, ALVES, 2013). Afirmar que uma universidade é uma instituição empreendedora significa dizer que neste ambiente o empreendedorismo assume todos os espaços, em especial os relacionados ao tripé ensino, pesquisa e extensão (MIRANDA; SILVEIRA, 2009).

Educação empreendedora trata-se da instrumentalização do educando para realizar escolhas e contribuir com o fortalecimento do seu projeto de vida, preparando-o para participar do processo de construção de desenvolvimento social, objetivando

desenvolver habilidades e competências que fortaleçam a sua liberdade para decisão sobre seu futuro (TAVARES, MOURA, ALVES, 2013). Entretanto, em grande parte dos conceitos sobre educação empreendedora, observa-se a ideia de que a educação empreendedora é usada para inspirar sobre o empreendedorismo entre estudantes, a fim de que eles possam gerar oportunidades de emprego para si e para seus colegas e erradicação da pobreza. Porém a educação empreendedora não foca apenas na busca pela melhor colocação no mercado de trabalho, pois se trata também de um método para educar as pessoas com as habilidades e os conhecimentos necessários para aproveitar as oportunidades (BAKAR; ISLAM; LEE, 2015).

O empreendedor assume o desafio do desemprego e fornece uma ocupação para ele e para os outros ao ser inovador, é o ato do empreendedorismo. A educação é usada para inspirar o empreendedorismo entre os jovens graduados, a fim de que eles possam gerar oportunidades de emprego para si e para seus colegas. A educação também é vista como um método para erradicar a pobreza. De mãos dadas, o empreendedorismo e a educação desempenham um papel vital e têm sido um interesse dos pesquisadores. A educação para o empreendedorismo é usada para educar as pessoas com as habilidades e os conhecimentos necessários para aproveitar a oportunidade apresentada (BAKAR; ISLAM; LEE, 2015).

A educação empreendedora além de disseminar a cultura empreendedora, repercute em diversas vantagens ao educando e envolvidos, como: auto realização, formação de lideranças, formação de micro e pequenas empresas, ampliação de conhecimento com base tecnológica e diminuição do desemprego (DOLABELA, 2008).

Entretanto, por muito tempo cultuou-se a ilusão de que empreender tratava-se de um dom e por isso não poderia ser aprendido nem ensinado. Hoje, compreende-se que o estudante universitário precisa ao menos ter uma base do assunto, independente do curso superior que esteja fazendo (CUNHA, SOARES, FONTANILLAS, 2009).

Na enfermagem pouco se fala em empreendedorismo, disciplinas com este enfoque são muito raras (SALES et al., 2008). Para tanto, salienta-se a necessidade de criar ambientes favoráveis ao ensino de empreendedorismo no qual estejam incluídos espaços de discussão e reflexão em um sistema de suporte que incentive o empreendedor (SOUZA et al, 2004).

A educação empreendedora, portanto, visa à construção ou a aproximação do educando a um perfil empreendedor, para que desta forma, consiga modificar a realidade social e econômica do meio no qual está inserido. O desenvolvimento do

perfil empreendedor, deve ser ancorado com base no aprender a aprender, ou seja, a partir de atitudes proativas no aprendizado. Entretanto, observa-se que o modelo universitário, voltado para a conquista do mercado de trabalho, dificulta a emergência de novos métodos de ensino e novas formas de interação entre alunos e professores. Para mudar essa perspectiva, e construir um profissional com perfil empreendedor para o mercado de trabalho torna-se necessário pensar em estratégias metodológicas e reestruturação curricular. Desta forma, cabe as instituições de ensino superior reformular-se e nesse sentido preparar o profissional para enfrentar o mercado de trabalho (PARDINI; SANTOS, 2008).

Cabe ressaltar que o ensino do empreendedorismo é recente. Foi em 1947, na Escola de Administração de Harvard o primeiro curso de empreendedorismo lecionado por Myles Mace. Entretanto, foi apenas a partir de 1970 que as universidades começaram a assumir o conteúdo de empreendedorismo nos seus currículos. No Brasil, o ensino de administração e empreendedorismo se deu a partir de 1950, quando o país apresentou crescimento industrial (HENRIQUE; CUNHA, 2008).

O ensino do empreendedorismo inicialmente esteve inserido como subárea da administração, porém com os diferentes significados que vem assumindo, consolida-se nos principais centros de graduação e pós-graduação das mais diversas áreas. Reafirmando a cultura de que o aprendizado é uma importante ferramenta para o empreendedorismo (HENRIQUE; CUNHA, 2008). Assim, cabe as instituições de ensino superior aprimorar o ensino para que estudantes de graduação e pós-graduação estejam sintonizados com as necessidades sociais.

A formação para o empreendedorismo envolve deixar para traz métodos tradicionais de ensino focados na transmissão de conhecimentos do professor para o aluno. O empreendedorismo não tem como ser ensinado através de aulas teóricas, uma vez que se trata quase que exclusivamente de atividades e atitudes adquiridas por experiência e habilidades práticas. Nesse sentido, torna-se importante investir em práticas didático-metodológicas dinâmicas, que envolvam professor e aluno em um mesmo patamar de troca de experiências e que o aluno seja autônomo o suficiente para procurar o seu conhecimento (HENRIQUE; CUNHA, 2008).

4.4 MANUSCRITO 1 – EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM ENFERMAGEM

Para melhor compreensão dos conceitos do empreendedorismo na educação em enfermagem, foi elaborado o manuscrito 1 – Empreendedorismo na educação em enfermagem.

EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo: evidenciar o conhecimento científico produzido sobre o empreendedorismo na educação em enfermagem. Método: Tratou-se de uma revisão integrativa de literatura. A coleta de dados foi realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Publisher Medline (PUBMED), Sci Verse Scopus (SCOPUS), Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), com os descritores empreendedorismo, enfermagem e educação, perfazendo uma amostra final de 14 artigos. Resultados: foram encontradas três categorias: (1) Formação de enfermeiros empreendedores, que reflete sobre as metodologias de ensino e as mudanças educacionais; (2) O papel da Universidade no desenvolvimento da cultura empreendedora, que foca na importância da universidade para o desenvolvimento de empreendedorismo e; (3) Educação empreendedora no trabalho em enfermagem, que expressa a educação como uma ferramenta de aperfeiçoamento da equipe e instituição. Conclusões e implicações para a prática: evidenciou-se que são necessárias mudanças nas metodologias de ensino e reestruturação do currículo na Enfermagem. As transformações educacionais para a consolidação de uma cultura empreendedora repercutirão no mercado de trabalho, possibilitando novas frentes de atuação em enfermagem e saúde.

Descritores: Contrato de Risco. Enfermagem. Educação em enfermagem.

INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento da humanidade, o conceito de educação e o processo educacional vem sendo modificados, adequados e aperfeiçoados. Por conseguinte, a concepção de educação, acaba representando tudo o que pode ser feito para aperfeiçoar o ser humano, considerando aspectos como a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades, assegurando melhorias à sociedade e a si mesmo (SAVIANI, 2016).

Decorrente disso, observa-se a importância do ensino no processo de formação humano. Tal processo envolve uma percepção cultural e comportamental, que remodelam posturas, crenças e valores, que levam ao desenvolvimento moral e intelectual. Este processo educativo sofre mudanças procurando adequar o indivíduo ao convívio em sociedade e se desenvolve procurando aperfeiçoar e expandir habilidades e valores, gerando novas produções de conhecimento (CARVALHO; ALMEIDA, 2011).

Na área da enfermagem, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem apresentam os princípios da formação dos enfermeiros, cuja perspectiva é garantir a flexibilidade, diversidade e qualidade na formação dos alunos, visando promover no estudante competências e habilidades para o desenvolvimento técnico-científico, autonomia e permanência na qualificação para os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde (PAULINO et al., 2017).

A partir dessa normativa os docentes em enfermagem perceberam a necessidade de utilizarem estratégias pedagógicas inovadoras. Dessa forma, espera-se que os alunos passem a ser o centro do processo educativo, tendo em vista um aprendizado teórico-vivencial que estimule o aluno a se envolver no seu próprio aprendizado e em sua formação profissional. A reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem trouxe desafios na formação crítica, reflexiva e interdisciplinar dos profissionais (PAULINO et al., 2017).

Diante disso, reflete-se sobre a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca das tendências pedagógicas no processo de formação dos profissionais de enfermagem, dentre elas a educação empreendedora. O ensino pautado na criatividade, inovação e empreendedorismo pode ser manifestado nas universidades, em diversas

áreas do conhecimento e nas diferentes etapas do ensino por meio de uma formação empreendedora: integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal que pode se expressar nas mais diversas dimensões da formação e do exercício profissional do enfermeiro (COPELLI et al., 2017).

O conceito de empreendedorismo, é amplo, polifórmico e multidisciplinar, pois vários autores discorreram sobre o assunto em diferentes épocas. Percebe-se, inicialmente, na literatura que o termo estava ligado a uma vertente econômica (ALMEIDA et al., 2013), para os economistas esse termo relaciona-se à propulsão de inovação para o desenvolvimento econômico. Entretanto para outros autores, o termo empreendedorismo também estava associado ao comportamento empreendedor. Refere-se a alguém que é motivado a assumir um comportamento proativo diante de dificuldades. É o despertar do indivíduo para o aproveitamento de suas potencialidades racionais e intuitivas; é o instigar do autoconhecimento em forma de ações para a abertura de novas experiências e novos paradigmas (GOMES; LIMA; CAPELLE, 2013).

Na enfermagem, observa-se que o conceito de empreendedorismo também está vinculado principalmente às características pessoais, a ao comportamento/atitude empreendedora (COPELLI et al., 2017). Deste modo, a educação empreendedora é discutida na literatura como um método de ensino que auxilia na capacitação de comportamento empreendedor, por meio de metodologias ativas, problematizações, propõem atividades inovadoras, instiga a autossuficiência e a iniciativa pessoal, de forma que o aluno é estimulado a pensar de forma empreendedora e o professor a atuar como um facilitador no processo de aprendizagem (SILVA; MANEBO; MARIANO, 2017).

Diante das considerações expostas, elaborou-se a questão de pesquisa: Como o empreendedorismo vem sendo apresentado nas publicações científicas de educação em enfermagem? Em razão deste questionamento, este estudo teve como objetivo evidenciar a produção científica sobre empreendedorismo na educação em enfermagem.

MÉTODO

Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura (WHITTEMORE; KNAFL, 2005). Este método possibilita analisar a literatura existente fornecendo uma compreensão abrangente de determinado objeto de estudo. Podem ser aplicados em diversos temas e/ou desenhos de estudo, contribuindo com a prática de enfermagem baseada em evidências científicas.

Para a elaboração deste estudo foram seguidas as seguintes etapas: formulação do problema e pergunta de pesquisa em conjunto com a elaboração do protocolo da revisão; aprovação do protocolo; coleta de dados; análise e interpretação dos dados; organização dos dados em categorias e; apresentação dos resultados e conclusões (WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

A coleta de dados foi realizada em abril de 2018, nas bases de dados: Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Publisher Medline (PUBMED), Sci Verse Scopus (SCOPUS), Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), utilizando-se as estratégias de busca a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 – Estratégia de busca.

Base de dados	Estratégia de busca
LILACS, BDENF e SciELO	(("Entrepreneurship" OR entrepreneurs OR entrepreneurial OR entrepreneurialism OR intrapreneurial OR empreende* OR intraempreende* OR "iniciativa empresarial" OR "contrato de risco") AND ("Nursing" OR nurse OR nurses OR enfermagem OR enfermeir* OR enfermeria OR enfermer*) AND (education OR university OR "higher education" OR graduate OR Educação OR universidade OR formação OR Educacion OR universidad OR formacion))
PUBMED	(("Entrepreneurship"[Mesh] OR "Entrepreneurship" OR entrepreneurs OR entrepreneurial OR entrepreneurialism OR intrapreneurial) AND ("Nursing"[Mesh] OR "Nursing" OR nurse OR nurses) AND (education OR university OR "higher

	education" OR graduate))
SCOPUS e CINAHL	((("Entrepreneurship" OR entrepreneurs OR entrepreneurial OR entrepreneurialism OR intrapreneurial) AND ("Nursing" OR nurse OR nurses) AND (education OR university OR "higher education" OR graduate))

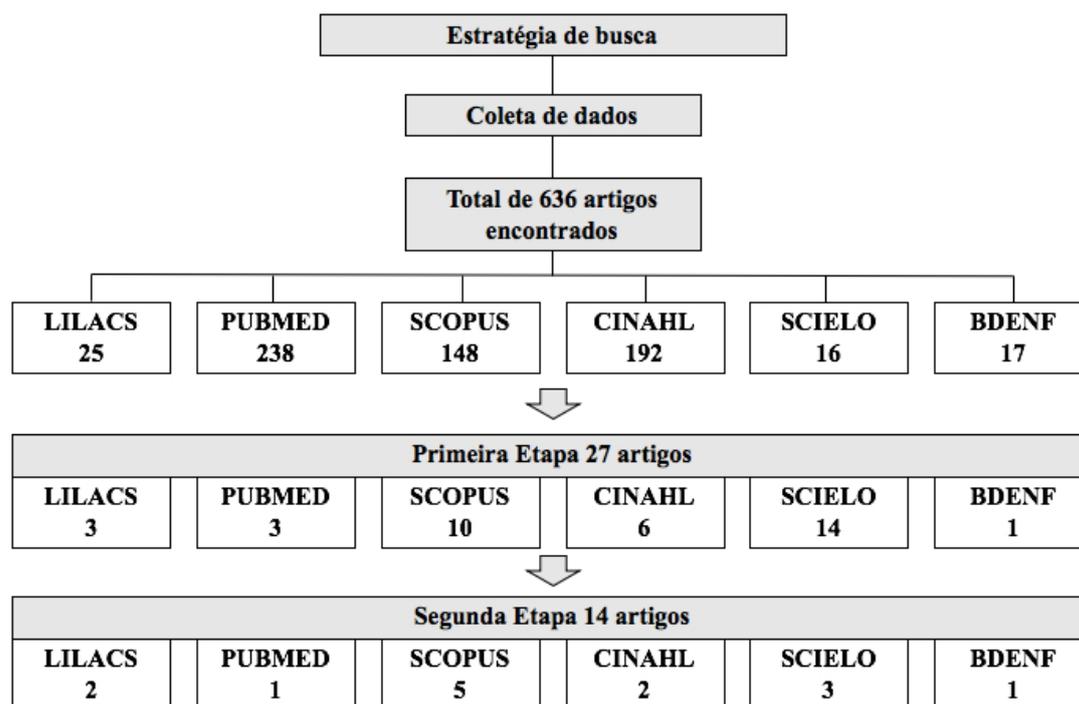
Fonte: Dados da pesquisa, Florianópolis, 2019.

Com a combinação dos descritores e palavras-chave foram elaboradas estratégias de busca para cada base de dados. A partir disso, localizaram-se 636 estudos, que foram submetidos à primeira etapa de avaliação por meio da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos no protocolo de pesquisa. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos de pesquisa original publicados de forma completa, livre e gratuita em periódicos disponíveis nas bases de dados selecionadas, condizentes com o objetivo proposto e os descritores e/ou palavras-chave listados no protocolo previamente validado. Os artigos que estavam em mais de uma base de dados, foram considerados duplicatas e automaticamente excluídos.

Assim, obteve-se uma amostra de 27 estudos ao final da primeira etapa de avaliação dos artigos, dos quais 3 (11,11%) foram encontrados na LILACS, 3 (11,11%) na PUBMED, 10 (37,03%) na SCOPUS, 6 (22,22%) na CINAHL, 4 (14,81%) na SciELO e 1 (3,70%) na BDENF.

Na segunda etapa de avaliação foi realizada a leitura completa dos 27 estudos para identificar aqueles que respondiam satisfatoriamente à questão de pesquisa e/ou tinham pertinência com o objetivo do estudo. Desse processo, resultaram 14 artigos, sendo eles 2 (14,28%) da LILACS, 1 (7,14%) da PUBMED, 5 (35,71%) da SCOPUS, 2 (14,28%) da CINAHL, 3 (21,42%) da SciELO e 1 (7,14%) da BDENF. O fluxograma com o detalhamento das etapas de pesquisa está apresentado a seguir na Figura 1.

Figura 1 – Etapas da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa 2019.

A análise e interpretação dos dados foram feitas de forma organizada por meio da visualização dos dados em uma tabela Excel®, que compreendeu as seguintes colunas de sintetização: título do estudo, base de dados, periódico, ano de publicação, país de desenvolvimento do estudo, objetivo, desenho metodológico, conceitos e significados referentes à educação. Nesta etapa, foi utilizado o instrumento *Rating System for the Hierarchy of Evidence for Intervention/Treatment Question* para classificar o nível de evidência dos estudos (MELNYK; FINEOUT-OVERHOLT, 2011). O nível 1 refere-se às revisões sistemáticas ou metanálises de ensaios clínicos randomizados relevantes, o nível 2 é a presença de um ou mais ensaios clínicos randomizados, o nível 3 são ensaios clínicos controlados sem randomização, o nível 4 são casos-controle e estudos de coorte, o nível 5 trata-se das revisões sistemáticas de estudos descritivos e estudos qualitativos, o nível 6 é a evidência de um único estudo descritivo ou qualitativo e o nível 7 são os relatórios de opiniões de especialistas (MELNYK; FINEOUT-OVERHOLT, 2011).

RESULTADOS

Os estudos analisados concentraram-se entre os anos de 1998 e 2017, sendo que cinco dos artigos são de 2017. Os artigos foram publicados em 13 periódicos diferentes, o único periódico com mais de uma publicação foi a Revista Gaúcha de Enfermagem.

Nove das 14 publicações foram realizadas no Brasil. A Dinamarca teve duas publicações e o Reino Unido, Estados Unidos e Chipre do Norte tiveram uma publicação cada. Nove artigos eram qualitativos, quatro quantitativos e um método misto. Os 14 estudos selecionados estão listados no quadro abaixo (Quadro 2).

Quadro 2 – Artigos selecionados.

Título	Ano/ Base	Periódico	Abordagem	Nível de Evidência*
New skills required of nurse tutors in the UK- A study within two Project 2000 pilot schemes for pre-registration nursing courses (CAMIAH, 1998)	1998/Scopus	Nurse Education Today	Método Misto	6
O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista (UNIP) Goiânia – Goiás (SALES et al., 2008)	2008/Lilacs	Revista do Instituto Ciências da Saúde UNIP	Quantitativo	6
Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social (BACKES; ERDMANN, 2009)	2009/Cinahl	Revista Gaúcha de Enfermagem	Qualitativo	6

O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades (BACKES; ERDMANN; BÜSCHER, 2010)	2010/Scielo	Acta Paulista de Enfermagem	Qualitativo	6
Tendências empreendedoras dos enfermeiros de um hospital universitário (GALLO et al., 2013)	2013/Scielo	Revista Gaúcha de Enfermagem	Quantitativo	6
Características empreendedoras do futuro enfermeiro (FERREIRA et al., 2013)	2013/Lilacs	Cogitare Enfermagem	Qualitativo	6
Decreasing barriers for nurse practitioner social entrepreneurship (SHARP; MONSIVAIS, 2014)	2014/Scopus	Journal of the American Association of Nurse Practitioners	Qualitativo	6
Incubadora de Aprendizagem: ferramenta indutora do empreendedorismo na Enfermagem (BACKES et al., 2015)	2015/Scielo	Revista Brasileira de Enfermagem	Qualitativo	6
Learning to create new solutions together A focus group study exploring interprofessional	2016/Pubmed	Nurse Education in Practice	Qualitativo	6

innovation in midwifery education (JOHNSEN, 2016)				
Empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem: entraves e estratégias (COPELLI et al, 2017)	2017/Bdenf	Revista Rene	Qualitativo	6
Innovation camp as a method in health education a study on interdisciplinarity learning and participation (RINGBY; DUUS, 2017)	2017/Cinahl	European Journal of Physiotherapy	Qualitativo	6
Evaluating entrepreneurial characteristics and states of despair of nursing department students (NURLUÖZ; ESMAILZADEH, 2017)	2017/Scopus	EURASIA Journal of Mathematics Science and Technology Education	Quantitativo	6
Nursing learning incubator- A proposal approaching entrepreneurship and leadership (MORAES; VAZ; GOLDIMEIER, 2017)	2017/Scopus	Revista Espacios	Qualitativo	6
Perfil empreendedor de docentes do curso de enfermagem de uma universidade pública	2017/Scopus	Revista de Enfermagem da UERJ	Quantitativo	6

(TOSSIN et al., 2017)				
-----------------------	--	--	--	--

Fonte: Dados da pesquisa, Florianópolis, 2019.

*De acordo com o instrumento *Rating System for the Hierarchy of Evidence for Intervention/Treatment Question*.

Formação de enfermeiros empreendedores

Os estudantes de enfermagem quando submetidos a testes quantitativos que avaliam a tendência empreendedora apresentaram resultado médio a alto para autonomia e independência e baixo para propensão a assumir riscos (TOSSIN et al., 2017). Com relação a variável sexo, um estudo apontou que as estudantes do sexo feminino são mais empreendedoras que os do sexo masculino (NURLUÖZ; ESMAILZADEH, 2017). Ademais, quando avaliada a tendência empreendedora de enfermeiros em uma unidade de saúde hospitalar verificou-se que quanto maior o tempo de formação menor a tendência empreendedora (GALLO et al., 2013). Outrossim, formandos em enfermagem admitem que é necessário substituir a premissa de que os enfermeiros são profissionais subordinados, tarefairos e que não saem da sua zona de conforto (FERREIRA et al., 2013).

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de reforma educacional em enfermagem para que os futuros enfermeiros adquiram novas habilidades além das necessárias, dentre elas a educação em empreendedorismo, finanças, planejamento, liderança e gestão (CAMIAH, 1998; SHARP; MONSIVAIS, 2014). As metodologias de sala de aula utilizadas precisam ser atualizadas e modificadas a fim de compreender um modelo mais empreendedor e autônomo de ensino. Afinal, o ensino do empreendedorismo deve ser inovador e abordar outras estratégias que não as tradicionais (JOHNSEN, 2016). A utilização de projetos interdisciplinares e descontextualizados do ambiente de sala de aula são exemplos de estratégias que podem ser empregadas para desenvolver o ensino do empreendedorismo (JOHNSEN, 2016; RINGBY; DUSS, 2017).

A educação em enfermagem está pautada no modelo biomédico e tradicional de ensino. Para o presente e futuro, espera-se que a enfermagem possa deixar de lado esses modelos para tornar-se uma profissão mais empreendedora e contextualizada com as necessidades sociais e do mercado (BACKES; ERDMANN, 2009). Para isso, é fundamental a formação de um profissional protagonista e não reducionista e assistencialista (BACKES; ERDMANN; BÜSCHER, 2010). Nessa perspectiva, devem

ser adotadas medidas proativas, inovadoras e problematizadoras no ensino de enfermagem de graduação e pós-graduação (NURLUÖZ; ESMAILZADEH, 2017).

Papel da universidade no desenvolvimento de cultura empreendedora

A universidade tem função importante na construção do perfil e cultura empreendedora na enfermagem ao fomentar entre os graduandos o interesse pelo empreendedorismo a partir de treinamentos e atividades de ensino (SALES et al., 2008). Dessa forma, a universidade deve organizar-se no sentido de obter apoio dos professores e gestores educacionais para incluir na grade do curso de graduação em enfermagem disciplinas empresariais e auxiliar nesse processo de transição para um perfil mais empreendedor (CAMIAH, 1998).

Entretanto, um estudo apontou que a transposição para um modelo de empreendedorismo no sistema público de ensino pode ser mais desafiador, uma vez que este setor depara-se com a burocracia a falta de recursos e de infraestrutura. Outra dificuldade do empreendedorismo nas universidades públicas é a dificuldade pessoal dos professores em compreender a temática e conciliar todas as atividades acadêmicas com a busca de aprimoramento profissional (COPELLI et al., 2017).

Educação empreendedora no trabalho em enfermagem

A educação no trabalho também deve ser levada em consideração quando se trata do ensino do empreendedorismo. A criatividade, a autonomia profissional e o empreendedorismo necessitam ser incentivados no mercado de trabalho (BACKES; ERDMANN, 2009).

A incubadora de aprendizagem trata-se de um espaço de interação entre os profissionais para reavaliar os conhecimentos teórico-práticos bem como a inovação e a criação de novas ideias. Nesse sentido, a incubadora de aprendizagem reforça no âmbito do trabalho assistencial do enfermeiro a oportunidade de educação permanente que visa o empreendedorismo (BACKES et al, 2015; MORAES; VAZ; GOLDIMEIER, 2017).

DISCUSSÃO

A produção científica acerca da educação empreendedora em enfermagem cresceu no ano de 2017. Este fato pode ser justificado pela expansão dos programas de pós-graduação em enfermagem no Brasil nos últimos 40 anos, em especial os cursos de mestrado e doutorado acadêmico (MENDONÇA et al., 2018). Nesse sentido, com o aumento quantitativo no número de programas de pós-graduação evidenciou-se o aumento de 77% na produção científica no último quadriênio (2013-2016) em relação ao triênio passado (SCOCHI; FERREIRA; GELBCKE, 2017).

Quanto a publicação dos artigos, evidenciou-se que grande parte foi publicado no Brasil. Isso pode estar relacionado ao desafio dos programas de pós-graduação em enfermagem brasileiros em publicar em periódicos internacionais qualificados como também os altos custos para a publicação internacional. Além disso, as publicações no cenário brasileiro podem representar a necessidade nacional de desenvolvimento de empreendedorismo, em virtude das crises econômicas e políticas (SCOCHI; FERREIRA; GELBCKE, 2017) enfrentadas nos últimos anos.

A abordagem qualitativa foi a mais empregada. Achado similar foi encontrado em estudo com objetivo de analisar a aplicação do estudo de caso como método de pesquisa pela enfermagem nas publicações científicas nacionais e internacionais (ANDRADE et al., 2017). Assim, fortifica-se a ideia de que a pesquisa qualitativa ainda é a mais utilizada nos estudos em enfermagem, o que implica na necessidade de reconhecimento de novas áreas e metodologias de pesquisa.

O empreendedorismo, de acordo com os resultados, aparece ligado à autonomia e independência profissional. Estudo com o objetivo de comparar as representações sociais da autonomia profissional do enfermeiro em estudantes de graduação em enfermagem do primeiro e do último período mostrou que a autonomia é um elemento transversal e essencial na formação do enfermeiro. O significado da autonomia segundo esse estudo apresenta diferenças com relação ao período do estudante, associado a uma atitude nos primeiros períodos e ao conhecimento científico nos últimos. Entretanto todos os estudantes concordam que a autonomia está relacionada a responsabilidade, habilidades essas também presentes no conceito de empreendedorismo (SANTOS et al., 2017a). Estudo realizado na Nova Zelândia, apontou que apesar da lacuna de conhecimento sobre empreendedorismo existente entre os enfermeiros, torna-se fundamental implementar os princípios do empreendedorismo, como autonomia e

liderança, para se obter melhores resultados de saúde em meio a população (KIRKMAN; WILKINSON; SCHAHILL, 2018).

A feminização do empreendedorismo foi outro aspecto destacado nos resultados de um estudo. Isto corrobora com as mudanças que a sociedade vem passando, em especial com o crescimento na participação da mulher no mercado de trabalho, consolidando o empreendedorismo feminino (SANTOS et al., 2017b). Com relação ao tempo de formação, não há estudos que comparem essa variável com o empreendedorismo. Entretanto, o tempo de formação elevado, associado a idade de indivíduos mais velhos não tem relação com o empreendedorismo. Isto é, o empreendedorismo não difere para indivíduos jovens ou mais velhos (GOMEZ; BAYON, 2017).

Sobre a ideia de subordinação dos enfermeiros, estudo afirmou que os profissionais de enfermagem se sentiram insatisfeitos com o ensino de liderança na graduação e dessa forma se sentem despreparados para a prática da liderança no dia a dia, apesar de admitirem que é uma habilidade essencial para o exercício da profissão (COSTA, et al. 2017). Outro estudo revelou que por meio do empreendedorismo a profissão tem adquirido maior visibilidade e reconhecimento, sobrepondo-se de uma posição suplementar e voltada às atividades técnicas, para um profissional capaz de responsabilizar-se por espaços de gestão de serviços, com potencial autônomo, especialista e empreendedor (MORAES, et al. 2013).

Os resultados deste estudo apontaram para a necessidade de mudanças educacionais em especial nas metodologias e conteúdos discutidos durante a graduação e pós-graduação e a importância do papel da Universidade em consolidar a cultura empreendedora em enfermagem. Nesse sentido, identifica-se a relevância de estimular durante a graduação, o desenvolvimento de enfermeiros empreendedores. Em virtude de que o empreendedorismo, compreende fatores psicológicos, comportamentos e atitudes que podem ser formados nos estudantes, resultando na formação de um profissional diferenciado (ANDRADE; DAL BEM, SANNA, 2015).

Assim, no ensino, a discussão sobre a educação empreendedora passou a ser vista como metodologia que apresenta a possibilidade de criar ambientes propícios para a inovação e fomentar nos futuros profissionais a pulsão criativa e empreendedora (NASCIMENTO, et al. 2017). Com esse novo modelo de educação, espera-se formar profissionais que por meio de seus conhecimentos teóricos, sejam capazes de expressar suas ideias de maneira crítica, de modo que seus princípios e atitudes possam contribuir

e impactar o ambiente social em que estão inseridos (SILVA; MANCEBO, MARIANO, 2017).

Nesse sentido, cabe ressaltar que a Enfermagem oferece diversificados espaços de atuação empreendedora, pois trata-se de uma profissão que cuida do ser humano de forma integral e contextualizada, sendo desnecessária a atuação única e exclusiva em espaços convencionais de cuidado. Ademais, com um olhar voltado à produção de novos serviços, o enfermeiro passa a ser um profissional capacitado para vender serviços e a inovar a sua ação em qualquer cenário de atuação (SILVA; VALENTE; VALENTE, 2017).

Por último, a educação no trabalho também foi citada como um aspecto importante para o desenvolvimento de empreendedorismo em especial por meio da incubadora de aprendizagem. Estudo com objetivo de conhecer a percepção de estudantes de enfermagem e profissionais de saúde em face de novas metodologias de educação permanente em saúde mostrou que a incubadora de aprendizagem é uma estratégia metodológica de educação permanente em serviço que apresenta resultados positivos quanto ao repensar de atitudes e comportamentos dos profissionais, qualificando a assistência e tornando-se uma ferramenta que possibilita repensar a prática de atenção à saúde (SENA et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo atingiu o objetivo de evidenciar o conhecimento científico sobre o empreendedorismo na educação em enfermagem, destacando que é preciso acreditar na enfermagem enquanto uma profissão empreendedora. Nesse sentido, autonomia, conhecimentos técnicos e científicos foram aspectos elencados como essenciais para desenvolvimento de melhorias para o mercado de trabalho por meio da construção de novas estratégias de atuação, criação de serviços e renovação para a área da saúde.

Diante do exposto, identifica-se a relevância da construção de uma cultura empreendedora na formação dos futuros profissionais, uma vez que o conceito de empreendedorismo está associado a fatores psicológicos e comportamentais. Portanto, podem ser potencializados nos estudantes através metodologias ativas que estimulem o desenvolvimento de enfermeiros inovadores, críticos e com maior ânimo empreendedor.

Ademais, evidenciou-se a necessidade de mudanças educacionais para a promoção do perfil empreendedor na enfermagem. Para isso, é primordial a

transposição do modelo biomédico e tradicional de ensino. Nesse contexto, idealiza-se a prática da educação empreendedora com metodologias ativas que propiciem espaços de discussão, incentivem a criatividade, de forma transversal e que também abordem conteúdos que envolvam o desenvolvimento de competências administrativas e empresariais.

Aliado a isso, refletiu-se o papel da universidade no desenvolvimento da cultura empreendedora em enfermagem. Afinal, compete à instituição encorajar os docentes a proporcionar oportunidades aos alunos para vivenciarem experiências/atividades empreendedoras. No entanto, é preciso superar a falta de recursos, infraestrutura e sobrecarga das atividades acadêmicas ligadas à pesquisa/extensão e docência exigidas aos professores que impedem que consigam dedicar-se ao aprimoramento profissional para entender essa temática.

O ensino do empreendedorismo no âmbito do trabalho é recente e positivo. A incubadora de aprendizagem é a metodologia mais difundida nesse cenário, pois promove a interação entre a equipe, a criatividade e autonomia profissional e proporciona melhorias no ambiente de trabalho.

Destaca-se que as buscas ocorreram apenas em bases de dados da área da saúde. Visto que o empreendedorismo é explorado em diversos contextos e áreas do conhecimento além da área da saúde, isto pode ser considerado uma das limitações do estudo. Além disso, foram selecionados artigos somente em português, inglês e espanhol. Portanto, há a possibilidade de referências relevantes não terem sido incluídas.

Contudo, o estudo contribuiu para a reflexão sobre as mudanças educacionais que a enfermagem precisa para se desenvolver como profissão empreendedora. Pode auxiliar na divulgação/visibilidade do conceito do empreendedorismo e da cultura empreendedora, bem como sensibilizar para a difusão de um perfil empreendedor entre os estudantes e egressos do curso de graduação em enfermagem. Diante disso, pontua-se a necessidade de mais estudos nesta área do conhecimento, uma vez que o ensino do empreendedorismo pode ser fortalecido por meio da educação.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, J.G.; SANTOS, E.J.R.; ALBUQUERQUE, C.P.; FERREIRA, J.A. Desemprego e empreendedorismo: da ambiguidade conceitual à eficácia das práticas de intervenção social. **Plural [Internet]**, v. 20, n. 1, p. 31-56, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/69562/72134>
2. ANDRADE, A.C.; DAL BEN, L.W.; SANNA, M.C. Empreendedorismo na Enfermagem: panorama das empresas no Estado do São Paulo. **Rev Bras Enferm [Internet]**, v. 68, n. 1, p. 40-4, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n1/0034-7167-reben-68-01-0040.pdf>
3. ANDRADE, S.R.; RUOFF, A.B.; PICCOLI, T.; SCHMITT, M.D.; FERREIRA, A.; XAVIER, A.C.A. O estudo de caso como método de pesquisa em Enfermagem: uma revisão integrativa. **Texto contexto - enferm. [Internet]**, v. 26, n. 4, p. e5360016, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000400308&lng=en
4. BACKES, D.S.; ERDMANN, A.L. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. **Rev Gaúcha Enferm [Internet]**, v. 30, n. 2, p. 242-8, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/7252/6681>
5. BACKES, D.S.; ERDMANN, A.L.; BÜSCHER, A. O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades. **Acta Paul Enferm [Internet]**, v. 23, n. 3, p. 341-7, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/v23n3a05>
6. BACKES, D.S.; OBEM, M.K.; PEREIRA, S.B.; GOMES, C.A.; BACKES, M.T.S.; ERDMANN, A.L. Incubadora de aprendizagem: ferramenta indutora do empreendedorismo na Enfermagem. **Rev. Bras. Enferm. [Internet]**, v. 68, n. 6, p. 1103-8, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000601103
7. CAMIAH, S. New skills required of nurse tutors in the UK- A study within two Project 2000 pilot schemes for pre- registration nursing courses. **Nurse Educ Today [Internet]**, v. 18, n. 2, p. 93-100, 1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691798800129>
8. CARVALHO, J.C.B.; ALMEIDA, S.F.C. Desenvolvimento moral no ensino médio: Concepções de professores e autonomia dos alunos. **Psicol. Argum [Internet]**, v. 29, n. 65, p. 187-99, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/20275/1954>

9

9. COPELLI, F.H.S.; ERDMANN, A.L.; SANTOS, J.L.G.; LANZONI, G.M.M.; ANDRADE, S.R. Empreendedorismo na gestão universitária pública de enfermagem: entraves e estratégias. **Rev Rene** [Internet], v. 18, n. 5, p. 577-83, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/30794/71468>

10. COSTA, S.D.; SILVA, P.L.N.; GONÇALVES, R.P.F.; SOARES, L.M.; FILHO, W.A.; SOUTO, S.G.T. O exercício da liderança e seus desafios na prática do enfermeiro. **J Manag Prim Heal Care** [Internet], v. 8, n. 1, p. 49-65, 2017. Disponível em: <http://www.jmphc.com.br/jmphc/article/view/257/440>

11. FERREIRA, G.E.; ROZENDO, C.A.; SANTOS, R.M.; PINTO, E.A.; COSTA, A.C.S.; PORTO, A.R. Características empreendedoras do futuro enfermeiro. **Cogitare Enferm** [Internet], v. 18, n. 4, p. 688-94, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/34921>

12. GALLO, F.C.; HEIDTMANN, H.V.; GONÇALVES, D.M.F.; PINHO, D.M.; CHAVES, A.T.; QUADROS, S.A.; et al. Tendências empreendedoras dos enfermeiros de um hospital universitário. **Rev. Gaúcha Enferm.** [Internet], v. 4, n. 3, p. 147-54, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000300019&lng=en

13. GOMES, A.F.; LIMA, J.B.; CAPPELLE, M.C.A. Do empreendedorismo à noção de ações empreendedoras: reflexões teóricas. **Rev Alcance** [Internet], v. 20, n. 2, p. 203-20, 2013. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/ra/article/viewFile/3796/2601>

14. GOMEZ, A.E.; BAYON, M.C. Fatores socioculturais e o empreendedorismo dos jovens nas regiões rurais. **Rev. bras. gest. neg.** [Internet], v. 19, n. 64, p. 200-18, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-48922017000200200&script=sci_abstract&tlng=pt

15. JOHNSEN, H. Learning to create new solutions together: A focus group study exploring interprofessional innovation in midwifery education. **Nurse Educ Pract** [Internet], v. 16, n. 1, p. 298-304, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1471595315000839?via%3Dihub>

16. MELNYK, B.M.; FINEOUT-OVERHOLT, E. **Evidence-based practice in nursing & healthcare: a guide to best practice.** 2^a ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2011.

17. MENDONÇA, G.M.M.M.; CESTARI, V.R.F.; RODRIGUES, L.N.; et al. Produção científica de egressos de um programa de pós-graduação em enfermagem. **Rev Fund Care Online**. [internet], v. 10, n. 2, p 485-9, 2018. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6105>
18. MORAES, A.C.; VAZ, J.; GOLDIMEIER, S. Nursing learning incubator: A proposal approaching entrepreneurship and leadership. **Rev Espacios** [internet], v. 38, n. 29, p. 31-47, 2017. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p31.pdf>
19. MORAIS, J.A.; HADDAD, M.C.L.; ROSSANEIS, M.A.; SILVA, L.G.C. Práticas de Enfermagem empreendedoras e autônomas. **Cogitare Enferm** [Internet], v. 18, n. 4, p. 695-701, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/46422/27872>
20. NASCIMENTO, A.H.; GAMA, M.; CAGGY, R.C.; SANTOS, R. Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço? Inovação e empreendedorismo como práticas de docentes do ensino superior- um estudo de caso. **Revista Formadores** [Internet], v. 10, n. 6, p. 60-77, 2017. Disponível em: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/view/948/728>
21. NURLUÖZ, O.; ESMAILZADEH, S. Evaluating Entrepreneurial Characteristics and States of Despair of Nursing Department Students. **EURASIA J. Math., Sci Tech** [Internet], v. 13, n. 8, p. 4885-96, 2017; Disponível em: <http://www.ejmste.com/Evaluating-Entrepreneurial-Characteristics-and-States-of-Despair-of-Nursing-Department,76196,0,2.html>
22. PAULINO, V.C.P.; SILVA, L.A.; PRADO, M.A.; BARBOSA, M.A.; PORTO, C.C. Formação e saberes para a docência nos cursos de Graduação em Enfermagem. **Journal Health NPEPS** [Internet], v. 2, n. 1, p. 272-84, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/1822/1676>
23. RINGBY, B.; DUUS, L. Innovation camp as a method in health education: a study on interdisciplinarity, learning and participation. **European Journal of Physiotherapy** [Internet], v. 19, n. s1, p. 22-4, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21679169.2017.1381308#aHR0cHM6Ly93d3cudGFuZGZvbmxpbmUuY29tL2RvaS9wZGYvMTAuMTA4MC8yMTY3OTE2OS4yMDE3LjEzODEzMDg/bmVIZEFjY2Vzcz10cnVlQEBAMA>
24. SALES, O.P.; CRUVINEL, D.F.; SILVA, D.P.; SANTOS, L.L. O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista

- (UNIP) Goiânia. **Rev Inst Ciênc Saúde**. [Internet], v. 26, n. 2, p. 167-72, 2008. Disponível em: https://200.136.76.129/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2008/02_abr_jun/V26_N2_2008_p167-172.pdf
25. SANTOS GJ, MUQUIUTTI E, COSTA WL, SAID RA, JUNIOR DMP. Empreendedorismo feminino no mercado de trabalho: uma análise de seu Crescimento. **Braz. J. Of Develop**. [Internet], v. 3, n. 3, p. 450-64, 2017b. Disponível em: <http://brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/51/45>
26. SANTOS, E.I.; GOMES, A.M.T.; MARQUES, S.C.; RAMOS, R.S.; SILVA, A.C.S.S.; OLIVEIRA, F.T. Estudo comparativo sobre representações da autonomia profissional elaboradas por estudantes de enfermagem iniciantes e concluintes. **Rev Latino-Am. Enferm**. [Internet], v. 25, p. e2927, 2017a. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2927.pdf
27. SAVIANI D. Educação Escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. **Movimento-revista de educação** [Internet], n. 4, p. 54-84, 2016. Disponível em: <http://www.revistamovimento.uff.br/index.php/revistamovimento/article/view/296/301>
28. SCOCHI, C.G.S.; FERREIRA, M.A.; GELBCKE, F.L. The year 2017 and the four-yearly evaluation of the Stricto Sensu Graduate Programs: investments and actions to continued progress. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. [Internet], v. 25, p. e2995, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/pt_0104-1169-rlae-25-e2995.pdf
29. SENA, R.R.; GRILLO, M.J.C.; PEREIRA, L.A.; BELGA, S.M.M.F.; FRANÇA, B.D.; FREITAS, C.P. Educação permanente nos serviços de saúde: atividades educativas desenvolvidas no estado de Minas Gerais, Brasil. **Rev Gaúcha Enferm**. [Internet], v. 38, n. 2, p. e64031, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n2/0102-6933-rgenf-1983-144720170264031.pdf>
30. SHARP, D.B.; MONSIVAIS, D. Decreasing barriers for nurse practitioner social entrepreneurship. **J Am Assoc Nurse Pract** [Internet], v. 26, n. 10, p. 562-6, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/2327-6924.12126>.
31. SILVA, A.C.P.; VALENTE, G.L.C.; VALENTE, G.S.C. O empreendedorismo como uma ferramenta para atuação do enfermeiro. **Rev enferm UFPE** [Internet], v. 11, n. 4, p. 1595-602, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/15227/17992>

32. SILVA, F.; MANCEBO, R.; MARIANO, S. Educação Empreendedora como Método: O Caso do Minor em Empreendedorismo Inovação da UFF. **REGEPE** [Internet], v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017. Disponível em: <http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/411>
33. SILVA, F.C.; MANEBO, R.C.; MARIANO, S.R.H. Educação empreendedora como método: o caso do minor em empreendedorismo e inovação da UFF. **Rev. Empreendedorismo Gest. Pequenas Empres.** [Internet], v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017. Disponível em: <http://www.regepe.org.br/regepe/article/view/411/pdf>
34. TOSSIN, C.B.; SILVA, L.G.C.; ROSSANEIS, M.A.; HADDAD, M.C.F.L. Perfil empreendedor de docentes do curso de enfermagem de uma universidade pública. **Rev enferm UERJ** [Internet], 25:e22233, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuernj/article/view/22233>
35. WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: update methodology. **J Adv Nurs** [Internet], v. 52, n. 5, p. 546-53, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16268861>

5 MÉTODO

5.1 DESENHO DO ESTUDO

Foi realizado um estudo quanti-qualitativo, por meio de um estudo descritivo de natureza quantitativa e uma pesquisa qualitativa ancorada nos preceitos da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD).

5.2 LOCAL

O cenário do estudo foi o Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PEN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizado no andar térreo do Centro de Pesquisa em Tecnologias de Cuidado em Enfermagem e Saúde (CEPETEC).

O CEPETEC congrega além do PEN, o Departamento de Enfermagem, os laboratórios de práticas assistenciais de enfermagem, o laboratório de informática, os grupos de pesquisa, as salas dos docentes de enfermagem, as salas de reuniões, a sala de telemedicina e um anfiteatro (UFSC, 2019).

As salas de aula do PEN comportam entre 20 e 40 lugares, sendo equipadas com computador, projetor multimídia e em algumas, aparelho de televisão. Além disso, o CEPETEC reserva uma área para a Revista Texto e Contexto Enfermagem (UFSC, 2019).

Este ambiente constitui-se em um centro de referência de criação, monitoramento, experimentação, avaliação e divulgação de tecnologias de cuidado de enfermagem e saúde inovadoras. Além disso, visa qualificar a assistência de enfermagem para atender as necessidades de saúde da sociedade contemporânea (UFSC, 2019).

A escolha deste cenário de estudo foi em função da representatividade que o (PEN/UFSC) tem no cenário da pós-graduação em enfermagem nacional e internacional, bem como pela conveniência de ser o ambiente de estudo da pesquisadora.

5.3 ETAPA QUANTITATIVA

Tratou-se de uma pesquisa descritiva transversal, cuja proposta foi examinar as relações entre as variáveis que não puderam ser manipuladas. Os estudos quantitativos descritivos têm o propósito de observar, descrever e documentar aspectos de uma situação, sem introduzir tratamentos nem fazer mudanças. Do ponto de vista temporal, nos modelos transversais, os fenômenos são estudados em um único período de coleta de dados. A principal vantagem das pesquisas transversais é o controle, sem a possibilidade de inferir tendências e mudanças ao longo do tempo (POLIT; BECK, 2019).

5.3.1 População e amostra

A população elegível para o estudo foi de 132 discentes do PEN/UFSC, em nível de mestrado e doutorado acadêmico no ano de 2018. A população elegível foi considerada de acordo com os critérios de inclusão e exclusão do estudo. O critério de inclusão empregado foi estar regularmente matriculado no PEN/UFSC e ter disponibilidade para responder ao questionário. Foram excluídos os discentes do mestrado e o doutorado interinstitucional¹ por dificuldade de acesso a esses participantes e do pós-doutorado pelo número reduzido de estudantes.

A amostragem foi não probabilística e per fez um total de 84 estudantes. Neste tipo de amostragem, o pesquisador elege os elementos por métodos não aleatórios. Esse tipo de amostragem, em comparação com a probabilística produz amostras menos representativas (POLIT; BECK, 2019).

As referências do tamanho da população foram obtidas por meio do contato direto da pesquisadora com a secretaria do PEN, que possui o controle de todos os discentes regularmente matriculados no Programa.

5.3.2 Descrição das variáveis

As variáveis deste estudo são:

¹ O PEN/UFSC mantém parceria com algumas outras instituições de ensino como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Pará, Universidade de Magallanes entre outras, recebendo assim, discentes de mestrado e doutorado acadêmico. Pela dificuldade em encontrar com esses discentes, eles foram excluídos do estudo.

Quadro 3 – Descrição das variáveis.

<u>Qualitativa</u>	Nominal		
		Sexo	Especificar se feminino ou masculino.
		Raça	Especificar se branco ou negro ou pardo.
		Nível acadêmico	Especificar se mestrado ou doutorado.
		Período do curso	Especificar se primeiro, segundo, terceiro, quarto ou cinco anos ou mais.
		Área de concentração	Especificar se área 1 Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem ou área 2 - Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem.
		Bolsa de estudos	Especificar se possui ou não. Sim ou não.
		Vínculo empregatício	Especificar se possui ou não. Sim ou não.
		Área de atuação profissional.	Somente para quem respondeu sim no vínculo empregatício. Especificar se na assistência, gerência ou ensino. Assinalar apenas uma alternativa.
		Necessidade de realização	Dimensão do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Especificar se atingiu a média para a dimensão ou não atingiu.
		Necessidade de autonomia/independência	Dimensão do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Especificar se atingiu a média para a dimensão ou não atingiu.
		Tendência criativa	Dimensão do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Especificar se atingiu a média para a dimensão ou não atingiu.
		Propensão a riscos calculados	Dimensão do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Especificar se atingiu a média para a dimensão ou não atingiu.
		Impulso e determinação	Dimensão do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Especificar se atingiu a média para a dimensão ou não atingiu.

	Ordinal	Idade	Especificar a idade em faixas etárias: 20 a 29 anos, 30 a 39 anos e 40 anos ou mais.
		Ano de término da graduação	Especificar se de 1980 a 1999 ou de 2000 a 2018.
		Ano de início no mestrado	Especificar se antes de 2009 ou de 2010 a 2018.
		Tempo decorrido entre a conclusão da graduação e o ingresso no mestrado	Especificar se de 0 a 4 anos, 5 a 9 anos ou 10 anos ou mais.
		Tendência Empreendedora Geral	Verificada a partir da aplicação do Teste de Tendência Empreendedora Geral. Se o participante atingiu a média em nenhuma ou até 2 dimensões será considerado baixo. Se em 3 médio. Se em 4 ou 5, alto.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

5.3.3 Coleta dos dados

Para a coleta dos dados, foi utilizado o Teste de Tendência Empreendedora Geral (TEG) (APÊNDICE A) (CAIRD, 1991). Este é um instrumento que identifica o perfil empreendedor em relação às características empreendedoras.

O TEG foi desenvolvido na Inglaterra por Caird (1991) na Unidade de Formação Empresarial e Industrial da *Durham University Business School* (CAIRD, 1991). Foi validado no Brasil e já aplicado em diversas áreas de atuação profissional. Na enfermagem, identificaram-se duas aplicações deste instrumento (COUTO FILHO, 2014; RONCON, MUNHOZ, 2009), porém em nenhuma das duas oportunidades o mesmo foi utilizado para discentes de programas de pós-graduação.

O TEG divide as características empreendedoras em cinco dimensões, onde empreendedores de maior sucesso obtêm altas pontuações. As dimensões do teste são: necessidade de sucesso, necessidade de autonomia/independência, tendência criativa, propensão a riscos calculados e, impulso e determinação (RONCON, MUNHOZ, 2009).

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação do TEG de maio de 2018 a março de 2019. Os estudantes foram abordados durante o semestre letivo e convidados para responder ao questionário de forma presencial e individual em sala de aula. Os estudantes que não foram encontrados de forma presencial foram convidados a responder online o mesmo questionário via Google Forms®.

A população foi orientada quanto à marcação das respostas aos 54 itens do instrumento. Para cada uma das assertivas o sujeito pode marcar apenas uma opção: ou de acordo ou desacordo. Nos casos em que o participante, por algum motivo, não se encontrou completamente de acordo ou desacordo com a frase, ele foi instruído a decidir por aquela opção que mais lhe parecia a correta (COUTO FILHO, 2014).

5.3.4 Análise dos dados

O teste apresenta uma análise própria dos dados (CAIRD, 1991). Cada uma das cinco dimensões do teste é representada por um conjunto de questões, conforme quadro abaixo:

Quadro 4 - As dimensões e as respectivas questões do TEG.

DIMENSÕES	QUESTÕES
Necessidade de realização	1, 6, 10, 15, 19, 24, 28, 33, 37, 42, 46 e 51
Necessidade de autonomia/independência	3, 12, 21, 30, 39 e 48
Tendência criativa	5, 8, 14, 17, 23, 26, 32, 35, 41, 44, 50 e 53
Propensão a riscos calculados	2, 9, 11, 18, 20, 27, 29, 36, 38, 45, 47 e 54
Impulso e determinação	4, 7, 13, 16, 22, 25, 31, 34, 40, 43, 49 e 52

Fonte: Adaptado de Caird (1991).

Para a contagem da pontuação e identificação da tendência empreendedora foi realizado o seguinte procedimento: nas questões ímpares, foi atribuído um ponto para cada desacordo assinalado e nas questões pares foi atribuído um ponto para cada concordância assinalada. A pontuação de cada pergunta foi então somada na respectiva dimensão. Após a tabulação dos dados foi verificada para cada uma das dimensões se o sujeito alcançou no mínimo a média estipulada na definição do teste de TEG (CAIRD, 1991; COUTO FILHO, 2014). Os valores estipulados para cada dimensão são representados no Quadro 5:

Quadro 5 - As dimensões e as máximas e médias do TEG.

DIMENSÕES	Máxima Teste TEG	Média Teste TEG
Necessidade de realização	12	9

Necessidade de autonomia/independência	6	4
Tendência criativa	12	8
Propensão a riscos calculados	12	8
Impulso e determinação	12	8

Fonte: Adaptado de Caird (1991).

Para a avaliação da tendência empreendedora é utilizada a seguinte leitura: se o respondente alcança a pontuação máxima em uma ou nenhuma das dimensões o nível de tendência empreendedora é considerado muito baixo. Se em duas dimensões, o nível é considerado baixo; em três médio; em quatro alto nível e; em cinco muito alto nível de tendência empreendedora (CAIRD, 1991; COUTO FILHO, 2014). Entretanto, tendo em vista o número reduzido da população do estudo, utilizou-se a seguinte leitura: se o respondente alcançou no mínimo a pontuação média em nenhuma ou até duas dimensões, o nível de tendência empreendedora foi considerado baixo. Se alcançou a média em três dimensões, o nível de tendência empreendedora foi considerado médio. Porém, se alcançou a média em quatro ou cinco dimensões o nível de tendência empreendedora foi considerado alto.

Ademais, foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis do estudo. Calculou-se a prevalência das dimensões do TEG, do próprio nível e da tendência empreendedora geral. Para as análises bruta e ajustada, foram utilizadas regressões logísticas, estimando-se o *Odds Ratio* (OR) bruto e ajustado com seus respectivos IC95%. Na análise ajustada, a associação entre as variáveis independente e o desfecho foi controlada pelas variáveis que apresentaram valor de $p \leq 0,05$ na análise bivariada. Utilizou-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para Mac, versão 25.0.

5.4 ETAPA QUALITATIVA

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa orientada pela metodologia da TFD, ou *Grounded Theory* (CHARMAZ, 2009).

Dentre os desenhos de pesquisa qualitativa existentes, destaca-se a TFD por sua capacidade, na área de enfermagem, de entendimento global e profundo do conhecimento da profissão. Além disso, a TFD representa um meio de gerar teorias a partir da prática, de forma a favorecer o estudo de fenômenos ainda não descobertos e

devidamente compreendidos (DANTAS et al., 2009). O método da TFD favorece a percepção dos dados sob uma nova perspectiva, fazendo com que a reflexão analítica seja feita já na fase inicial da coleta dos dados. Ao se adotar a TFD, o pesquisador poderá conduzir e organizar a coleta de dados, bem como construir uma análise original dos mesmos (CHARMAZ, 2009).

5.4.1 Participantes do estudo

Os participantes da pesquisa foram definidos por meio da composição de grupos amostrais com indivíduos com experiências relevantes em relação ao fenômeno investigado, conforme preconiza a TFD. O primeiro grupo amostral (GA1) foi delimitado de forma intencional por 15 discentes do PEN/UFSC *stricto sensu*, 6 mestrandos e 9 doutorandos, com base nos resultados do estudo quantitativo. Os critérios de inclusão aplicados foram estar regularmente matriculado no programa e ter disponibilidade para participar do estudo. Foram excluídos os discentes do mestrado e de doutorado interinstitucional² por dificuldade de acesso a esses participantes e do pós-doutorado pelo número reduzido de estudantes.

O segundo grupo amostral (GA2) surgiu da análise dos dados do GA1, pois na TFD a amostra não se define a priori, mas sim no decorrer do estudo, por meio das lacunas da teoria emergente que com a coleta de dados vão se mostrando relevantes (TAROZZI, 2011). Dessa forma, o GA2 foi constituído por sete docentes do PEN/UFSC. Estes docentes foram escolhidos a partir da análise dos dados do GA1, bem como a partir da menção pelos discentes de docentes relevantes para o empreendedorismo. A hipótese que direcionou a formação do GA2 foi de que os docentes são as pessoas responsáveis por organizar e fomentar o empreendedorismo no PEN. Esta hipótese surgiu a partir da análise dos dados do GA1.

Os grupos amostrais foram determinados até o alcance da saturação teórica dos dados, ou seja, até ocorrer a repetição ou a ausência de novos dados (STRAUSS; CORBIN, 2008). Nesse sentido, totalizou-se a realização de 22 entrevistas intensivas.

² O PEN/UFSC mantém parceria com algumas outras instituições de ensino como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Pará, Universidade de Magallanes entre outras, recebendo assim, discentes de mestrado e doutorado acadêmico. Pela dificuldade em encontrar com esses discentes, eles foram excluídos do estudo.

5.4.1.1 Perfil sócio profissional da amostragem teórica

Compuseram a amostragem teórica deste estudo, seis estudantes de mestrado (27,27%), nove estudantes de doutorado (40,9%) e sete docentes, todos eles do PEN/UFSC, que totalizaram 22 participantes, divididos em dois GA (GA1 e GA2).

O GA1 (ME1-ME6 e DO1-DO9) foi formado por seis estudantes de mestrado (40%) e nove de doutorado (60%) do PEN/UFSC. A idade dos discentes ficou na faixa etária de 23 a 37 anos, sendo a média de idade de 29 anos. Quanto ao sexo, 93,33% eram mulheres e 6,66% homens. A raça obteve o mesmo resultado, 93,33% brancos e 6,66% negros ou pardos. O ano de ingresso no mestrado ou no doutorado ficou na faixa de 2016 a 2018, sendo a média o ano de 2017. Ademais, 66,66% possuíam bolsa de estudos e 33,33% possuíam vínculo empregatício.

O GA2 (PRO1-PRO7) foi formado por docentes também do PEN/UFSC. A faixa etária dos docentes ficou entre 36 e 61 anos, sendo a média de idade de 50 anos. Todos os docentes eram mulheres brancas. O ano de ingresso como docente da UFSC ficou na faixa de 1994 a 2012, sendo a média 2004.

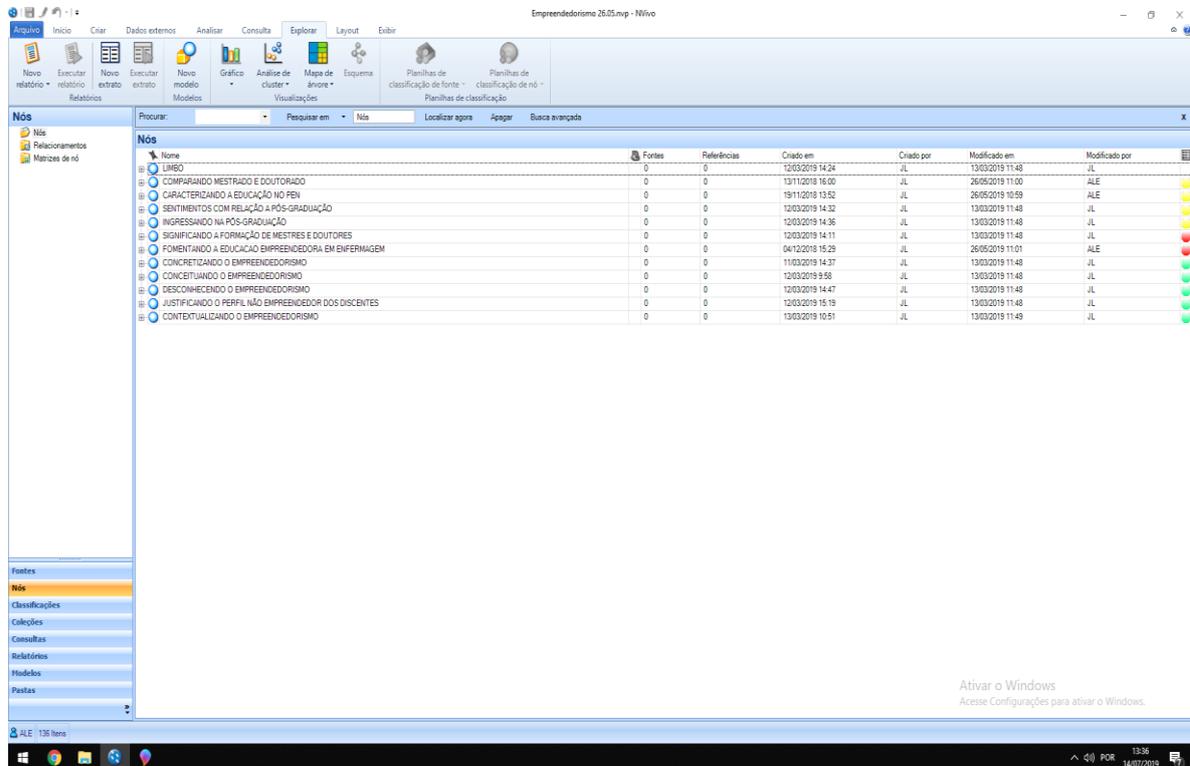
5.4.2 Coleta e análise dos dados

A coleta e análise dos dados foram feitas de forma simultânea (CHARMAZ, 2009). Ou seja, a entrevista era realizada, transcrita e em seguida analisada, servindo de direcionamento para a coleta de uma nova entrevista. A coleta ocorreu por meio de entrevistas intensivas onde os questionamentos eram previamente estabelecidos. O objetivo da entrevista era explorar as experiências e os significados atribuídos pelo PEN, ao empreendedorismo e à educação empreendedora (APÊNDICE B). As perguntas realizadas aos participantes mudavam de entrevista para entrevista, bem como, novos questionamentos eram acrescentados ou suprimidos à medida em que os participantes iam contando suas experiências.

As entrevistas foram realizadas individualmente nas imediações da universidade entre os meses de agosto de 2018 e fevereiro de 2019. Foram gravadas em dispositivo eletrônico de áudio, com duração variável de aproximadamente 20 minutos. As gravações foram armazenadas e transcritas na íntegra utilizando o Microsoft® Office Word e inseridas no software NVIVO® 10, onde foi realizado o processo de codificação e organização dos dados. O software NVIVO® versão 10 trabalha com o

conceito de projeto a partir da construção de nós, utilizados de forma isolada ou hierárquica, formando uma árvore de nós (LAGE, 2011) (Figura 2).

Figura 2 – Visão geral do software NVIVO® 10.



Fonte: Pesquisa de campo/NVIVO® (2019).

Para a análise dos dados foram adotadas duas etapas principais: codificação inicial e codificação focalizada. A codificação inicial é a codificação palavra por palavra, linha por linha ou incidente por incidente das transcrições do qual se pretende gerar códigos provisórios, comparativos e fundamentados nos dados (CHARMAZ, 2009). Nesta etapa, o texto transcrito originou segmentos de dados que foram codificados em códigos iniciais (Figura 3).

Figura 3 – Codificação inicial.

Criando uma empresa

<Internas\DO4> - § 1 referência codificada [1,75% Cobertura]

Referência 1 - 1,75% Cobertura

A primeira coisa que me vem na cabeça é empresa,

<Internas\DO5> - § 1 referência codificada [4,99% Cobertura]

Referência 1 - 4,99% Cobertura

Se a gente for pensar de uma maneira bem leiga, coisa que eu sou, o empreendedorismo no senso comum, tenho certeza que as pessoas de modo geral responderiam, está ligado a abrir empresa, está ligado a fazer girar o dinheiro, investimento.

<Internas\DO6> - § 1 referência codificada [0,69% Cobertura]

Referência 1 - 0,69% Cobertura

Eu entendo que é algo que você vai empreender, que vai criar, montar, seria um negócio.

<Internas\DO7> - § 1 referência codificada [2,51% Cobertura]

Referência 1 - 2,51% Cobertura

Eu não penso no empreendedorismo somente como a prática que envolva dinheiro. Porque normalmente quando se fala em empreendedorismo antes vinha na minha cabeça essas questões: fazer uma atividade que eu possa ter uma renda, dentro da questão de trabalho.

<Internas\DO8> - § 1 referência codificada [5,84% Cobertura]

Referência 1 - 5,84% Cobertura

Eu tenho uma visão um pouco mais econômica, quando a gente fala sobre empreendedorismo, mas eu acredito que a minha visão seja muito sutil, muito perene. Não é um assunto que eu tenho contato, mas por exemplo, eu consigo perceber que nas engenharias, ou categoriais que precisam ter o desenvolvimento do empreendedorismo para alcançar algumas metas. Então eu tenho uma visão muito materialista, muito

Fonte: Pesquisa de campo/NVIVO® (2019).

Na fase focalizada, os códigos mais significativos e frequentes foram agrupados por similaridades e diferenças conceituais, formando categorias com nomes mais abstratos que sintetizaram e explicaram um segmento maior de dados. Comparando-se códigos iniciais com códigos iniciais, construíram-se códigos focais dos quais originaram categorias conceituais (CHARMAZ, 2009) (Figura 4).

Figura 4 – Codificação focalizada.

CONCRETIZANDO O EMPREENDEDORISMO	0
AÇÕES EDUCATIVAS	0
Percebendo que a residência oportuniza o empreendedorismo na atenção básica	1
Pontuando que em algumas situações os docentes estimulam o empreendedorismo	1
Palestrando e capacitando	4
Possuindo um título de mestre ou doutor	2
Pesquisando e criando novos projetos	8
Atividades de extensão	4
Eventos científicos	1
Procurando novas alternativas	2
Internacionalização	9
Buscando financiamento	2
AÇÕES ASSISTENCIAIS	0
Empreendendo na enfermagem obstétrica	1
Empreendendo por meio de atividades de assessoria e consultoria	2
Empreendendo na área de cuidados domiciliares	2
Empreendendo na área de práticas alternativas e complementares	2
Criando consultórios de enfermagem	2
Criando produtos de enfermagem	1
Empreendendo na área de feridas	1
Empreendendo na área de nefrologia	1
AÇÕES DE NEGÓCIOS	1
PERSONIFICANDO O EMPREENDEDOR	0
Discentes como pessoas empreendedoras	2
Docentes como pessoas empreendedoras	12
Não conseguindo exemplificar alguém empreendedor	1

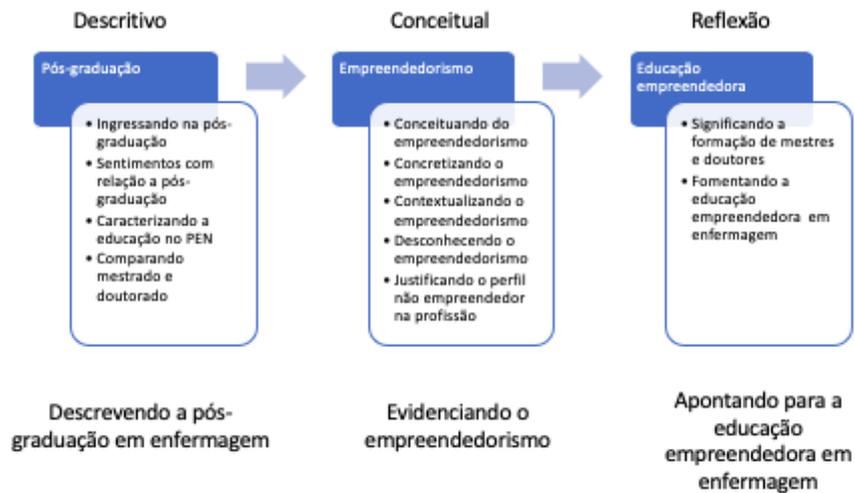
Fonte: Pesquisa de campo/NVIVO® (2019).

Ao final do processo de análise, resultaram três categorias e 11 subcategorias que serão apresentadas nos resultados.

Durante a coleta e análise dos dados construíram-se memorandos (Figura 5), que são anotações dos insights e reflexões do pesquisador sobre os dados, e diagramas (Figura 6 e Figura 7), que são representações gráficas que apresentam as relações entre os seguimentos de dados. Essas ferramentas foram úteis na compreensão dos dados e na construção da teoria fundamentada nos dados (CHARMAZ, 2009).

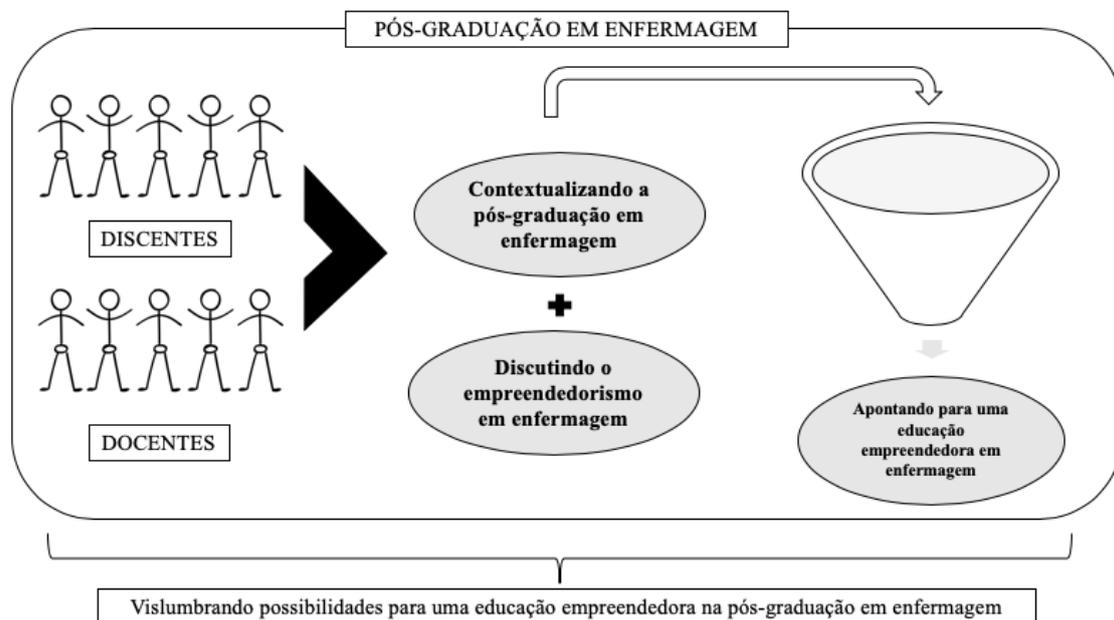
Figura 5 – Memorando 1 sobre os resultados do estudo.

Significando o empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem



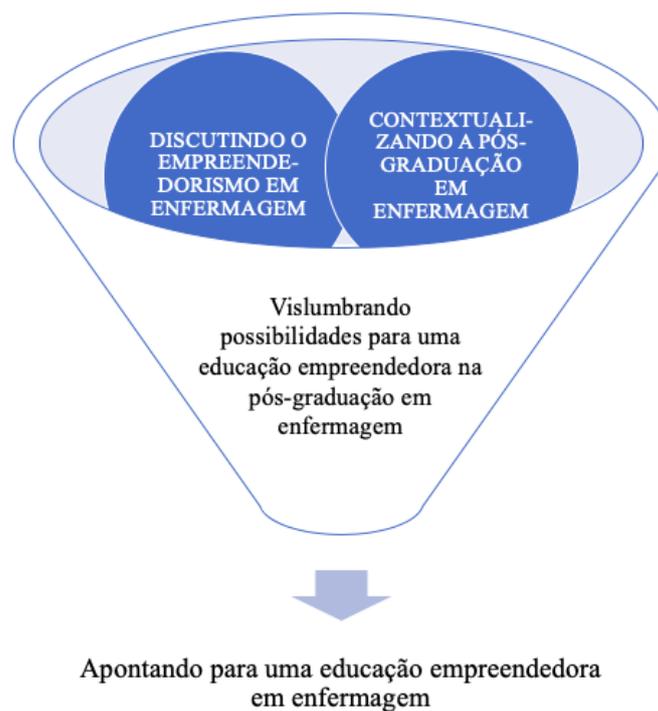
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 6 – Diagrama 2 sobre a organização do modelo esquemático.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 7 – Diagrama 3 sobre a organização do modelo esquemático.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Por fim, elaborou-se um modelo esquemático com as categorias levantadas que serviu de subsídio para a criação de um modelo interpretativo e uma teoria substantiva.

Esse modelo foi validado por seis pessoas com expertise na temática e no método. As sugestões dadas foram aceitas e incorporadas ao estudo. O modelo esquemático está ilustrado junto ao manuscrito 3 (Figura 8).

5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer número 2.620.227 e CAAE 81636017.9.0000.0121 na data de 25 de abril de 2018 (ANEXO 1). E, submetido novamente ao Comitê de Ética em Pesquisa para a incorporação de uma emenda, com a solicitação de realizar a aplicação dos questionários na etapa quantitativa também de forma online, utilizando o Google Forms®. A solicitação foi aceita e aprovada com o parecer de número 3.166.536 e CAAE 81636017.9.0000.0121 na data de 24 de fevereiro de 2019 (ANEXO 2).

A fim de atender aos aspectos éticos o presente trabalho seguiu as recomendações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde de número 466 de

dezembro de 2012 (BRASIL, 2012). Todos os sujeitos do estudo tiveram seus direitos assegurados através do esclarecimento dos objetivos e do método proposto por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C).

O TCLE foi disponibilizado em duas vias para as coletas feitas presencialmente, uma de posse do pesquisador e outro do sujeito e disponibilizado online para as coletas via Google Forms®. Foi garantido a todos os sujeitos a liberdade de participar, assim como deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

Nas entrevistas, a confidencialidade da identidade dos participantes do estudo foi preservada por meio da adoção da letra “ME” para os mestrandos, “DO” para os doutorandos e “PRO” para os professores/docentes, seguido por um número ordinal para identificação dos seus depoimentos no relatório final da pesquisa (ex. ME1, DO2, PRO3). As gravações das entrevistas foram eliminadas depois de transcritas, sendo que as transcrições dos depoimentos ficarão de posse da pesquisadora por cinco anos e depois destruídos.

6 RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados da pesquisa estão apresentados no formato de dois manuscritos, conforme estabelece a Instrução Normativa n. 10, de 15 de junho de 2011, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PEN/UFSC).

6.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

6.1.1 Manuscrito 2 – Tendência empreendedora geral de estudantes de pós-graduação em enfermagem

TENDÊNCIA EMPREENDEDORA GERAL DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo: identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem. **Método:** estudo transversal constituído por uma amostra de 84 estudantes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, stricto sensu, em nível de mestrado e doutorado acadêmico. A coleta de dados se deu por meio da aplicação do instrumento Teste de Tendência Empreendedora Geral (TEG) durante o semestre letivo de 2018 e início de 2019, de forma presencial e online. Foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis. Para as análises bruta e ajustada, foram utilizadas regressões logísticas, estimando-se o Odds Ratio bruto e ajustado. **Resultados:** o nível de empreendedorismo dos estudantes de pós-graduação em enfermagem foi considerado baixo, de acordo com o TEG. Com relação ao TEG, a maioria dos estudantes atingiram a média das dimensões necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e Impulso e determinação. As dimensões que os estudantes não atingiram a média do teste foram tendência criativa e propensão a riscos calculados. Houve associação entre a tendência empreendedora e vínculo empregatício. Observou-se associação entre necessidade de realização e idade, ano de término de graduação e ano de início no mestrado. Com relação ao domínio tendência criativa, houve associação com bolsa de estudos e com vínculo empregatício. O

domínio Propensão a riscos calculados teve associação com vínculo empregatício. **Conclusão:** ficou evidenciado que o empreendedorismo nos estudantes de pós-graduação em enfermagem é baixo, mas vem avançando em especial nas dimensões necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação.

Descritores: Contrato de Risco. Enfermagem. Educação em enfermagem.

INTRODUÇÃO

A enfermagem no Brasil, compreendida por enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, constitui na atualidade mais da metade do contingente de trabalhadores da área da saúde, totalizando 3,5 milhões de pessoas. No entanto, estima-se que 5% desses profissionais estejam desempregados e outros 4,5% afastados temporariamente da sua atividade profissional. Outro dado relevante é que poucos são os profissionais de enfermagem que conseguem permanecer no mercado de trabalho até os 70 anos como os médicos, o que pode estar relacionado as condições de trabalho e as longas jornadas de 40 a 60 horas semanais. Os quatro principais setores de empregabilidade da enfermagem são o setor público, privado, filantrópico e ensino. Independentemente do setor, a empregabilidade é questão central para a profissão, mostrando que são poucos os trabalhadores que buscam a atuação liberal e autônoma, e quando isso acontece, pautam-se principalmente em atividades de assistência domiciliar. Além disso, a enfermagem pratica subsalários, inclusive para os enfermeiros, o nível superior da classe (MACHADO et al., 2015).

Desse modo, torna-se essencial repensar como melhorar os determinantes para o mercado de trabalho em enfermagem, no sentido de tornar a profissão fundamentalmente mais bem remunerada, com níveis mínimos de desemprego, com jornadas de trabalho dignas, condizentes com a penosidade do trabalho, mais satisfeita e valorizada socialmente. Nesse sentido, acredita-se que empreender seja peça fundamental para evoluir enquanto profissão, mudando o cenário existente e ajustando-se as necessidades atuais do mercado (PARREIRA et al., 2015), deixando para trás a característica submissa, tarefa e subordinada, historicamente difundida.

Empreender em enfermagem significa inovar, criar, gerar e desenvolver uma oportunidade voltada para as ações de enfermagem, seja no cuidado/assistência, no

ensino/educação e na gestão/administração (COPELLI; ERDMANN; SANTOS, 2019). O empreendedorismo pode ser desenvolvido de acordo com a atuação do profissional de enfermagem em basicamente três linhas: empreendedorismo social, empreendedorismo empresarial ou de negócios e intraempreendedorismo, que é o empreendedorismo realizado dentro de uma instituição (COPELLI; ERDMANN; SANTOS, 2019; COLICHI et al., 2019).

No entanto, muitos são os fatores que desafiam os profissionais de enfermagem a empreender. No ramo empresarial e de negócios, por exemplo, a cultura local, a legislação, a economia, a falta de preparo, conhecimentos e habilidades adequadas a prática profissional empreendedora são os principais entraves a serem superados (COLICHI et al., 2019). Desta maneira, investir em educação empreendedora desde cedo parece ser uma opção palpável para difundir o empreendedorismo na profissão e na sociedade (PARREIRA et al., 2015) que muitas vezes não visualiza o enfermeiro como um profissional potencialmente autônomo. Cabendo às instituições de ensino, em especial as universidades, mudarem a mentalidade dos estudantes de enfermagem para não se concentrarem apenas em se tornarem funcionários públicos (GUNAWAN et al., 2018). Além disso, sua inserção no modelo formativo transcende o saber científico de sala de aula, pois apresentar aos estudantes o empreendedorismo, resulta em mudança de hábitos, atitudes e o repensar no comportamento diário (LOMBA et al., 2018).

Nesse sentido a pós-graduação tem papel importante como parte integrante da massa desenvolvida de ciência, tecnologia e inovação de um país (SILVA, 2015). O que vai ao encontro da proposta empreendedora e da mudança de paradigma que a enfermagem pode desenvolver para se tornar socialmente e economicamente mais valorizada. Ademais, a formação de mestres e doutores em enfermagem, favorece a consolidação da profissão a partir do avanço no conhecimento científico e tecnológico e aumenta a qualidade de saúde da sociedade (SCOCHI et al., 2013).

Diante do exposto, questiona-se qual o nível de empreendedorismo a partir do teste de Tendência Empreendedora Geral que os estudantes de pós-graduação em enfermagem apresentam? Assim, esse estudo tem como objetivo: identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem.

MÉTODOS

Trata-se de estudo transversal constituído por uma amostra de 84 estudantes do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC) *stricto sensu*, em nível de mestrado e doutorado acadêmico.

A amostragem foi do tipo não probabilística, pois previu-se a aplicação do instrumento para a população elegível do estudo, uma vez que a população era pequena, de 132 estudantes. O critério de inclusão empregado foi estar regularmente matriculado no PEN/UFSC e ter disponibilidade para responder ao questionário. Excluiu-se os discentes do mestrado institucional, doutorado interinstitucional e o pós-doutorado.

As variáveis do estudo foram idade (20 a 29 anos, 30 a 39 anos e 40 anos ou mais), sexo (masculino e feminino), raça (negros ou pardos e brancos), ano de término da graduação (1980 a 1999 e 2000 a 2018), ano de início no mestrado (antes de 2009 e 2010 a 2018), tempo decorrido entre a conclusão da graduação e o ingresso no mestrado (0 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 anos ou mais), nível acadêmico (mestrado e doutorado), período do curso (primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano, cinco anos ou mais), área de concentração (área 1 - Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem e área 2 - Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem), bolsa de estudos (não e sim), vínculo empregatício (não e sim), área de atuação profissional (gerência, assistência e ensino), necessidade de realização (não atingiu e atingiu), necessidade de autonomia/independência (não atingiu e atingiu), tendência criativa (não atingiu e atingiu), propensão a riscos calculados (não atingiu e atingiu), impulso e determinação (não atingiu e atingiu) e tendência empreendedora geral (baixa, média e alta), verificada a partir da aplicação do Teste de Tendência Empreendedora Geral (TEG) (CAIRD, 1991).

O TEG visa identificar o perfil empreendedor em relação às características empreendedoras. Esse teste foi desenvolvido na Unidade de Formação Empresarial e Industrial da Durham University School por C. Johnson & Sally Caird (1988) e validado para cultura brasileira e língua portuguesa por Gaião et al (2009). Esse instrumento divide as características empreendedoras em cinco dimensões: necessidade de sucesso, necessidade de autonomia/independência, tendência criativa, propensão a riscos calculados e, impulso e determinação (RONCON, MUNHOZ, 2009). O instrumento possui 54 assertivas onde o estudante pode marcar apenas uma opção: de acordo ou desacordo (COUTO FILHO, 2014) (APÊNDICE A).

A coleta de dados se deu por meio de um instrumento autoaplicável durante o semestre letivo de 2018 e início de 2019, de forma presencial em sala de aula e online para aqueles estudantes que não foram encontrados presencialmente, pelo instrumento via Google Forms® para preenchimento.

A análise dos dados do TEG é específica. Sendo assim, cada uma das cinco dimensões do teste é representada por um conjunto de questões. Para a contagem da pontuação e identificação da tendência empreendedora foi realizado o seguinte procedimento: nas questões ímpares, foi atribuído um ponto para cada desacordo assinalado e nas questões pares foi atribuído um ponto para cada concordância assinalada. A pontuação de cada pergunta foi somada na respectiva dimensão e após a tabulação dos dados foi verificada para cada uma das dimensões se o sujeito alcançou no mínimo a média estipulada na definição do teste de TEG. Para a avaliação da tendência empreendedora é recomendada a seguinte leitura: se o respondente alcançou no mínimo a pontuação média em nenhuma ou uma das dimensões o nível de tendência empreendedora é considerado muito baixo. Se em duas dimensões, o nível é considerado baixo; em três médio; em quatro alto nível e; em cinco muito alto nível de tendência empreendedora (CAIRD, 1991; COUTO FILHO, 2014). Entretanto, considerando o número reduzido de participantes, realizou-se a seguinte leitura: se o respondente alcançou no mínimo a pontuação média em nenhuma, uma e duas dimensões o nível de tendência empreendedora foi considerado baixo, em três dimensões médio e em quatro ou cinco dimensões alto. Dessa forma, uniu-se o nível muito baixo e baixo e muito alto e alto.

Foram realizadas análises descritivas para todas as variáveis. Calculou-se as prevalências dos desfechos de empreendedorismo, necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência, tendência criativa, propensão a riscos calculados, impulso e determinação segundo a natureza das exposições.

Para as análises bruta e ajustada, foram utilizadas regressões logísticas, estimando-se o Odds Ratio (OR) bruto e ajustado com seus respectivos IC95%. Na análise ajustada, a associação entre as variáveis independente e o desfecho foi controlada pelas variáveis que apresentaram valor de $p \leq 0,05$ na análise bivariada. Utilizou-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para Mac, versão 25.0.

RESULTADOS

Os estudantes de pós-graduação em enfermagem da UFSC apresentaram predominância de idade entre 30 e 39 anos (43,9%), sexo feminino (88,1%) e raça branca (86,7%).

No que se refere aos aspectos acadêmicos, os estudantes, em maioria, terminaram a graduação entre os anos 2000 e 2018 (94%), iniciaram no mestrado entre 2000 e 2018 (95,2%) e, nesse sentido, ingressaram na pós-graduação entre 0 a 4 anos após a conclusão do curso de graduação (54,8%). Entre os respondentes, houve predominância de estudantes de doutorado (60,7%), no primeiro ano de pós-graduação (44,0%), da área de concentração 1 – Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem (66,7%), e sem bolsa de estudo (67,9%).

Sobre os aspectos profissionais, a maioria possuía vínculo empregatício (62,7%) e desenvolvia seu trabalho na área assistencial (33,3%). O nível de empreendedorismo baixo, de acordo com o TEG, foi prevalente em 44,6% dos estudantes (Tabela 1).

Tabela 1 - Descrição da amostra de acordo com as características sócio acadêmicas.

	n	%
Idade (n=82)		
20 a 29 anos	35	42,7
30 a 39 anos	36	43,9
40 anos ou mais	11	13,4
Sexo (n=84)		
Masculino	10	11,9
Feminino	74	88,1
Raça (n=83)		
Negros ou pardos	11	13,3
Branco	72	86,7
Ano de término da graduação (n=84)		
1980 a 1999	5	6,0
2000 a 2018	79	94,0
Ano de início no mestrado (n=84)		
Antes de 2009	4	4,8

2010 a 2018	80	95,2
Tempo entre conclusão da graduação e ingresso no mestrado (n=84)		
0 a 4 anos	46	54,8
5 a 9 anos	26	31,0
10 ou mais	12	14,2
Nível acadêmico (n=84)		
Mestrado	33	39,3
Doutorado	51	60,7
Período (n=84)		
Primeiro ano	37	44
Segundo ano	30	35,8
Terceiro ano	8	9,5
Quarto ano	8	9,5
Cinco anos ou mais	1	1,2
Área de concentração (n=84)		
Área 1 - Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem	56	66,7
Área 2 - Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem	28	33,3
Bolsa de estudos (n=84)		
Não	57	67,9
Sim	27	32,1
Vínculo empregatício (n=83)		
Não	31	37,3
Sim	52	62,7
Área de atuação profissional (n=84)		
Gerência	8	9,5
Assistência	28	33,3
Ensino	16	19,0
Não se aplica	32	38,2
Tendência Empreendedora (n=83)		
Baixa	37	44,6
Média	21	25,3
Alta	25	30,1

Com relação ao TEG, 53,7% dos estudantes atingiram a média das dimensões necessidade de realização, 53,0% de necessidade de autonomia/independência e 92,7% de impulso e determinação. As dimensões que os estudantes não atingiram a média do teste foram tendência Criativa (63,9%) e propensão a riscos calculados (58,5%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Descrição da amostra de acordo com as dimensões do TEG.

	Não atingiu		Atingiu	
	n	%	n	%
Necessidade de realização (n=82)	38	46,3	44	53,7
Necessidade de autonomia/independência (n=83)	39	47,0	44	53,0
Tendência criativa (n=83)	53	63,9	30	36,1
Propensão a riscos calculados (n=82)	48	58,5	34	41,5
Impulso e determinação (n=82)	6	7,3	76	92,7

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Houve associação entre a tendência empreendedora e vínculo empregatício (p-valor: 0,042). Observou-se associação entre necessidade de realização e idade (p-valor: 0,044), ano de término de graduação (p-valor: 0,013) e ano de início no mestrado (p-valor: 0,027). Com relação ao domínio tendência criativa, houve associação com bolsa de estudos (p-valor: 0,011) e com vínculo empregatício (p-valor: 0,028). O domínio propensão a riscos calculados teve associação com vínculo empregatício (p-valor: 0,025) (Tabela 3). Os estudantes de 40 anos ou mais apresentaram 0,86 (OR: 0,14; IC95%: 0,02-0,75) vezes menos chances de atingir a média da dimensão necessidade de realização quando comparados aos de 20 a 29 anos. Os estudantes que têm bolsas de estudos possuem 3,42 (IC95%: 1,31-8,94) vezes mais chances de atingir a média da dimensão tendência criativa que os estudantes que não possuem bolsa. Enquanto estudantes que possuem vínculo empregatício tem 0,65 (OR: 0,35; IC95%: 0,14-0,90) vezes menos chances de atingir a média da mesma dimensão. Os estudantes de pós-graduação que possuem vínculo empregatício têm 2,99 (IC95%: 1,13-7,92) vezes mais chances de atingir a média da dimensão propensão a riscos calculados quando comparados a estudantes que não possuem vínculo empregatício (Tabela 4).

Tabela 3 - Análise bivariada.

	Tendência empreendedora geral						Necessidade de realização				Necessidade de autonomia/independência						
	Baixo		Médio		Alto		p-valor	Não atingiu		Atingiu		p-valor	Não atingiu		Atingiu		p-valor
	n	%	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%	n	%	
Idade							0,308					0,044					0,699
20 a 29 anos	14	37,84	10	47,62	11	47,83		12	32,43	22	51,16		15	38,46	20	47,62	
30 a 39 anos	16	43,24	11	52,38	9	39,13		17	45,95	19	44,19		19	48,72	17	40,48	
40 anos ou mais	7	18,92	0	0	3	13,04		8	21,62	2	4,65		5	12,82	5	11,9	
Total	37	100	21	100	23	100		37	100	43	100		39	100	42	100	
Sexo							0,755					0,355					0,839
Masculino	5	13,51	3	14,29	2	8		6	15,79	4	9,09		5	12,82	5	11,36	
Feminino	32	86,33	18	85,71	23	92		32	84,21	40	90,91		34	87,18	39	88,64	
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100	
Raça							0,313					0,835					0,869
Negros ou pardos	6	16,67	3	14,29	1	4		5	13,16	5	11,63		5	12,82	5	11,63	
Branços	30	83,33	18	85,71	24	96		33	86,84	38	88,37		34	87,18	38	88,37	
Total	36	100	21	100	25	100		38	100	43	100		39	100	43	100	
Ano de término da graduação							0,22					0,013					0,548
1980 a 1999	4	10,81	0	0	1	4		5	13,16	0	0		3	7,69	2	4,55	
2000 a 2018	33	89,19	21	100	24	96		33	86,84	44	100		36	92,31	42	95,45	
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100	
Ano de início do mestrado							0,343					0,027					0,25
Antes de 2009	3	8,11	1	4,8	0	0		4	10,53	0	0		3	7,69	1	2,27	
2010 a 2018	34	91,89	20	95,2	25	100		34	89,47	44	100		36	92,31	43	97,73	

Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Tempo decorrido graduação/mestrado							0,267					0,443				0,075
0 a 4 anos	18	48,65	12	57,14	16	64		19	50	26	59,09		18	46,15	28	63,64
5 a 9 anos	15	40,54	4	19,05	7	28		12	31,58	14	31,82		17	43,59	9	20,45
10 anos ou mais	4	10,81	5	23,81	2	8		7	18,42	4	9,09		4	10,26	7	15,91
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Nível acadêmico							0,312					0,124				0,375
Mestrado	13	35,14	11	52,38	8	32		11	28,95	20	45,45		17	43,59	15	34,09
Doutorado	24	64,86	10	47,62	17	68		27	71,05	24	54,55		22	56,41	29	65,91
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Período							0,361					0,785				0,763
Primeiro ano	18	48,65	9	42,86	9	36		17	44,74	18	40,91		17	43,59	19	43,18
Segundo ano	11	29,73	11	52,38	8	32		14	36,84	16	36,37		13	33,33	17	38,64
Terceiro ano	4	10,81	0	0	4	16		3	7,89	5	11,36		5	12,82	3	6,82
Quarto ano	4	10,81	1	4,76	3	12		3	7,89	5	11,36		4	10,26	4	9,09
Cinco anos ou mais	0	0	0	0	1	4		1	2,64	0	0		0	0	1	2,27
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Área de concentração							0,244					0,632				0,142
Área 1 – Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem	28	75,68	13	61,9	14	56		24	63,16	30	68,18		29	74,36	26	59,09
Área 2 – Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem	9	24,32	8	38,1	11	44		14	36,84	14	31,82		10	25,64	18	40,91
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Bolsa de Estudos							0,232					0,818				0,278
Não	27	72,97	11	52,38	18	72		25	65,79	30	68,18		24	61,54	32	72,73
Sim	10	27,03	10	47,62	7	28		13	34,21	14	31,82		15	38,46	12	27,27
Total	37	100	21	100	25	100		38	100	44	100		39	100	44	100
Vínculo empregatício							0,042					0,505				0,304

Não	13	35,14	12	60	6	24		16	42,11	15	34,88		17	43,59	14	32,56
Sim	24	64,86	8	40	19	76		22	57,89	28	65,12		22	56,41	29	67,44
Total	37	100	20	100	25	100		38	100	43	100		39	100	43	100
Área de atuação profissional							0,327					0,483				0,509
Gerência	2	8,33	1	12,5	5	26,32		2	9,09	6	21,43		2	9,09	6	20,69
Assistência	16	66,67	4	50	7	36,84		12	54,55	14	50		13	59,09	14	48,28
Ensino	6	25	3	37,5	7	36,84		8	36,36	8	28,57		7	31,82	9	31,03
Total	24	100	8	100	19	100		22	100	28	100		22	100	29	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 3 – Continuação análise bivariada.

	Tendência criativa					Propensão a riscos calculados					Impulso e determinação				
	Não atingiu		Atingiu		p-valor	Não atingiu		Atingiu		p-valor	Não atingiu		Atingiu		p-valor
	n	%	n	%		n	%	n	%		n	%	n	%	
Idade					0,669					0,335					0,446
20 a 29 anos	21	39,62	14	50		23	48,94	12	36,36		2	33,33	32	43,24	
30 a 39 anos	25	47,17	11	39,29		20	42,55	15	45,45		4	66,67	32	43,24	
40 anos ou mais	7	13,21	3	10,71		4	8,51	6	18,19		0	0	10	13,52	
Total	53	100	28	100		47	100	33	100		6	100	74	100	
Sexo					0,257					0,92					0,343
Masculino	8	15,09	2	6,67		6	12,5	4	11,76		0	0	10	13,16	
Feminino	45	84,91	28	93,33		42	87,5	30	88,24		6	100	66	86,84	
Total	53	100	30	100		48	100	34	100		6	100	76	100	
Raça					0,063					0,577					0,728
Negros ou pardos	9	17,31	1	3,33		6	12,77	3	8,82		1	16,67	9	11,84	

Branços	43	82,69	29	96,67	41	87,23	31	91,18	5	83,33	67	88,16
Total	52	100	30	100	47	100	34	100	6	100	76	100
Ano de término da graduação					0,853				0,385			0,517
1980 a 1999	3	5,66	2	6,67	2	4,17	3	8,82	0	0	5	6,58
2000 a 2018	50	94,34	28	93,33	46	95,83	31	91,18	6	100	71	93,42
Total	53	100	30	100	48	100	34	100	6	100	76	100
Ano de início do mestrado					0,554				0,163			0,164
Antes de 2009	2	3,77	2	6,67	1	2,08	3	8,82	1	16,67	3	3,95
2010 a 2018	51	96,23	28	93,33	47	97,92	31	91,18	5	83,33	73	96,05
Total	53	100	30	100	48	100	34	100	6	100	76	100
Tempo decorrido graduação/mestrado					0,081				0,821			0,07
0 a 4 anos	25	47,17	21	70	27	56,25	18	52,95	6	100	39	51,32
5 a 9 anos	21	39,62	5	16,67	14	29,17	12	35,29	0	0	26	34,21
10 anos ou mais	7	13,21	4	13,33	7	14,58	4	11,76	0	0	11	14,47
Total	53	100	30	100	48	100	34	100	6	100	76	100
Nível acadêmico					0,501				0,902			0,814
Mestrado	19	35,85	13	43,33	19	39,58	13	38,24	2	33,33	29	38,16
Doutorado	34	64,15	17	56,67	29	60,42	21	61,76	4	66,67	47	61,84
Total	53	100	30	100	48	100	34	100	6	100	76	100
Período					0,368				0,214			0,783
Primeiro ano	21	39,62	15	50	24	50	11	32,35	3	50	32	42,11
Segundo ano	20	37,74	10	33,33	18	37,5	12	35,29	3	50	27	35,53
Terceiro ano	5	9,43	3	10,01	3	6,25	5	14,71	0	0	8	10,51
Quarto ano	7	13,21	1	3,33	3	6,25	5	14,71	0	0	8	10,53
Cinco anos ou mais	0	0	1	3,33	0	0	1	2,94	0	0	1	1,32
Total	53	100	30	100	48	100	34	100	6	100	76	100
Área de concentração					0,364				0,389			0,965

Área 1 – Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem	37	69,81	18	60		34	70,83	21	61,76		4	66,67	50	65,79
Área 2 – Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem	16	30,19	12	40		14	29,17	13	38,24		2	33,33	26	34,21
Total	53	100	30	100		48	100	34	100		6	100	76	100
Bolsa de Estudos					0,011					0,128				0,379
Não	41	77,36	15	50		29	60,42	26	76,47		5	83,33	50	65,79
Sim	12	22,64	15	50		19	39,58	8	23,53		1	16,67	26	34,21
Total	53	100	30	100		48	100	34	100		6	100	76	100
Vínculo empregatício					0,028					0,025				0,796
Não	15	28,85	16	53,33		23	47,92	8	23,53		2	33,33	29	38,67
Sim	37	71,15	14	46,67		25	52,08	26	76,47		4	66,67	46	61,33
Total	52	100	30	100		48	100	34	100		6	100	75	100
Área de atuação profissional					0,081					0,206				0,134
Gerência	4	10,81	4	28,57		2	8	6	23,08		0	0	8	17,39
Assistência	23	62,16	4	28,57		16	64	11	42,3		4	100	22	47,83
Ensino	10	27,03	6	42,86		7	28	9	34,62		0	0	16	34,78
Total	37	100	14	100		25	100	26	100		4	100	46	100

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

2000 a 2018	-	2,91(0,31-27,74)	-	1,75(0,28-11,06)	0,84(0,13-5,33)	0,45(0,07-2,85)	-
Ano de início do mestrado	0,632	0,989	0,259	0,278	0,559	0,198	0,203
Antes de 2009	1	1	1	1	1	1	1
2010 a 2018	1,77(0,17-18,15)	-	-	3,58(0,36-35,96)	0,55(0,07-4,11)	0,22(0,02-2,21)	4,87(0,43-55,71)
Tempo decorrido graduação/mestrado	0,822	0,32	0,248	0,452	0,168	0,976	
0 a 4 anos	1	1	1	1	1	1	1
5 a 9 anos	0,40(0,11-1,50)	0,53(0,17-1,61)	0,85(0,32-2,25)	0,34(0,12-0,93)	0,28(0,09-0,88)	1,29(0,49-3,41)	-
10 anos ou mais	1,88(0,42-8,44)	0,56(0,09-3,49)	0,42(0,11-1,63)	1,13(0,29-4,40)	0,68(0,17-2,65)	0,86(0,22-3,36)	
Nível acadêmico	0,203	0,798	0,127	0,376	0,502	0,902	0,815
Mestrado	1	1	1	1	1	1	1
Doutorado	0,49(0,17-1,47)	1,15(0,39-3,38)	0,49(0,20-1,22)	1,49(0,61-3,63)	0,73(0,29-1,82)	1,06(0,43-2,61)	0,81(0,14-4,71)
Período	0,503	0,236	0,776	0,96	0,397	0,027	0,323
Primeiro ano	1	1	1	1	1	1	1
Segundo ano	2,0(0,63-6,36)	1,45(0,43-4,89)	1,08(0,41-2,87)	1,17(0,44-3,10)	0,70(0,26-1,92)	1,45(0,52-4,04)	0,84(0,16-4,53)
Terceiro ano	0,00(0,00-0,01)	2,0(0,40-9,91)	1,57(0,33-7,62)	0,54(0,11-2,59)	0,84(0,17-4,07)	3,64(0,73-18,00)	-
Quarto ano	0,50(0,49-5,15)	1,50(0,27-8,19)	1,57(0,33-7,62)	0,89(0,19-4,14)	0,20(0,22-1,80)	3,64(0,73-18,00)	-

Cinco anos ou mais	1,14(0,00-0,01)	0,00(0,00-0,01)	-	-	-	-	-	-	-
Área de concentração		0,271	0,108	0,633	0,145	0,365	0,39	0,965	
Área 1 – Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem	1	1	1	1	1	1	1	1	
Área 2 – Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem	1,91(0,60-6,09)	2,44(0,82-7,27)	0,80(0,32-2,00)	2,01(0,79-5,12)	1,54(0,60-3,93)	1,50(0,59-3,81)	1,04(0,18-6,06)		
Bolsa de Estudos		0,117	0,933	0,818	0,279	0,012	0,131	0,394	
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	
Sim	2,45(0,80-7,54)	1,05(0,34-2,27)	0,90(0,36-2,26)	0,6(0,24-1,51)	3,42(1,31-8,94)	0,47(0,18-1,25)	2,60(0,29-23,43)		
Vínculo empregatício		0,075	0,353	0,505	0,305	0,03	0,028	0,796	
Não	1	1	1	1	1	1	1	1	
Sim	0,36(0,12-1,11)	1,72(0,55-5,36)	1,36(0,55-3,34)	1,60(0,65-3,93)	0,35(0,14-0,90)	2,99(1,13-7,92)	0,79(0,14-4,61)		
Área de atuação profissional		0,759	0,765	0,299	0,513	0,927	0,652	0,622	
Gerência	1	1	1	1	1	1	1	1	
Assistência	0,50(0,04-7,00)	0,18(0,03-1,13)	0,39(0,07-2,30)	-	-	-	-	-	
Ensino	1,0(0,06-15,99)	0,47(0,07-3,34)	0,33(0,05-2,18)	-	-	-	-	-	

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

DISCUSSÃO

Os resultados apontaram que o perfil dos estudantes de pós-graduação em enfermagem é formado majoritariamente por adultos de 30 a 39 anos. Resultado divergente foi encontrado numa pesquisa (FERREIRA et al., 2016) em que a idade dos estudantes de pós-graduação foi prevalente entre 23 a 32 anos.

O ano de ingresso na graduação em enfermagem não foi objeto de análise desse estudo, porém, acredita-se que este resultado pode ser explicado pelo fato desses estudantes ingressarem na graduação com mais idade, o que repercutiu na idade com que eles entraram na pós-graduação, uma vez que o ingresso na pós-graduação em geral é na sequência ao término da graduação.

No que se refere a maior prevalência do sexo feminino na pós-graduação, estudo (FERREIRA et al., 2016) mostrou que os pós-graduandos de enfermagem são em sua maioria do sexo feminino, corroborando com os achados deste estudo. Isso pode estar relacionado a história da profissão, que desde o início menciona as mulheres como as responsáveis pelo cuidado aos doentes (ALMEIDA et al., 2016). Entretanto, estudo mostrou que estudantes de enfermagem do sexo masculino possuem maior propensão a assumir riscos e potencial empreendedor (EKIN; GUNGORMUS, 2019).

Sobre a maior prevalência da raça branca, estudo destacou que os enfermeiros se consideraram em sua maioria brancos (MACHADO et al., 2015), o que converge com os resultados desta investigação. Este resultado pode ser explicado pelo fato pregresso e histórico de que os negros e pardos foram excluídos da profissionalização da enfermagem e do mercado de trabalho como um todo, mesmo sendo precursores na arte de cuidar, atuando como curandeiros, babás e benzedeiros (LOMBARDI; CAMPOS, 2018). Entretanto, as raças negra e parda ocupam juntas a maioria entre técnicos e auxiliares de enfermagem (MACHADO et al., 2015).

Com relação ao término da graduação e ingresso na pós-graduação, verificou-se que os estudantes iniciaram no mestrado precocemente, entre 0 a 4 anos após o término da graduação. Resultado semelhante foi descrito por pesquisa em que 48,2% dos enfermeiros concluíram o mestrado acadêmico em 5 anos ou menos após a formação no curso de graduação. Isso indica que a qualificação em enfermagem é relativamente recente no país, afinal apenas 5% dos enfermeiros fizeram mestrado acadêmico há mais de 20 anos (FROTA; ROLIM, 2016). Além disso, esta antecipação em iniciar a pós-graduação pode estar relacionada ao interesse próprio e individual do recém graduado

em iniciar uma pós-graduação (FERREIRA et al., 2016) ou pela necessidade de colocação profissional.

A predominância de estudantes de doutorado, do primeiro ano e da área de concentração 1 – Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem, pode estar relacionada no primeiro caso ao quantitativo de estudantes de doutorado ser maior em relação aos de mestrado, uma vez que o doutorado em geral tem duração de 48 meses e o mestrado de 24 meses e, o segundo à oferta ampliada de vagas na área 1 em comparação à área 2. Ressalta-se que esses resultados estão em concordância com a estrutura do próprio PEN/UFSC. Ademais, a natureza filosófica da área de concentração 1 está em consonância com as modalidades de pós-graduação americanas, onde a corrente filosófica direciona o estudante à ampliação do conhecimento e da pesquisa científica (ERDMANN et al., 2012). Além disso, a convergência do conhecimento filosófico ao conhecimento prático torna-se fundamental para a enfermagem no sentido de avançar na produção científica contextualizada com a prática (EDWARRDSON, 2010).

Sobre a ausência de bolsa de estudo e a existência de um vínculo empregatício, resultados semelhantes são encontrados em um estudo que evidenciou que a maioria dos estudantes de pós-graduação em enfermagem *stricto sensu* de universidade pública não são bolsistas de demanda social e por esse motivo possuem vínculo empregatício (FERREIRA et al., 2016). Esse achado pode repercutir a necessidade dos estudantes de pós-graduação de se colocarem no mercado de trabalho ao mesmo tempo que cursam uma pós-graduação, ou a necessidade de maior remuneração comparada aos valores recebidos pelas bolsas de estudo.

Não foram encontrados estudos que tiveram como objetivo identificar o nível de tendência empreendedora de estudantes de pós-graduação em enfermagem (FERREIRA et al., 2018), contudo, estudo com objetivo de identificar as características empreendedoras de enfermeiras revelaram que tanto no contexto do hospital universitário, hospital filantrópico ou secretaria da saúde, os enfermeiros apresentaram baixo nível de empreendedorismo (CARVALHO et al., 2016).

A maioria dos estudantes de pós-graduação atingiram a média das dimensões necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação e não atingiram a média das dimensões tendência criativa e propensão a riscos calculados. Estudo semelhante (SILVA; VALENTE; VALENTE, 2017), analisou que das cinco dimensões do TEG, apenas a dimensão impulso e determinação apresentou resultados satisfatórios. Este mesmo estudo relatou nível de

empreendedorismo baixo entre os participantes. Isso permite dizer que independente do cenário de atuação do enfermeiro, seja como aluno de pós-graduação, seja como profissional assistencial, a enfermagem não é uma profissão empreendedora. Destaca-se que a dimensão impulso e determinação, apresentou resultados satisfatórios em ambos os estudos, evidenciando a persistência, coragem e pró-atividade do enfermeiro independente do contexto de atuação (SILVA; VALENTE; VALENTE, 2017).

Os resultados deste estudo apontaram que estudantes mais velhos tem menos chances de atingir a média na dimensão necessidade de realização. Essa associação também foi evidenciada na literatura por um estudo que apontou que o enfermeiro que alcançou o maior escore na dimensão necessidade de realização era um enfermeiro jovem de 33 anos de idade (COSTA et al., 2013). Neste caso, pode-se afirmar que a necessidade de realização é menor em estudantes mais velhos em comparação com estudantes mais jovens, talvez porque os estudantes mais velhos já tenham conquistado muitos objetivos e por este motivo já se considerem realizados.

No que se refere a Tendência criativa, constatou-se associação positiva com bolsa de estudos e negativa com vínculo empregatício. Não foram encontrados estudos na literatura com essa associação. Entretanto, estudo mostrou que a criatividade está diretamente relacionada a pós-graduação, uma vez que é seu objetivo produzir novos conhecimentos e nesse sentido potencializar a criatividade e a inovação. Este mesmo estudo apontou que apesar da insatisfação dos pós-graduandos com a sua remuneração como bolsista, os participantes se sentiam satisfeitos com a relevância do seu trabalho e com as oportunidades de criatividade e inovação (SILVA; BARDAGI, 2015). Assim, pode-se dizer que ser bolsista estimula a criatividade por subtender-se que o contato mais próximo com os tutores e o maior tempo dedicado exclusivamente a produção de novos conhecimentos favorece o desenvolvimento dessa competência. Quanto a associação negativa, o inverso também é verdadeiro. Estudo português, mostrou que a manutenção da empregabilidade depende de características empreendedoras como adaptação a mudanças, criatividade e aceitação do risco (MENDONÇA; HUET; ALVES, 2014). Ademais, enfermeiros com maior tempo de trabalho em hospital apresentaram menor tendência empreendedora comparados a enfermeiros com tempo de trabalho entre 4 e 6 anos (COSTA et al., 2013).

A associação entre propensão a riscos calculados e vínculo empregatício também não foi encontrada na literatura. Todavia, achado revela que enfermeiros com experiência profissional tem mais chance de atingir a média para o domínio de

propensão a riscos calculados quando comparados com os enfermeiros que não tem experiência. Assim, pode-se dizer que possuir trabalho formal envolve assumir determinados riscos muitas vezes inerentes a função desempenhada (FERREIRA et al., 2018).

CONCLUSÃO

Os resultados desse estudo atingiram o objetivo de identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem. Nesse sentido, foi evidenciado que o empreendedorismo nos estudantes de pós-graduação em enfermagem é baixo, mas vem avançando em especial nas dimensões necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação. As dimensões tendência criativa e propensão a riscos calculados precisam ser melhor desenvolvidas entre os estudantes, tendo em vista que não foram atingidas as médias dessas dimensões no teste.

Ademais, os resultados apontaram que estudantes mais velhos tem menor chance de atingir a média da dimensão necessidade de realização. Quanto à criatividade, constatou-se que estudantes que possuem bolsa de estudos tem maior tendência criativa comparado com os que possuem vínculo empregatício. Da mesma forma, estudantes com possuem vínculo empregatício possuem maior propensão a riscos calculados em detrimento dos que possuem bolsa de estudos.

Quanto às limitações do estudo, destaca-se a amostragem reduzida, bem como a aplicação em apenas um cenário de estudo específico. Sendo assim, sugere-se a aplicação desse instrumento em outros contextos como o mestrado, o doutorado profissional e a aplicação com estudantes egressos da pós-graduação em enfermagem de programas públicos e privados.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, D.B.; QUEIRÓS, P.J.P.; SILVA, G.T.R.; LAITANO, A.C.; ALMEIDA, S.S. Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: um estudo histórico no período de 1935 a 1974. *Esc Anna Nery*, v. 20, n. 2, p. 118-35, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/1277/127745723003/>

2. CARVALHO, D.P.; VAGHETTI, H.H.; DIAS, J.S.; ROCHA, L.P. Características empreendedoras de enfermeiras: um estudo no sul do Brasil. **Rev Baiana de Enferm**, v. 30, n. 4, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/16803/pdf>
3. COLICHI, R.M.B.; LIMA, S.G.S.; BONINI, A.B.B.; LIMA, S.A.M. Empreendedorismo de negócios e enfermagem: revisão integrativa. **Rev Bras Enferm [Internet]**, v. 72, n. suppl 1, p. 335-45, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v72s1/pt_0034-7167-reben-72-s1-0321.pdf
4. COPELLI, F.H.S.; ERDMANN, A.L.; SANTOS, J.L.G. Empreendedorismo na enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Rev Bras Enferm [Internet]**, v. 72, n. suppl 1, p. 289-98, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000700289&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
5. COSTA, F.G.; VAGHETT, H.H.; MARTINELLO, D.F.G.; MENDES, D.P.; TERRA, A.C.; ALVAREZ, S.Q.; et al. Tendências empreendedoras dos enfermeiros de um hospital universitário. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 34, n. 2, p. 147-54, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/29112/27278>
6. EDWARDSON, S.R. Doctor of philosophy and doctor of nursing practice as complementary degrees. **Journal of Professional Nursing**, v. 26, n. 3, p. 137-40, 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S8755722309001239>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2009.08.004>
7. EKIN, F.; GUNGORMUS, Z. Entrepreneurial feelings and potentials with opinions on innovation in nursing education of nursing students. **International Journal of Caring Sciences**, v. 12, n. 1, p. 107-23, 2019. Disponível em: http://www.internationaljournalofcaringsciences.org/docs/13._gungormus_12_1.pdf
8. ERDMANN, A.L.; FERNANDES, J.D.; LUNARDI, V.L.; ROBAZZI, M.L.C.C.; RODRIGUES, R.A.P. O alcance da excelência por programas brasileiros de pós-graduação stricto sensu com doutorado em enfermagem. **Texto e Contexto Enferm**, v. 21, n. 1, p. 130-9, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71422299015>
9. FERREIRA, R.E.; TAVARES, C.M.M.; SANTOS, G.S.; MANHÃES, L.S.P.; MARCONDES, F.L.; FELIPPE, T.D.G. Perfil motivacional e demográfico dos alunos

- do mestrado acadêmico e profissional. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental** [Internet], n. spe, p. 77-84, 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602016000400012&lng=pt
10. FERREIRA, J.S.; OLIVEIRA, L.A.; GODINHO, R.L.P.; SANTOS, P.S.S.R.; HANZELMANN, R.S.; PASSOS, J.P. Alunos da pós-graduação em enfermagem e o nível de estresse. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 7, n. 3, p. 20-5, 2016. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/659>
11. FERREIRA, A.M.D.; ROSSANEIS, M.A.; OLIVEIRA, J.L.C.; HADDAD, M.C.F.L.; VANNUCHI, M.T.O. Perfil empreendedor entre residentes de enfermagem. **Rev Baiana Enferm**, v. 32, n. e27365, 2018.
12. FROTA, M.A.; ROLIM, K.M.C. Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares. **Enferm. Foco**, v. 7, n. (Esp), p. 15-34, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/687>
13. GAIÃO, B.F.S.; THIAGO A.; QUEIROZ, C.T.A.P. Diagnóstico da tendência empreendedora através do modelo de Durham: um estudo de caso no setor educacional. **Revista Qualit@as**, vol. 8, n. 3, 2009. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/639>
14. GUNAWAN, J.; AUNGSUROCH, Y.; SUKANA, A.; WAHAB, N. Nursing students plan after graduation: a qualitative study. **J Educ Health Promot**, v. 7, n. 1, p. 1-7, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5791428/>
15. LOMBA, M.L.L.F.; TOSON, M.; WEISSHEIMER, A.S.; BACKES, M.T.; BUSCHER, A.; BACKES, D.S. Empreendedorismo social: translação de saberes e práticas em estudantes de enfermagem no Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 19, p. 107-16, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Lurdes_Lomba/publication/329960639_Empreendedorismo_social_translacao_de_saberes_e_praticas_em_estudantes_de_enfermagem_no_Brasil/links/5c294e9c458515a4c7029bc6/Empreendedorismo-social-translacao-de-saberes-e-praticas-em-estudantes-de-enfermagem-no-Brasil.pdf
16. LOMBARDI, M.R.; CAMPOS, V.P. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. **Rev ABET**, v. 17, n. 1, p. 28-46, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/41162/20622>

17. MACHADO, M.H.; AGUIAR FILHO, W.; LACERDA, W.F.; OLIVEIRA, E.; LEMOS, W.; WERMELINGER, M. et al. Características gerais da enfermagem: perfil sócio demográfico. **Enferm. Foco**, v. 6, n. 1/4, p. 11-7, 2015. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686/0>
18. MACHADO, M.H.; OLIVEIRA, E.; LEMOS, W.; LACERDA, W.F.; AGUIAR FILHO, W.; WEMELINGER, M.; VIEIRA, M.; SANTOS, M.R.; SOUZA JUNIOR, P.B.; JUSTINO, E.; BARBOSA, C. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco**, n. esp, 35-62, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>
19. MENDONÇA, C.; HUET, I.; ALVES, M.G. Da construção à validação de um referencial de competências para uma licenciatura em enfermagem. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 48, n. 2, p. 109-32, 2014. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/2324/1522>
20. PARREIRA, P.M.; PEREIRA, F.C.; SENA, C.A.; SALGUEIRO, A.; GOMES, A.M.T.; MARQUES, S.C.; MELO, R.C.; OLIVEIRA, D.C.; FONSECA, C.; CARVALHO, C.; MÓNICO, L.S. Representações sociais do empreendedorismo: o papel da formação na aquisição de competências empreendedoras. **RIASE**, v. 1, n. 3, p. 266-85, 2015. Disponível em: http://www.revistas.uevora.pt/index.php/saude_envelhecimento/article/view/71/122
21. SILVA RS. Pós-graduação e a pesquisa em enfermagem na américa latina: avanços e desafios. **Rev Cuid**, v. 6, n. 2, p. 1019-21, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/html/3595/359540742001/>
22. SILVA, T.C.; BARDAGI, M.P. O aluno de pós-graduação stricto sensu no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. **RBPG**, v. 12, n. 29, p. 683-714, 2015. Disponível em: http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/853/pdf_1
23. SILVA, A.C.P.; VALENTE, G.L.C.; VALENTE, G.S.C. O empreendedorismo como uma ferramenta para atuação do enfermeiro. **Rev enferm UFPE on line**, v. 11, n. 4, p. 1595-602, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/15227/17992>
24. SCOCHI, C.G.S.; MUNARI, D.B.; GELBCKE, F.L.; ERDMANN, A.L.; GUTIÉRREZ, M.G.R.; RODRIGUES, R.A.P. Pós-graduação stricto sensu em enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev Bras Enferm**, v. 66, n. (esp), p. 80-9, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2670/267028669010.pdf>

6.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

6.2.1 Manuscrito 3 – Compreendendo o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem

COMPREENDENDO O EMPREENDEDORISMO E A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CONTEXTO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

RESUMO

Objetivo: compreender o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem. **Método:** estudo qualitativo orientado pela Teoria Fundamentada nos Dados. Os participantes do estudo foram dois grupos amostrais, o primeiro grupo amostral foi formado por 15 estudantes de mestrado e doutorado do programa de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. O segundo grupo amostral foi composto por sete docentes do mesmo programa. A coleta aconteceu por meio de entrevistas intensivas individuais em local definido pelos participantes nas imediações da universidade, entre os meses de agosto de 2018 a fevereiro de 2019. Os dados foram coletados e analisados simultaneamente. Para a análise dos dados foram adotadas duas etapas: codificação inicial e codificação focalizada. **Resultados:** os resultados deste estudo são representados por três categorias e 11 subcategorias que inter-relacionadas representam o fenômeno “Vislumbrando o empreendedorismo e a educação empreendedora na pós-graduação em enfermagem”. **Considerações finais:** apesar de não ter emergido um conceito único para o empreendedorismo na enfermagem ou para a educação empreendedora na enfermagem, acredita-se que este estudo tenha trazido um panorama inicial sobre a cultura e a educação em empreendedorismo na enfermagem, no sentido de mostrar o que pode ser feito para se modificar o paradigma atual da enfermagem no mercado de trabalho.

Descritores: Contrato de Risco. Enfermagem. Educação em enfermagem.

INTRODUÇÃO

Diversas tem sido as modificações no mercado de trabalho em enfermagem no Brasil e no mundo. O desemprego e o subemprego têm assombrado cada vez mais a profissão, mostrando aos profissionais que é hora de se reinventar (MACHADO et al., 2015). Por anos a enfermagem tem sido retratada por seus pares, por outros colegas da saúde e pela sociedade como uma profissão desvalorizada socialmente, que ganha pouco e que se doa muito. Nesse sentido, cabe a enfermagem ocupar novos espaços de atuação profissional, espaços estes de maior valor social e econômico. Para isso é fundamental mudar a forma que se ensina e se aprende, para que se tenha um egresso com outra mentalidade, diferente da que é construída atualmente, afinal só a educação transforma (ALBUQUERQUE; FERREIRA; LIMA, 2016). Para tanto, a educação empreendedora ocupa papel de destaque na desconstrução do paradigma atual do mercado de trabalho em enfermagem e reconstrução de uma nova cultura, a cultura do empreendedorismo.

Além dessas constatações, a educação empreendedora é importante para o desenvolvimento de uma nação, como fator gerador de renda. No que se refere ao Brasil, a educação empreendedora poderá aumentar o número de jovens inovadores, com iniciativa, e pró-atividade (SILVA; PATRUS, 2017). A educação empreendedora não está somente relacionada à educação para a criação de uma empresa ou para a atividade autônoma, mas está também relacionada à educação para o desenvolvimento pessoal (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016).

Nesse sentido, a lógica por traz da educação empreendedora não está somente na abertura de novos negócios, mas também no ensino de uma atitude perante a vida, em que o indivíduo capacitado, com diferentes competências, habilidades e atitudes, tem a possibilidade de exercer um comportamento empreendedor e um espírito empreendedor, transformando a sua realidade e a de quem o circunda. Assim, nesta concepção, o empreendedorismo não se limita à criação de uma empresa, mas em atitudes de transformação no trabalho, nas relações interpessoais, na articulação de saberes, na busca pela autonomia e pela liberdade, que pode sim repercutir na abertura de um negócio, no protagonismo social, ou simplesmente em uma postura proativa frente a vida (CAGGY; LAGO, 2016).

A educação empreendedora pode também ser analisada pela perspectiva da pedagogia. Nessa perspectiva, ela é associada à educação que visa romper com a

formação tradicional das instituições de ensino para o mercado de trabalho formal. Dessa forma, a educação empreendedora tem como ênfase o processo de aprender a aprender, a apropriação do aprendizado pelo estudante, o professor como facilitador do educando e envolvimento da racionalidade a partir de estratégias holísticas, não-lineares e intuitivas (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

A educação empreendedora pode ser aplicada desde o início da aprendizagem, portanto, pode ser desenvolvida desde a escola (NAZARETH et al., 2016). O que reafirma a importância das instituições de nível superior de aprimorar e/ou desenvolver o que ficou carente a partir de um ensino que valorize o desenvolvimento humano, social e de negócios. Por este motivo, acredita-se que a universidade tenha papel fundamental para a educação empreendedora em nível de graduação e mais ainda em nível de pós-graduação (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016).

Por fim, sabe-se que o empreendedorismo é um tema que está em alta nos últimos anos, também na área de enfermagem e que a educação empreendedora, apesar de ter se disseminado em alguns programas de formação, disciplinas e atividades de preparação, ainda carece de discussões mais sólidas (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Sendo assim, este estudo tem como questão de pesquisa: como ocorre o empreendedorismo e a educação empreendedora no programa de pós-graduação em enfermagem? E como objetivo: compreender o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem.

MÉTODO

Estudo qualitativo orientado pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) ou *Grounded Theory* (CHARMAZ, 2009). A TFD foi escolhida para este estudo pela possibilidade de reflexão analítica sobre o conjunto de dados (CHARMAZ, 2009).

Os participantes do estudo foram determinados pela composição de dois grupos amostrais. O grupo amostral 1 (GA1) foi formado por 15 estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse grupo, incluiu-se estudantes do primeiro ao quarto ano de pós-graduação. O grupo amostral 2 (GA2) foi composto por sete docentes do mesmo programa.

O GA1 foi determinado de forma intencional, a partir da hipótese de que estes seriam os participantes chave para responder o objetivo do estudo. O critério de inclusão

empregado foi estar regularmente matriculado no programa de pós-graduação em enfermagem da UFSC e ter disponibilidade em participar do estudo. Foram excluídos os discentes do mestrado e o doutorado interinstitucional por dificuldade de acesso a esses participantes e do pós-doutorado pelo número reduzido de estudantes. O GA2 foi constituído a partir da análise dos dados do primeiro grupo amostral que apontou que os docentes seriam os maiores responsáveis pela difusão da cultura empreendedora pelo programa. O tamanho da amostra ocorreu até a saturação teórica dos dados, atingida com 22 participantes (CHARMAZ, 2009).

A coleta aconteceu por meio de entrevistas intensivas individuais em local definido pelos participantes nas imediações da universidade, entre os meses de agosto de 2018 a fevereiro de 2019. As entrevistas foram gravadas em meio digital, transcritas e inseridas no software NVIVO 10 para a codificação e organização dos dados, com duração média de 20 minutos cada. O objetivo da entrevista era explorar as experiências e os significados atribuídos pelo PEN, ao empreendedorismo e à educação empreendedora. As perguntas realizadas aos participantes mudavam de entrevista para entrevista, bem como, novos questionamentos eram acrescentados ou suprimidos à medida em que os participantes iam contando suas experiências.

Os dados foram coletados e analisados simultaneamente. Para a análise dos dados foram adotadas duas etapas: codificação inicial e codificação focalizada. Na codificação inicial o texto transcrito transformou-se em segmentos de dados que geraram códigos provisórios, comparativos e fundamentados nos dados. Na codificação focalizada os códigos mais significativos e frequentes foram agrupados por similaridades conceituais formando categorias (CHARMAZ, 2009).

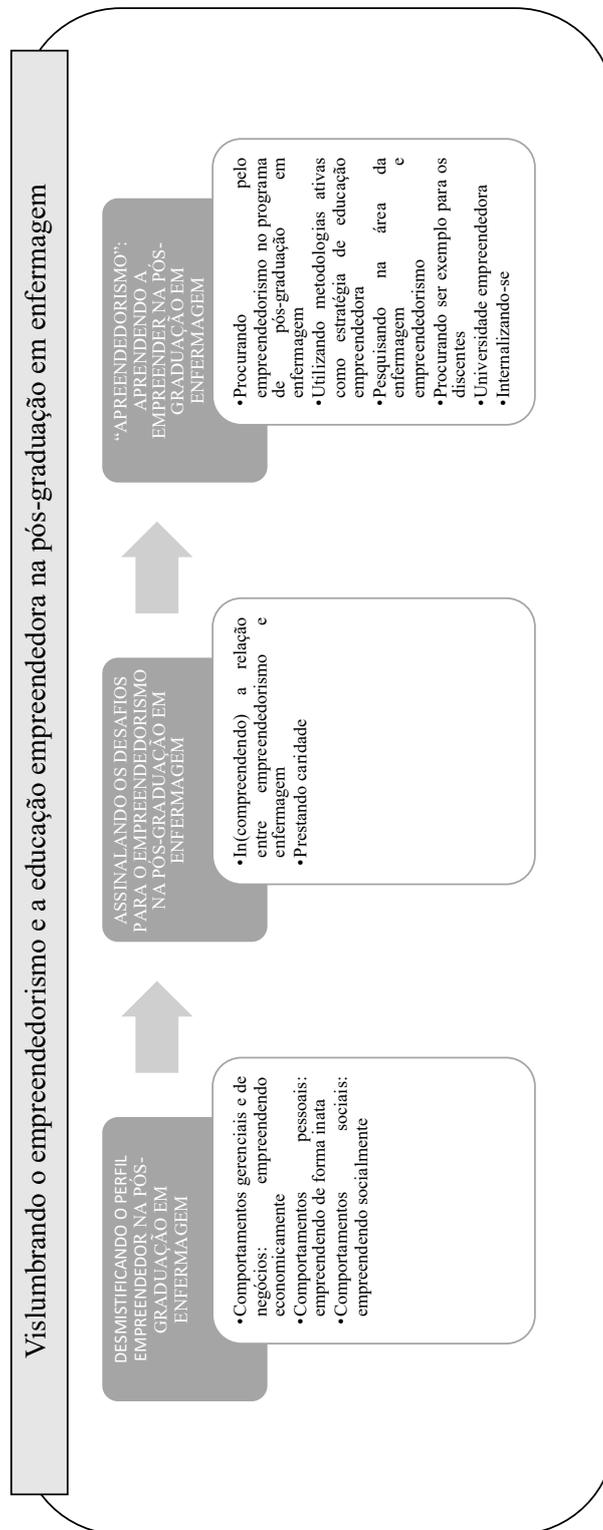
Os aspectos éticos foram respeitados conforme preconizado pela Resolução número 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer número 2.620.227 e CAAE 81636017.9.0000.012. O estudo foi submetido novamente para a aprovação de uma emenda e aprovado com o parecer de número 3.166.536 e CAAE 81636017.9.0000.0121.

A confidencialidade da identidade dos participantes foi preservada por meio da adoção do código “ME” para os mestrandos, “DO” para os doutorandos e “PRO” para os professores, seguido pelo número ordinal para identificação dos seus depoimentos no relatório final da pesquisa (ex. ME1, DO2, PRO3).

RESULTADOS

Os resultados deste estudo são representados por três categorias e 11 subcategorias que inter-relacionadas representam o fenômeno “Vislumbrando o empreendedorismo e a educação empreendedora na pós-graduação em enfermagem” (Figura 8).

Figura 8 – Modelo representativo do fenômeno, categorias e subcategorias.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A seguir, apresenta-se cada uma das categorias e suas respectivas subcategorias.

DESMISTIFICANDO O PERFIL EMPREENDEDOR NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Quando questionados sobre o empreendedorismo, os participantes mencionaram algumas situações e nomes de professores e colegas da pós-graduação que exemplificavam o que para eles representava empreendedorismo na enfermagem. Diante desses resultados, chegou-se à conclusão de que o empreendedorismo no programa de pós-graduação em enfermagem está expresso em três comportamentos que inter-relacionados compreendem o perfil empreendedor na pós-graduação em enfermagem. São eles: comportamentos gerenciais e de negócios, comportamentos pessoais e comportamentos sociais.

Comportamentos gerenciais e de negócios: empreendendo economicamente

O comportamento gerencial e de negócios foi o mais citado. Nesse sentido, o perfil empreendedor está diretamente relacionado à capacidade de administrar, de fazer gestão e utilizar de seus princípios e seguimentos, como o marketing para conduzir um negócio. Nesse tópico, o empreendedorismo foi associado ao capitalismo, à criação de uma empresa e à liderança e motivação frente a uma equipe ou grupo de trabalho. Assim, evidenciou-se a associação do termo empreendedorismo à tríade administração, negócios e empresas, que remete ao empreendedorismo enquanto atividade econômica. Por último, foram citados exemplos de situações que eram empreendedoras no que tange ao desenvolvimento de um negócio, à exemplo disso, a prática de assessoria e consultoria, o atendimento domiciliar, entre outros.

Empreendedorismo confunde muito com a questão da gestão (DO6).

Quando se fala em empreendedorismo, a primeira coisa que passa pela minha cabeça é capitalismo, negócios, administração, empresas não voltadas para a saúde (ME3).

[...] o empreendedor normalmente gosta de ser líder, ele precisa ser líder, isso é uma característica (PRO3).

Acho que empreendedorismo está ligado ao marketing, a administração [...] (DO1).

[...] mas acho que ser empreendedor é ser líder, estar a frente, ter novas ideias, mover o grupo, incentivar, criar oportunidades de aprendizado, de motivação [...] (DO4).

Empreendedorismo na enfermagem eu penso em situações como prestar consultoria em amamentação, em curativos, prestar cuidados domiciliares, práticas integrativas e complementares [...] (ME4).

Comportamentos pessoais: empreendendo de forma inata

Os comportamentos deste bloco são aqueles que representam a personalidade das pessoas empreendedoras, a partir de um conjunto de características naturais, próprias, individuais e inatas do indivíduo. A expressão “pensar fora da caixa”, a inquietude de “olhar para o que é rotineiro e se questionar”, a busca de oportunidades de “transformar situações não muito boas em possibilidades”, a criatividade e a inovação foram elementos trazidos como sinônimos do empreendedorismo no cenário da pós-graduação em enfermagem.

Esses comportamentos, associados à autoconfiança de “acreditar no seu potencial” e o interesse pessoal de se dedicar a algo que esteja almejando, dizem respeito ao sentimento de insatisfação, desejo de mudança e evolução que são próprios dos empreendedores.

A criatividade é fundamental para o empreendedor [...] criatividade é pensar fora da caixa, é olhar para aquilo que é rotineiro e se questionar (DO5).

Acredito que empreendedorismo é a capacidade de inovar e transformar situações não muito boas em possibilidades (DO3).

O empreendedor é uma pessoa de muita visão, ele aproveita as oportunidades (DO8).

Acho que [o empreendedorismo] é a questão de acreditar realmente no seu potencial e naquilo que é possível desenvolver (PRO7).

Acho que o empreendedorismo é a dedicação que a gente aplica para alguma coisa que esteja almejando (ME5).

Comportamentos sociais: empreendendo socialmente

Os comportamentos sociais são aqueles alusivos às relações humanas e coletividades. Nesse quesito, a comunicação, o poder de convencimento e a formação

de parcerias, como habilidades dos empreendedores no contexto do programa de pós-graduação. Assim, pode-se interpretar que os comportamentos sociais são aqueles praticados no coletivo, envolvendo mais de uma pessoa. Além disso, foi comentado também sobre o conceito de empreendedorismo social e a importância da geração de valor para a sociedade, a fim de trazer benefícios para as coletividades, reforçando uma preocupação dos participantes em dar uma devolutiva para a comunidade.

Eu acho que os empreendedores são bons comunicadores, são pessoas que conseguem se comunicar com facilidade (ME5).

Os empreendedores percebem as potencialidades das pessoas e as convencem de que o empreendimento é possível, criam parcerias [...] (PRO5).

Os empreendedores são pessoas que fazem parcerias. Se você não domina bem um campo você precisa de alguém que te ajude nesse sentido [...] (PRO2).

Empreender do ponto de vista das relações humanas, é pensar no que faz diferença para o coletivo, no que traz benefícios coletivos e sociais, é agregar valor a sociedade [...] (PRO1).

Pelo que eu me lembro, eu li que tem o empreendedorismo social, que é mais voltado para o coletivo, então eu penso que na saúde a gente tem esse empreendedorismo mais voltado para o social (ME3).

Não precisa necessariamente você estar produzindo uma nave espacial, você pode muito bem-estar desenvolvendo algo que é simples, mas que traga para a sociedade, para a comunidade, um cuidado diferenciado, uma visão diferenciada, uma educação que traga muito mais resultado [...] (PRO6).

ASSINALANDO OS DESAFIOS PARA O EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Os desafios do empreendedorismo na enfermagem concentraram-se em duas linhas: a primeira ligada à dificuldade de compreensão da relação entre empreendedorismo e enfermagem e, a segunda, pela história da profissão, que é de caridade e doação ao próximo. Dessa forma, observou-se que todas essas situações representaram desafios ao empreendedorismo na enfermagem.

In(compreendendo) a relação entre empreendedorismo e enfermagem

Essa subcategoria expressa a relação paradoxal de incompreensão e compreensão do empreendedorismo no programa de pós-graduação em enfermagem. Por diversas vezes, foi citado o desconhecimento em relação ao empreendedorismo e a não identificação de estratégias e ações empreendedoras no programa de pós-graduação em enfermagem. Entretanto, apesar da não identificação inicial do empreendedorismo no programa, foram apresentados comportamentos e atitudes que compuseram um perfil empreendedor, mencionados na categoria anterior. Isso pode ter acontecido porque os discentes e docentes ainda não estão sensibilizados para esses conceitos. Além disso, o programa não tem uma cadeira, ou disciplina que apresente melhor o empreendedorismo ou que direcione para uma educação empreendedora. Além disso, esta incompreensão versus compreensão foi geral entre os participantes, não havendo diferença entre discentes de mestrado e doutorado ou docentes.

Sobre empreendedorismo eu sei muito pouco. É porque todo mundo escuta falar do empreendedorismo, mas às vezes a gente não entende muito do que se trata (ME6).

Difícil conceituar o empreendedorismo! É uma palavra que a gente não usa muito (ME5).

Eu penso que na enfermagem a gente está um pouco atrasado nesse sentido [de empreender] (PRO3).

Aqui na pós-graduação [em enfermagem], da rede de contato que eu tenho, eu não consigo pensar em nada que tenha sido empreendedor (DO8).

Eu acredito que é uma temática pouco desenvolvida, pouco abordada tanto na pós-graduação quanto na graduação (ME2).

Eu não consigo identificar no primeiro momento estratégias do programa para isso [empreendedorismo] (DO5).

Eu vejo que a nossa formação é muito voltada para a carreira acadêmica, para continuar dando seguimento a isso, mas não para empreender (ME4).

Eu não vejo nada de concreto que o nosso programa esteja fazendo em termos de empreendedorismo, de despertar isso nos alunos, de preparar os alunos para isso [...] (PRO2).

Eu penso que a pessoa tem que estar sensibilizada para perceber essas questões [empreendedorismo] [...]. Como os professores acabam não deixando muito claro, também porque não é o objetivo deles, a gente

[estudantes] *tem dificuldade em dizer quais são as atividades que eles fazem que são empreendedoras* (DO7).

Como eu acredito que ainda falta essa visão aqui dentro [empendedorismo], talvez a gente não consiga passar exatamente essa visão para os nossos alunos. Acredito que está se despertando essa palavra dentro da pós-graduação, mas ainda não é algo comum (PRO6).

Prestando caridade

A reflexão sobre a história pregressa da enfermagem foi realizada na tentativa de justificar a ausência atual de empreendedorismo na profissão. Nesse sentido, a caridade realizada nos primórdios foi mencionada como uma explicação de como a profissão se coloca e se configura hoje no mercado de trabalho, incluindo características de devoção, “enfermagem por amor” e doação. Ademais, foram mencionadas as opções de trabalho da enfermagem, fazendo a crítica de que os enfermeiros, em maioria, ocupam vagas de empregados em instituições de saúde. Por fim, expressa-se a distância da enfermagem aos conceitos de empreendedorismo, justamente por se entender o empreendedorismo somente como atividade financeira/econômica e, em como a legislação não favorece a prática empreendedora da enfermagem.

A enfermagem não tem muito isso [empendedorismo], você se forma e vai trabalhar numa clínica, num hospital, na atenção básica ou vai dar aula. Agora criar uma coisa sua, claro que tem, mas ainda falta muito esse empreendedorismo dentro da enfermagem (PRO3).

O empreendedorismo parece ser algo distante para nós [enfermeiros], a gente não tem essa visão de empreender financeiramente [...] (ME1).

A gente [enfermeiros] nunca foi empreendedor, isso vem da história da nossa profissão [...] a enfermagem começou prestando caridade, não tinha a questão financeira envolvida e até hoje a “enfermagem é por amor”, a enfermagem não deve ser só por amor, a enfermagem também é ciência, é profissão, é conhecimento. Eu acredito que essa falta de compreensão do empreendedorismo pode estar relacionada a essas coisas. Eu acho que a falta de perfil empreendedor vem também de como o sistema está montado, das leis em si (ME4).

“APREENDEDORISMO”: APRENDENDO A EMPREENDER NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, POSSIBILIDADES INICIAIS

A educação em empreendedorismo para enfermagem foi destacada como ponto de partida para o rompimento do paradigma da enfermagem enquanto profissão não empreendedora. Nesse sentido, foram feitas reflexões sobre o que poderia ser modificado dentro do programa de pós-graduação para que futuramente o empreendedorismo pudesse se instalar como um conteúdo abordado. Além disso, eles partiram do pressuposto de que o empreendedorismo é um tema relevante e necessário para a enfermagem, tendo em vista as transformações mundiais do mercado de trabalho. Assim, neste quesito foram elencados a importância da pesquisa em enfermagem e empreendedorismo, a busca por exemplos empreendedores no programa de pós-graduação, a universidade enquanto instituição empreendedora e a internacionalização do programa de pós-graduação em enfermagem como possibilidades iniciais para a o despontar do empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem.

Utilizando metodologias ativas como estratégia de educação empreendedora

O empreendedorismo foi fortemente associado às metodologias ativas. Nesse sentido, utilizar estratégias de ensino que fujam do modelo tradicional e bancário representou uma das formas de se empreender no programa de pós-graduação em enfermagem. Além disso, foi comentado que as disciplinas da pós-graduação possuem um conteúdo programático apropriado e esclarecedor, porém poderiam ser mais atrativas, inovadoras e dinâmicas, no sentido de modificar a didática e desenvolver outras metodologias de ensino, como as metodologias ativas. Foi também relatada a necessidade de atualização de alguns docentes, que acabam por utilizar as mesmas estratégias de ensino aprendizagem nas aulas de graduação e pós-graduação por anos, sem levar em consideração as especificidades de cada grupo. Outrossim, apontou-se que por muitas vezes a única estratégia utilizada é a apresentação de seminários, revelando a carência na utilização de outras estratégias de ensino.

As disciplinas são esclarecedoras, mas não sei se a didática deveria se manter, eu acho que deveria ter outra estratégia, porque a gente passa muito

tempo só fazendo seminário e não houve bem a experiência do professor naquilo (DO4).

Eu vejo que os professores que trabalham temas voltados para a educação conseguem elaborar metodologias e trabalhar com metodologias que são mais didáticas, que o aluno consegue compreender melhor aquele conteúdo. É muito presente que os professores que não tem esse tato, que não tem o contato com esse tema, acabam trabalhando da mesma forma ao longo de todo o percurso, graduação, mestrado e doutorado (DO8).

Eu acho que poderia melhorar [as disciplinas]. As disciplinas, de um modo geral, utilizam o seminário como única estratégia de ensino (DO3).

Pesquisando na área da enfermagem e empreendedorismo

As pesquisas e produções científicas foram entendidas como formas de empreender junto ao programa de pós-graduação em enfermagem. Assim, as dissertações de mestrado, as teses de doutorado e as produções científicas feitas em parceria com os grupos/laboratórios de pesquisa são exemplos de situações empreendedoras e inovadoras não somente no programa de pós-graduação em enfermagem como também na comunidade acadêmica em geral. No entanto, chegou-se a conclusão que para fortalecer o empreendedorismo na enfermagem é necessário investir em pesquisa dentro dessa temática. Portanto, pesquisar em empreendedorismo colocou-se em duas direções, uma relacionada ao que já vem sendo desenvolvido como as pesquisas na área da enfermagem em geral e a outra, relacionada à necessidade de pesquisar em empreendedorismo para aplicar na prática da enfermagem e torná-la uma profissão mais empreendedora.

Eu acho que o programa [de pós-graduação em enfermagem] é muito empreendedor, então a partir do momento que cada professor publica um artigo, que é algo inovador ou que é algo para modificar a prática, já é um tipo de empreendedorismo (PRO6).

Eu acho que muitas pesquisas que a gente desenvolve no grupo de pesquisa são empreendedoras. Entendo que as pesquisas estimulam o empreendedorismo (DO2).

Os aspectos que facilitariam seriam ter mais contato com o empreendedorismo, porque a gente tem pouco contato, produção científica, que se relaciona com esse contato, porque eu acho que a gente tem uma produção escassa sobre a temática (ME2).

Procurando ser exemplo para os discentes

“Ser exemplo” é um aspecto importante para o ensino do empreendedorismo, o que evidenciou a necessidade de haver mais professores comprometidos com essa temática para que assim sirvam de inspiração para uma prática empreendedora. Ademais, é a partir da experiência empreendedora desses professores que se espera traçar o caminho para a educação empreendedora. Assim, pode-se pensar que a educação empreendedora foi colocada muito mais nas mãos dos docentes do que dos discentes, o que vai de encontro com a ideia de utilização de metodologias ativas, em que o protagonismo é do estudante.

A partir de que os nossos professores trabalhassem com essa temática, nos mostrassem caminhos de como empreender, como posso fazer, como eu chego nesse objetivo, quais são os mercados de trabalho que a gente tem para poder empreender. Deixar um panorama mais claro do que o enfermeiro pode empreender nessa prática profissional do que é a enfermagem (ME2).

Eu acho que uma questão por si só é importante e pode contribuir com essa formação é o exemplo desses professores, das pessoas que estão envolvidas principalmente na gestão e estimular nas atividades acadêmicas de um modo geral a possibilidade de olhar de conhecer a sua realidade e de identificar a partir da reflexão nessa realidade estas potencialidades, de estimular o desenvolvimento de um raciocínio crítico-reflexivo para que os egressos tenham também essa competência de ser empreendedor, de fazer a diferença onde estão, de desafiar [...] (PRO5).

Universidade empreendedora

Apenas docentes mencionaram a importância da universidade, enquanto instituição de ensino, fornecer subsídios para o empreendedorismo. Ao mesmo tempo que reforçaram a inovação da universidade e do programa de pós-graduação em enfermagem, também comentaram sobre as dificuldades encontradas para a condução de um projeto de pesquisa. Portanto, a universidade e o empreendedorismo parecem ser dicotômicos. Ao mesmo tempo que a universidade é considerada uma instituição inovadora justamente por todo o conhecimento produzido, também é considerada

amarrada, por todo o tradicionalismo e a burocracia que envolvem o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão.

Eu acho que falta a visão de que as universidades que elas são empresas (PRO6).

Eu penso que a UFSC tem que dar um salto muito grande no empreendedorismo no sentido de primeiro dar infraestrutura para os professores trabalharem um pouco nessa linha, nós estamos ainda muito dependentes de nós mesmos, desde encontrar um edital, desenvolver um projeto... A gente tem que fazer tudo... Prestar contas... e às vezes acaba ficando tão cansativo que você não consegue fazer exatamente aquilo que se programou (PRO2).

Eu acho que o programa é muito preso as delimitações das formas de avaliação que mantem o programa no seu nível, no nosso caso nós estamos num nível que tem algumas amarras, não deixa muito solto o programa para possivelmente empreender e fazer diferente (PRO1).

Eu acho que uma das ações empreendedoras necessárias é olhar novamente para o programa de pós-graduação em enfermagem, para os seus caminhos, para as possibilidades, para fortalecer o empreendedorismo (PRO7).

Internacionalizando-se

Uma questão muito citada foi a internacionalização do programa de pós-graduação em enfermagem, talvez pelo momento que foi feita esta pesquisa, que foi de muito incentivo e promoção por parte do programa para a internacionalização. Os convênios estabelecidos pela universidade com as universidades no exterior, as oportunidades de bolsas de intercâmbio e o mestrado e o doutorado interinstitucional firmado com outros países são exemplos de situações empreendedoras dentro do programa de pós-graduação em enfermagem. Essa visão pode estar relacionada à ideia que o empreendedorismo é sair do óbvio e do comum, e nesse caso, assemelha-se em sair do país, em busca de novos olhares para a sua pesquisa e sua trajetória acadêmica.

Eu acho que o PEN tem aberto algumas questões nesse sentido [do empreendedorismo] por conta da política universitária que é a internacionalização (PRO2).

A gente [programa de pós-graduação] busca a internacionalização, que não deixa de estar nessa linha [de empreendedorismo] [...] (PRO4).

Uma outra ação que eu acho que a gente pode colocar como empreendedora no programa de pós-graduação em enfermagem é a forma como o programa aderiu aos mestrados e doutorados interinstitucionais e internacionais (PRO5).

As parceiras institucionais que são firmadas, essa questão de tentar ao máximo enviar alunos para fora (DO7).

A nossa universidade, o nosso departamento de pós-graduação é muito inovador, é empreendedor. Nós trazemos isso como essência, desde a criação até os dias de hoje. Até porque nós somos no ensino a primeira universidade que tem dupla diplomação. Tudo isso são ações inovadoras dentro de um campo de conhecimento que é da enfermagem a nível nacional e internacional (PRO7).

De vez em quando a gente recebe e-mail da pós-graduação com as novidades de intercâmbios, de ligações que acontecem entre a nossa universidade e as universidades de fora, eu acho que isso são ações de empreendedorismo (ME5).

[...] eu penso que nesses convênios com outras universidades, a parte de bolsas para outras universidades, isso é empreendedorismo (DO1).

A partir do momento que o programa tenta fazer sua internacionalização, é um empreendedorismo (PRO6).

DISCUSSÃO

Apesar de não ter emergido um conceito único para o empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem, os resultados deste estudo apontam para um perfil digno de um empreendedor. O primeiro comportamento que compreende esse perfil, foi o comportamento gerencial ou de negócios. Diante desse resultado, pode-se estabelecer duas linhas de pensamento. A primeira linha está relacionada à associação que os participantes enfermeiros fazem do empreendedorismo à gestão/administração/empresa. Para se justificar tal achado, basta olhar para a história do empreendedorismo, que surgiu da ciência da administração há muitas décadas, porém foi intensificado em meados de 1970, a partir de estudos de grandes nomes da administração como Peter Drucker (COLICHI; LIMA, 2018). Somado a isso, atribui-se o fato do empreendedorismo, estar relacionado ao gerenciamento de empresas e a organização de negócios, contribuindo para que o empreendedor seja fortemente confundido com o empresário e vice e versa (GÜNDOĞDU, 2012).

Já a segunda linha de pensamento, pode estar associada à ascensão do empreendedorismo na enfermagem nos últimos anos, tendo em vista o auto emprego diante dos novos cenários de atuação ocupados por enfermeiros. Nessa lógica, semelhante a profissionais da saúde de outras áreas, a enfermagem descobriu que pode ter representatividade econômica, atuando como proprietária de uma empresa, oferecendo serviços de enfermagem, direta ou indiretamente, na área assistencial, educacional, de pesquisa ou administrativa (COLICHI et al., 2019).

O segundo comportamento relatado pelos participantes foi o comportamento pessoal. Nesse âmbito, a criatividade, a determinação, a autoconfiança, o conhecimento e a inovação foram mencionados como comportamentos inatos, ou seja, próprios, inerentes e naturais de cada indivíduo. A literatura, por muito tempo propagou que essas características eram realmente inatas aos indivíduos empreendedores, isto é, impossíveis de serem aprendidas e/ou desenvolvidas em pessoas que não nasciam com esses “dons”. A partir dos estudos na temática do empreendedorismo, e do desenvolvimento da educação empreendedora, se demonstrou que essas e outras habilidades, chamadas de “soft skills” podem ser aprendidas e ensinadas a partir de treinamentos específicos que direcionem o conhecimento teórico necessário para substituir aquilo que não é inato. Inclusive diversas profissões da saúde estão despertando para esse fenômeno do empreendedorismo e desenvolvendo o profissional para tais comportamentos (TERRIM; MELO; JÁCOMO, 2015). Nessa perspectiva, é possível pensar que o perfil empreendedor estará tanto em pessoas que possuem essas atitudes e habilidades de forma inata, congênita, assim como em pessoas que foram treinadas e desenvolveram essas aptidões a partir de um conhecimento teórico-prático sobre empreendedorismo. Por isso a importância do ensino de gestão, administração e empreendedorismo em enfermagem, não só para se aprender a gerenciar uma equipe, conflitos, estoque e etc., mas também para se desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes que aprimorem pessoalmente e profissionalmente esses enfermeiros.

As atitudes sociais, citadas pelos participantes, em partes, vão ao encontro do conceito de empreendedorismo social, amplamente difundido. Apesar dos participantes, em maioria não terem o conhecimento desse conceito, eles acabaram associando a ideia de coletividade ao empreendedorismo (social) em enfermagem. Isso pode ter ocorrido em função da enfermagem ser historicamente considerada uma profissão de doação, preocupada com as pessoas e, portanto, com a sociedade. Além disso, é possível que os participantes tenham conectado o trabalho em equipe, que é característico na

enfermagem, ao pensamento de conjunto e formação de parcerias. Diante do que foi elencado, enquanto atitudes sociais e, portanto, empreendedorismo social, no que diz respeito as relações interpessoais, comunicação etc., considera-se que há um viés entre o que está descrito na literatura como empreendedorismo social e o que os participantes entenderam por empreendedorismo social. Assim, acredita-se que há relativa discordância entre os resultados desse estudo e a literatura científica no que se refere ao empreendedorismo social, que o apresenta como atitude de promover o viver saudável de comunidades (BACKES et al., 2016), traduzindo-se em gestos de solidariedade a partir de atitudes de profissionais ousados, criativos e inovadores (LOMBA et al., 2018). Nesse sentido, entende-se que o conceito de empreendedorismo social pode ser ampliado, a fim de atender todas as nuances que compreendem o social, o coletivo, o grupo e a equipe em empreendedorismo em enfermagem.

O primeiro desafio ao empreendedorismo na enfermagem foi a incompreensão/compreensão relativa da relação entre empreendedorismo e enfermagem no programa de pós-graduação. Nesse sentido, cabe dizer que o empreendedorismo, apesar de estar em maior evidência nos últimos anos como fator de auto emprego (WHELAN, 2012), é antigo na história da enfermagem, desde os tempos de Florence Nightingale (COSTA et al., 2009). Isso reforça a ideia de que na realidade tanto discentes quanto docentes, não estão sensibilizados para o empreendedorismo, ou seja, não discutem muito estes conceitos nos espaços acadêmicos de sala de aula, por exemplo. O que fortalece a importância, já identificada pelos próprios participantes, de novas possibilidades para o empreendedorismo na enfermagem a partir da educação empreendedora no programa de pós-graduação.

O desconhecimento da relação empreendedorismo e enfermagem também advém da história da profissão, de caridade, doação ao próximo e vocação. O impacto disso, juntamente com o modelo formativo que ainda forma para a empregabilidade, reverbera no cenário atual da enfermagem no Brasil de desemprego, subsalários, baixas condições de trabalho e desvalorização profissional e social (MACHADO et al., 2015). Além disso, parece que os enfermeiros têm uma visão negativa de empreender economicamente, talvez pela concepção que é dissipada nos cursos da saúde das universidades públicas de formação para o trabalho no Sistema Único de Saúde (SUS), não apresentando, ao menos na enfermagem, o trabalho autônomo. Nesse sentido, estudo mostra que a empregabilidade é uma questão central para a enfermagem e que as atividades liberais ainda não são marcantes na profissão (MACHADO et al., 2015).

Com relação ao ensino, os participantes referiram não visualizar na pós-graduação em enfermagem estratégias educacionais que fossem ao encontro da ideia que faziam de empreendedorismo. Entretanto, quando questionados sobre exemplos empreendedores no ensino, identificaram as metodologias ativas como parte da educação empreendedora. Na literatura (RODRIGUES, 2016), há consenso que o uso das metodologias ativas seria sim a melhor estratégia de ensino do empreendedorismo. Assim, cabe a enfermagem superar o reducionismo e assistencialismo para estimular as metodologias ativas para a construção do conhecimento. Nesse sentido, a formação profissional que abrange os conceitos de empreendedorismo deve, necessariamente, ser pautada em espaços que fomentem a criatividade, a iniciativa e a autorreflexão (LOMBA et al., 2018). Contudo, apesar das metodologias ativas contribuírem para o despertar da criatividade, autonomia e resolução de problemas cotidianos, ainda se observa, na realidade prática do mercado de trabalho em enfermagem, egressos de enfermagem assumindo posturas convencionais e progressistas (CANEVER et al., 2014).

Uma sugestão dos participantes quanto ao despertar da pós-graduação ao empreendedorismo, foi a ideia de incentivo a produção científica na temática. Nessa direção, destaca-se o aumento da produção científica na área, em especial, a partir do ano de 2009, porém ainda com necessidade de ampliação, a fim de evoluir em conjunto com as demandas mundiais do mercado de trabalho e com a própria profissão da enfermagem (COPELLI; ERDMANN; SANTOS, 2019). Além disso, acredita-se que o empreendedorismo em enfermagem tenha um caminho promissor para os próximos anos. Apesar de ser um campo em expansão, é necessário investir em mais estudos, iniciativas e experiências para consolidar o empreendedorismo na atuação dos enfermeiros, afinal, investir em empreendedorismo significa também investir em realização e satisfação profissional em enfermagem (NUNES; ARAÚJO, 2018).

A questão de “ser exemplo” surpreendeu entre os resultados. Isso porque estudos mostram a importância de o professor ser mentor para os estudantes, incentivando-os e ensinando o empreendedorismo (WILBANKS, 2015; GIMMON, 2014). Apesar desse achado, os participantes colocaram os docentes como personagens principais na educação empreendedora, o que contrapõe a literatura, que menciona que na educação empreendedora, o professor é catalisador e facilitador, estimulando os estudantes a aprender a aprender e a aprender a pensar como empreendedores (DOLABELA; FILION, 2013). Nesse sentido, a literatura sugere que na educação empreendedora os

estudantes sejam os protagonistas e do seu aprendizado e os professores auxiliares no processo de ensinar e aprender (TEIXEIRA; SANTOS; FORTES, 2018).

Os participantes mencionaram a inovação que a universidade tem, assim como também mencionaram a necessidade de fortalecimento da universidade enquanto uma instituição empreendedora. Esse contraponto, ora inovador, ora conservador, pode ser analisado pela perspectiva da complexidade, que determina que a universidade não precisa ser uma coisa em detrimento da outra, ou seja, as vezes se sobressairá a característica empreendedora e inovadora da universidade, outras vezes o déficit de empreendedorismo e o tradicionalismo (MORIN, 2003). Contudo, autores destacam que é importante haver uma preocupação por parte das universidades com relação ao empreendedorismo, no sentido de não formar apenas mão-de-obra qualificada, como também seres humanos críticos-reflexivos a partir da disseminação da educação e da cultura empreendedora. Ademais, destaca-se algumas formas de contemplar, na universidade, o empreendedorismo: ofertar palestras e seminários na temática, desenvolver incubadoras de aprendizagem, fomentar laboratórios de transferência de tecnologia, entre outros (GOMES; OLIVEIRA; CASSANEGO JÚNIOR, 2013).

A internacionalização foi considerada um fator importante para o desenvolvimento do empreendedorismo no programa de pós-graduação em enfermagem. O que corrobora com a literatura, que menciona que a internacionalização torna a universidade mais competitiva, em condições de igualdade com as universidades do mundo, além disso, auxilia no desenvolvimento da economia, na expansão intelectual, maior participação nos fóruns globais, melhora a visibilidade no cenário global (STALLIVIERI, 2017), melhora a qualidade do ensino, traz inovações tecnológicas a universidade de origem, possibilita troca de saberes e de experiências culturais (CARDOSO; RIBEIRO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu a compreensão do empreendedorismo no contexto da pós-graduação em enfermagem. No que tange ao perfil empreendedor, pode-se dizer que o comportamento gerencial ou de negócios é categoria central para o empreendedorismo na enfermagem, uma vez que a origem administrativa e empresarial do empreendedorismo foi a mais citada e lembrada pelos participantes. Nesse sentido, subentendeu-se que os comportamentos pessoais e sociais são um sub aspecto do

comportamento central. Esse achado reforça a ideia de empreendedorismo somente enquanto atividade econômica, abertura de uma nova empresa e empreendedor igual a empresário, conferindo menor importância a todas as demais facetas do empreendedorismo que poderiam ser mais exploradas pela enfermagem e pelo programa de pós-graduação como a de desenvolvimento pessoal e profissional. Por outro lado, isso mostra que a enfermagem está assumindo novos espaços de atuação, inovando-se e se reinventando, a partir de um novo pensar sobre o mercado de trabalho e a economia. Assim, pode-se olhar com otimismo para o empreendedorismo em enfermagem.

Com relação aos desafios para o empreendedorismo em enfermagem, constatou-se que o principal desafio é a falta de contato com o tema. Isso pode ser resolvido com uma série de possibilidades que os próprios participantes elencaram para o empreendedorismo e a educação empreendedora no programa de pós-graduação em enfermagem. Além do aspecto anterior, entendeu-se que é também necessário superar a característica de caridade da profissão, o que só será possível a partir de uma mudança no processo de trabalho da enfermagem, construção de uma mentalidade empreendedora (cultura empreendedora) entre os pares e educação empreendedora em enfermagem.

Sobre o “aprendedorismo”, verificou-se que os participantes protagonizaram os docentes como os maiores responsáveis por fomentar o empreendedorismo no programa de pós-graduação em enfermagem. O que é contraditório, uma vez que os próprios participantes identificaram que o uso das metodologias ativas é um caminho importante para o empreendedorismo e a educação empreendedora na enfermagem.

Diante disso e do fenômeno “Vislumbrando possibilidades para o empreendedorismo e a educação empreendedora na pós-graduação em enfermagem”, elencou-se um caminho inicial para a construção dessa educação empreendedora no programa de pós-graduação. Nesse sentido, destaca-se o uso de metodologias ativas, a busca de inovação na produção do conhecimento científico para contribuir positivamente para a prática profissional, a realização de ações de internacionalização para potencializar o ensino e a pesquisa em enfermagem, o apoio da universidade e o exemplo dos professores como possibilidades iniciais para a educação empreendedora no programa de pós-graduação em enfermagem.

Apesar de não ter emergido um conceito único para o empreendedorismo na enfermagem ou para a educação empreendedora na enfermagem, acredita-se que este estudo tenha trazido um panorama inicial sobre a cultura e a educação em

empreendedorismo na enfermagem, no sentido de mostrar o que pode ser feito para se modificar o paradigma atual da enfermagem no mercado de trabalho. Ademais, considerou-se como uma limitação, o recorte de tempo, afinal este é um estudo que representa um contexto específico, num tempo específico, o que pode comprometer a aplicabilidade em outros cenários. Sugerindo-se, portanto, que outros estudos sejam desenvolvidos em outros contextos.

REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE, C.P.; FERREIRA, J.S.; BRITES, G. Educação holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, p. 1033-56, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/275/27547766012.pdf>
2. BACKES, D.S.; ZAMBERLAN, C.; COLOMÉ, J.; SOUZA, M.T.; ERDMANN, A.L. MAYA, A.S. Interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem. **Aquichan**, v. 16, n. 1, p. 24-31, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5369183>
3. BRASIL. **Resolução número 466**, de 12 de dezembro de 2012. Incorpora a autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade. Visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF, 12 de dez. 2012.
4. CAGGY, R.C.; LAGO, O.S. Educação empreendedora: do que estamos falando? **Revista Formadores**, v. 9, n. 6, p. 28-31, 2016. Disponível em: <http://www.seer-adventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/view/790/637>
5. CANEVER, B.P. et al. Processo de formação e inserção no Mercado de trabalho: uma visão dos egressos de enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.**, v. 35, n. 1, p. 87-93, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/43279/28939>
6. CARODOSO, A.D.; RIBEIRO, M.J.A. O papel do intercambista em redes de internacionalização do ensino superior. **Revista EDaPECI**, v. 19, n. 1, p. 95-106, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/10198/pdf>
7. COLICHI, R.M.B.; LIMA, S.A.M. Empreendedorismo na enfermagem: comparação com outras profissões da saúde. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, v. 20, v20a11, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/49358>

8. COLICHI, R.M.B. et al. Empreendedorismo de negócios e Enfermagem: revisão integrativa. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 72, supl. 1, p. 321-330, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000700321&lng=pt&nrm=iso
9. COSTA, R.; PADILHA, M.I.; AMANTE, L.N.; COSTA, E.; BOCK, L.F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.
10. DOLABELA, F.; FILION, L.J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, p. 134-181, 2013.
11. GIMMON, E. Mentoring as a practical training in higher education of entrepreneurship. **Education + Training**, v. 56, n. 8/9, pp. 814-25. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/ET-02-2014-0006>
12. GOMES, L.C.; OLIVEIRA, J.M.; CASSANEGO JÚNIOR, P. Universidade Empreendedora: Um Estudo de Casos Múltiplos com Três Universidades no Estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Administração e Contabilidade**, v. 5, n. 3, p. 43-58, 2013. Disponível em: <http://www.reacfat.web7003.uni5.net/index.php/reac/article/view/72/74>
13. GÜNDOĞDU, M.Ç. Re-thinking entrepreneurship, intrapreneurship, and innovation: a multi-concept perspective. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 41, p. 296-303, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812009147>
14. LOMBA, Maria de Lurdes Lopes de Freitas et al. Empreendedorismo social: translação de saberes e práticas em estudantes de enfermagem no Brasil. **Rev. Enf. Ref.**, v. IV, n. 19, p. 107-15, 2018. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832018000400012&lng=pt&nrm=iso
15. MACHADO, M.H. et al. Mercado de trabalho da enfermagem: aspectos gerais. **Enferm. Foco**, v. 6, n. ¼, p. 43-78, 2015. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>
16. MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
17. NAZARETH, C.C.N.; SOUZA, R.M.; LEITE, L.L.; COQUEIRO, S.P. A educação empreendedora: como ferramenta de desenvolvimento humano. **Revista Eletrônica de**

- Educação da Faculdade Araguaia**, v. 9, n. 9, p. 260-79, 2016. Disponível em: http://www.faculdadearaguaia.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/491/pdf_46
18. NUNES, E.C.D.A.; ARAÚJO, M.R.A. Empreendedorismo em enfermagem caminho promissor à luz da teoria de Horta. **Revista Saúde**, v. 12, n. 3-4, p. 23-31, 2018. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/saude/article/view/3692/2672>
19. OLIVEIRA, A.G.M.; MELO, M.C.O.L.; MUYLDER, C.F. Educação empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior. **Revista Administração em Diálogo**, v. 18, n. 1, p. 29-56, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/v18i1.12727/19431>
20. RODRIGUES, G.S. Análise do uso da metodologia ativa problem based learning (PBL) na educação profissional. **Periódico Científico Outras Palavras**, v. 12, n. 2, p. 24-34, 2016. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/view/717/603>
21. SCHAEFER, R.; MINELLO, I.F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **RPCA**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4417/441747930006.pdf>
22. SILVA, J.F.; PATRUS, R. O bê-a-bá do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6718783>
23. STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 26, n. 50, p. 23-35, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luciane_Stallivieri/publication/319020412_Compreendendo_a_internacionalizacao_da_educacao_superior/links/59c951ec45851556e97a68d6/Compreendendo-a-internacionalizacao-da-educacao-superior.pdf
24. TEIXEIRA, D.M.; SANTOS, J.M.; FORTES, G.P. Por uma sala de aula mais interessante! Senão for isso o que será? A educação empreendedora abrindo portas para o futuro da educação e da economia. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 3, n. especial, p. 139-63, 2018.
25. TERRIM, S.; MELO, A.; JÁCOMO, A. Empreendedorismo em saúde: relato de um modelo de Empresa Júnior em Medicina. **Revista De Medicina**, v. 94, n. 2, 94-98, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v94i2p94-98>

26. WHELAN, J.C. When the business of nursing was the nursing business: the private duty registry system, 1900-1940. **Online J Issues Nurs.**, v. 17, n. 2, p. 6, 2012. Disponível em: 10.3912/OJIN.Vol17No02Man06
27. WILBANKS, J.E. Mentoring and Entrepreneurship: Examining the Potential for Entrepreneurship Education and for Aspiring New Entrepreneurs. **Journal of Small Business Strategy**, v. 23, n. 1, p. 93-101, 2015. Disponível em: <https://libjournals.mtsu.edu/index.php/jsbs/article/view/171>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou identificar a tendência empreendedora geral dos estudantes de pós-graduação em enfermagem e compreender o empreendedorismo e a educação empreendedora no contexto da pós-graduação em enfermagem. Tratou-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, por meio de um estudo descritivo de natureza quantitativa e uma pesquisa qualitativa ancorada nos preceitos da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD).

O estudo quantitativo evidenciou que o empreendedorismo nos estudantes de pós-graduação em enfermagem é baixo, mas que vem avançando nos aspectos relacionados a necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação.

O estudo qualitativo revelou que comportamento gerencial ou de negócios é categoria central para o empreendedorismo na enfermagem, que o principal desafio para o empreendedorismo na enfermagem é a falta de contato com o tema e que também é necessário superar a característica de caridade da profissão. Além disso, verificou-se que os participantes protagonizaram os docentes como os maiores responsáveis por fomentar o empreendedorismo no programa de pós-graduação em enfermagem e que o uso das metodologias ativas é um caminho importante para o empreendedorismo e a educação empreendedora na enfermagem.

Dessa forma, os resultados deste estudo podem contribuir com a produção do conhecimento em empreendedorismo e educação empreendedora em enfermagem a partir da construção de um corpo teórico sobre a temática. Destaca-se também a importância deste estudo pela sua contribuição com o mercado de trabalho em enfermagem e a construção de novas reflexões sobre o processo educativo em enfermagem, em especial, na pós-graduação em enfermagem.

Diferente de outros estudos sobre empreendedorismo em enfermagem, em que se observa incipiência de conceitos, neste foi possível visualizar um caminho inicial para o empreendedorismo na enfermagem. Nesse sentido, pode-se dizer que o empreendedorismo ainda é baixo entre estudantes de pós-graduação em enfermagem, entretanto há movimentos e ações que estão sendo desenvolvidas em prol do empreendedorismo, por mais que ainda os próprios protagonistas não signifiquem esses movimentos e ações como ações empreendedoras, justamente por não estarem sensibilizados para tal. Assim, ressalta-se a importância da educação empreendedora em

enfermagem, não somente como ordenadora de uma nova mentalidade para o mercado de trabalho, mas também como mudança de paradigma e valorização profissional.

Este estudo apresenta limitada generalização, por se tratar de uma amostragem pequena, circunscrita a realidade específica de um programa de pós-graduação em enfermagem. Sugere-se, portanto, a realização de mais estudos, envolvendo outros cenários, não somente universitários, mas de mercado de trabalho de uma forma geral, como por exemplo, programas de mestrado e doutorado profissional, bem como pesquisas com egressos de programas de pós-graduação em enfermagem e em outros cenários de pós-graduação públicos e privados. Ademais, ressalta-se a importância de mais investigações com foco na educação empreendedora, cultura empreendedora e empreendedorismo em enfermagem, a fim de contribuir com o desenvolvimento e consolidação do empreendedorismo na profissão.

Por fim, afirma-se a tese de que o empreendedorismo nos estudantes do PEN/UFSC é baixo, mas vem avançando nos aspectos relacionados à necessidade de realização, necessidade de autonomia/independência e impulso e determinação. No programa de pós-graduação em enfermagem, a compreensão dos docentes e discentes aponta para o fenômeno: vislumbrando o empreendedorismo e a educação empreendedora na pós-graduação em enfermagem, sustentado pelas categorias: desmistificando o perfil empreendedor, assinalando os desafios para o empreendedorismo na pós-graduação em enfermagem e “apreendedorismo”: aprendendo a empreender no programa de pós-graduação em enfermagem, ainda como possibilidades iniciais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.G.; SANTOS, E.J.R.; FERREIRA, J.A.; ALBUQUERQUE, C.P. Desemprego e empreendedorismo: da ambiguidade da relação conceitual à eficácia das práticas de intervenção social. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 20.1, p. 31-56, 2013.
- ANDRADE, A.C.; DAL BEN, L.W.; SANNA, M.C. Empreendedorismo na enfermagem: panorama das empresas no Estado de São Paulo. **Rev Bras Enferm**, v. 68, n. 1, p. 40-4, 2015.
- BACKES, D.S.; ERDMANN, A.L. Education of nurses under the social enterprising view. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 30, n. 2, p. 242-8, 2009.
- BACKES, D.S.; BACKES, M.S.; ERDMANN, A.L.; BÜSCHER, A. The role of the nurse in the Brazilian Unified Health System: from community health to the family health strategy. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 1, p. 223-30, 2012.
- BAKAR, R.; ISLAM, M.A.; LEE, J. Entrepreneurship education: experiences in selected countries. **International Education Studies**, v. 8, n. 1, p. 88-99, 2015. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1060830>
- BALDISERA, H.; CERETTA, G.F.; REIS, D.R. Relação entre intraempreendedorismo e inovação: um estudo em empresas participantes do APL de TI do sudoeste do Paraná. **Gestão e regionalidade**, v. 33, n. 97, p. 100-17, 2017.
- BARUAH, B.; WARD, A. Metamorphosis of intrapreneurship as an effective organizational strategy. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 811-22, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11365-014-0318-3>
- BERNARDI, L. A. **Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- BERNARDO, R.G.; RAMOS, H.R.; VILS, L. Panorama da produção científica em empreendedorismo rural: um estudo bibliométrico. **REGPEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 8, n. 1, p. 102-25, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6814237>
- BOHNENBERGER, M.C.; SCHMIDT, S. Cultura empreendedora na universidade: o caso da Feevale. **Diálogo**, v. s/n, n.29-49, 2015.
- BORGES, C.; BORGES, M.M.; FERREIRA, V.R.S.; NAJBERG, E.; TETE, M.F. Empreendedorismo sustentável: proposição de uma tipologia e sugestões de pesquisa. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n.1, p. 77-100, 2013.

BRACHT, D.E.; WERLANG, N.B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, p. 101-24, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 20 dez. 1996a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

BRASIL. **Resolução número 466**, de 12 de dezembro de 2012. Incorpora a autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade. Visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Conselho Nacional de Saúde. Brasília, DF, 12 de dez. 2012.

BULGACOV, Y.L.M.; CUNHA, S.K.; CAMARGO, D.; MEZA, M.L.; BULGACOV, S. Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? **RAP –Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 3, p. 625-720, 2011.

CAIRD, S. Testing enterprising tendency of occupational groups. **British J Manag**, n.2, p. 177-183, 1991.

CARREIRA, S.S. et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **NAVUS – Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 6-13, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3504/350450617002.pdf>

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre, 2009. 272p.

COLENCI, R.; BERTI, H.W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 158-66, 2012.

COSTA, R.; PADILHA, M.I.; AMANTE, L.N.; COSTA, E.; BOCK, L.F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009.

COSTA, A.M.; BARROS, D.F.; CARVALHO, J.L.F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 179-97, 2011.

COSTA, A.M.; BARROS, D.F.; MARTINS, P.E.M. A alavanca que move o mundo: o discurso da mídia de negócios sobre o capitalismo empreendedor. **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n. 2, p. 357-75, 2012.

COSTA, F.G.; VAGHETTI, H.H.; MARTINELLO, D.F.G.; MENDES, D.P.; TERRA, A.C.; ALVAREZ, S.Q.; LEMOS, L.A.P. Enterprising tendencies of nurses in a university hospital. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 34, n. 2, p. 147-54, 2013.

COUTO FILHO, J.C.F. **Educação empreendedora na formação de enfermeiros**. 2014. 97f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2014.

CUNHA, R.M.; SOARES, E.L.; FONTANILLAS, C.N. As vantagens de aprendizado do empreendedorismo: um estudo desde o ensino de base até o superior. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 3, n.3, p. 62-73, 2009.

DANTAS, E.B. Empreendedorismo e intraempreendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-23, 2008.

DANTAS, C.C.; LEITE, J.L.; LIMA, S.B.S.; STIPP, M.A.C. Teoria fundamentada nos dados – aspectos conceituais e operacionais : metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 573-9, 2009.

DOLABELA, Fernando. Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura Editores, 1999.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

FARMER, J.; KILPATRICK, S. Are rural health professionals also social entrepreneurs? **Soc Sci Med**, v. 69, n. 11, p. 1651-8, 2009.

FERNANDES, J.D. et al. Expansão da educação superior no Brasil: ampliação dos cursos de graduação em enfermagem . **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 08 telas, 2013.

GAWKE, J.C.; GORGIEVSKI, M.J.; BAKKER, A.B. Measuring intrapreneurship at the individual level: Development and validation of the Employee Intrapreneurship Scale (EIS). **European Management Journal**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.emj.2019.03.001>

GOMES, A.F.; LIMA, J.B.; CAPPELLE, M.C.A. Do empreendedorismo à noção de ações empreendedoras: reflexões teóricas. **Revista Alcance**, v. 20, n.2, p. 203-220, 2013.

HENRIQUE, D.C.; CUNHA, S.K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM - Rev. Adm. Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-36, 2008.

JESUS, B.H. et al. Inserção no Mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 336-45.

LAGE, M.C. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.12, n.esp., p.198-226, mar. 2011.

LIMA, A.F. et al. Egressos de enfermagem: potencialidades no processo de formação profissional para inserção no mercado de trabalho. **Indagatio Didactica**, v. 9, n. 4, p. 65-80, 2017. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/715/595>

LOPES, A.K.L. et al. Características e comportamentos do empreendedorismo feminino: um estudo de multicascos em pequenas empresas. **Revista de Expressão Católica**, v. 5, n. 1, p. 87-95, 2016. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/1473/1206>

MACHADO, M.H.; VIEIRA, A.L.; OLIVEIRA, E. Construindo o perfil da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 3, n. 3, p. 119-22, 2012.

MELO, N.M. **Sebrae e empreendedorismo: origem e desenvolvimento**. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

MIRANDA, C.M.S.; SILVEIRA, A. **Empreendedorismo corporativo no ambiente de uma universidade no sul do Brasil**. XII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais (SIMPOI). Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2009.

NUNES, L.L.S.; MELLO, M.F. A importância da educação empreendedora para a cultura e formação de novos empreendedores. **Ser Humano**, v. 8, n. 13, p. 152-73, 2018. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/342/350>

OLIVEIRA, I.R. et al. Empreendedorismo social, pós-modernidade e psicologia: compreendendo conceitos, atuações e contextos. Gerais: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 290-311, 2016a. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n2/v9n2a10.pdf>

OLIVEIRA, M.M. et al. O profissional enfermeiro e a atenção primária a saúde. **Journal of Nursing and Health**, v. 1, n. 1, p. 184-9, 2016b. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3422/2813>

ORSIOLLI, T.A.F.; NOBRE, F.S. Empreendedorismo sustentável e stakeholders fornecedores: criação de valores para o desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 4, p. 502-23, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552016000400502&script=sci_arttext&tlng=pt

PARDINI, D.J.; SANTOS, R.V. Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. **Revista de Administração da FEAD**, v. 5, n. s/n, p. 157-72, 2008.

PEREIRA, J.A.; MACHADO, V.S. A mulher empreendedora como parte da disseminação da educação empreendedora: um estudo nos colégios particulares da cidade de Jandaia do Sul – PR. **Caderno de Administração**, v.21, n.1, 14.p., 2013.

POLAKIEWICZ, R.R.; DAHER, D.V.; SILVA, N.F.; SILVA, N.F.; FERREIRA JÚNIOR, J.; FERREIRA, M.E. Potencialidades e vulnerabilidades do enfermeiro empreendedor: uma revisão integrativa. **Persp. online: biol. & saúde [Internet]**, v. 11, n. 3, p. 53-79, 2013.

POLIT, D.F.; BECK, C.T. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem.** 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROCHA, E.L.C.; FREITAS, A.A.F. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **RAC**, v. 18, n. 4, p. 465-86, 2014.

RONCON, P. F.; MUNHOZ, S. Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n., p. 695-700, 2009.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G.P.; COMINI, G.M. Empreendedorismo social e negócios sociais: um estudo bibliométrico da publicação nacional e internacional. **RIGS – Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 85-105, 2014.

SAEBI, T.; FOSS, N.J.; LINDER, S. Social entrepreneurship research: past achievements and future promises. **Jornal of Management**, v. 45, n. 1, p. 70-95, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0149206318793196>

SALES, O.P. et al. O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista (UNIP) Goiânia – Goiás. **Rev Inst Ciênc Saúde**, v. 26, n. 2, p. 167-172, 2008.

SANTOS, G.J.; MUQUIUTTI, E.; COSTA, W.L.; SAID, R.A.; PINTO JÚNIOR, D.M. Empreendedorismo feminino no mercado de trabalho: uma análise de seu crescimento. **Braz. J. of Develop**, v. 3, n. esp, p. 450-64, 2017.

SCHIMIDT, S.; BOHNENBERGER, M.C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v.13, n.3, p.450-467, 2009.

SCOCHI, C.G.S. et al. Pós-graduação stricto sensu em enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 66, n. esp., p. 80-9, 2013.

SCOCHI, C.G.S. et al. Desafios e estratégias dos programas de pós-graduação em enfermagem para a difusão da produção científica em periódicos internacionais. **Esc Anna Nery**, v. 18, n. 1, p. 5-6, 2014.

SILVA, M.F.; MOURA, L.R.; JUNQUEIRA, L.A.P. As interfaces entre empreendedorismo social, negócios sociais e redes sociais no campo social. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n. 42, p. 121-30, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2015v17n42p121>

SLEPCEVIC-ZACH, P.; STOCK, M.; TAFNER, G. **Entrepreneurship Education at the University of Graz.** In: Weber S, Oser FK, Achtenhagen F, Fretschner M, Trost S. *Becoming an Entrepreneur.* 1. ed. Professional and Vet Learning; 2014, p. 109-122.

SOUZA, E. et al. *Métodos e técnicas de ensino e recursos didáticos para o ensino do empreendedorismo em IES brasileiras.* In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXVIII., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENANPAD, 2004.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SUNDIN, E.; TILLMAR, M. A nurse and a civil servant changing institutions: entrepreneurial processes in different public sector organizations. **Scandinavian Journal of Management**, v. 24, n. 2, p. 113-24, 2008.

TAROZZI, M. **O que é Grounded Theory?** Metodologia de pesquisa e da teoria fundamentada nos dados. Petrópolis: Vozes, 2011.

TAVARES, C.E.M.; MOURA, G.L.; ALVES, J.N. Educação empreendedora e a geração de novos negócios. In Observatorio de la Economía Latinoamericana, n. 188, 2013. Texto completo em <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/13/empreendedorismo.html>

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Departamento de Enfermagem.** Disponível em: <http://nfr.ufsc.br/>. Acesso em 15 out. 2019.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS QUANTITATIVO

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Dados pessoais

1. Idade (anos completos):
2. Sexo: (1) Feminino. (2) Masculino.
3. Cor/etnia: (1) Branco(a). (2) Pardo(a). (3) Negro(a). (4) Amarelo(a). (5) Indígena

Dados acadêmicos

4. Ano de conclusão da graduação:
5. Ano de ingresso no mestrado:
6. Aluno de: (1) Mestrado. (2) Doutorado.
7. Qual período/ano da pós-graduação está cursando:
 - (1) Primeiro ano.
 - (2) Segundo ano.
 - (3) Terceiro ano.
 - (4) Quarto ano.
 - (5) Mais que 4 anos.
8. Possui bolsa de estudos: (1) Sim. (2) Não.
9. Selecione a sua área de concentração:
 - (1) Área 1 - Filosofia e Cuidado em Saúde e Enfermagem.
 - (2) Área 2 - Educação e Trabalho em Saúde e Enfermagem.

Dados profissionais

10. Possui vínculo empregatício: (1) Sim. (2) Não.
11. Se sua resposta na questão 10 foi SIM, assinale sua área de atuação:
 - (1) Assistência. (2) Gerência. (3) Ensino.
13. Comente sobre a relação entre a formação em pós-graduação stricto sensu (mestrado ou doutorado) em enfermagem e o potencial empreendedor do pós-graduando.

TESTE DE TENDÊNCIA EMPREENDEDORA GERAL (TEG)

Este exercício é muito simples:

- Levará aproximadamente dez minutos;
- Não existem respostas certas ou erradas;
- Poderá servir como uma ferramenta para ajudá-lo a se compreender melhor.

Consiste de uma lista de 54 frases diferentes. Você deverá assinalar C ou D. C se concordar com a afirmativa e D se estiver em desacordo com a afirmativa.

Quando em certos casos, por algum motivo qualquer, você não estiver completamente de acordo ou completamente em desacordo com a frase, você deverá decidir por aquela que MAIS parecer correta com sua resposta, e assinalar a letra correspondente. Por favor, seja honesto quando estiver completando a folha de respostas. Quanto mais sinceras as suas respostas, maior será a precisão do teste.

Assinale C (de CONCORDO) ou D (em DESACORDO) com as afirmativas:

QUESTÕES	C	D
1. Não me preocuparia ter um trabalho rotineiro e sem desafios, se o salário fosse bom.		
2. Quando tenho que fixar meus próprios objetivos, prefiro que sejam mais difíceis a fáceis.		
3. Não gosto de fazer coisas inovadoras ou pouco convencionais.		
4. As pessoas competentes que não conseguiram sucesso, na verdade não souberam aproveitar as oportunidades que surgiram quando elas apareceram.		
5. Raramente sonho acordado.		
6. Sou acostumado a defender meu ponto de vista, mesmo que alguém não concorde comigo.		
7. Você é bom ou não, por natureza, esforço não faz a diferença.		
8. Às vezes, as pessoas dizem que as minhas ideias são pouco usuais.		
9. Se tivesse que jogar R\$ 100,00 preferiria comprar um bilhete de rifa a jogar em cartas.		
10. Eu prefiro desafios que ponham em prova as minhas habilidades do que coisas que faço com facilidade.		
11. Preferiria ter um desempenho razoável em um trabalho seguro, do que ter um trabalho que eu poderia perder se o meu desempenho não fosse assim tão bom.		
12. Eu gosto de fazer as coisas à minha maneira, sem me preocupar com que os outros pensam.		
13. Muitos dos maus momentos da vida por que passa uma pessoa. Se deve na verdade, ao azar.		
14. Eu gosto de discutir muitas coisas, mesmo que para isso eu deva enfrentar alguns problemas.		
15. Se estiver tendo problemas com uma atividade, eu a deixo de lado e faço outra coisa.		
16. Quando faço planos para fazer alguma coisa, quase sempre faço o que planejei.		
17. Não gosto de mudanças repentinas na minha vida.		
18. Assumo riscos mesmo se as chances de sucesso forem de 50%.		

19. Penso mais no presente e no passado do que no futuro.		
20. Se eu tivesse uma boa ideia para ganhar dinheiro, estaria disposto a pedir um empréstimo para que pudesse realizá-la.		
21. Quando estou em um grupo, prefiro que outra pessoa seja o líder.		
22. Geralmente as pessoas têm o que merecem.		
23. Não gosto de adivinhar as coisas.		
24. É mais importante fazer bem um trabalho do que tentar agradar as pessoas.		
25. Conseguirei o que eu quero da vida se eu agradar as pessoas com controle sobre mim.		
26. As outras pessoas reclamam que faço muitas perguntas.		
27. Se existe a possibilidade de fracassar, prefiro não correr o risco.		
28. Irrita-me a falta de pontualidade de certas pessoas.		
29. Antes de tomar uma decisão, gosto de ter bem claro todos os possíveis erros que poderão me fazer perder muito tempo.		
30. Ao começar um trabalho, raramente necessito ou quero ajuda.		
31. O êxito só chega se você estiver no local certo na hora exata.		
32. Prefiro saber fazer várias coisas a ser bom em uma única coisa.		
33. Prefiro trabalhar com uma pessoa que goste de mim, mas que não é muito competente no trabalho, do que com alguém competente, mas com quem eu não me dou muito bem.		
34. O sucesso é o resultado de muito trabalho, a sorte não tem nada haver com isso.		
35. Prefiro fazer as coisas do modo habitual antes de tentar uma nova maneira.		
36. Antes de tomar uma decisão importante, prefiro pesar os prós e os contra rapidamente ao invés de perder muito tempo pensando neles.		
37. Gosto de fazer trabalho em equipe do que assumir a responsabilidade de um trabalho sozinho.		
38. Prefiro aproveitar a oportunidade que possa mudar as coisas para melhor, antes de ter uma experiência que desfrutaria de toda a segurança.		
39. Faço o que os outros esperam de mim e sigo instruções.		
40. Para mim, conseguir o que quero tem pouco haver com sorte.		
41. Eu gosto de organizar a minha vida de modo que tudo transcorra de forma suave e planejada.		
42. Quando enfrento um desafio, penso mais nas consequências do êxito que nas do fracasso.		
43. Acredito que as coisas que me acontecem estão determinadas por outras pessoas.		
44. Consigo fazer muitas coisas ao mesmo tempo.		
45. É muito difícil eu pedir favores a outras pessoas.		
46. Levanto-me cedo e esqueço do horário quando quero terminar uma tarefa especial.		
47. Habitualmente é melhor aquele com quem estou acostumado que aqueles que me são desconhecidos.		
48. A maioria das pessoas pensa que sou ousado (a).		
49. Raramente os fracassos são resultados de um mau planejamento.		
50. Às vezes tenho tantas ideias que não sei qual delas escolher.		
51. É difícil eu relaxar quando estou em férias.		
52. Consigo o que quero porque trabalho muito e faço as coisas acontecerem.		
53. É mais difícil para eu adaptar-me a uma mudança que ficar na rotina.		
54. Eu gosto de fazer novos projetos que possam ser arriscados.		

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Entrevista n°:

Questões disparadoras GA1

1. Conte sobre a sua trajetória acadêmica (pós-graduação).
2. Motivos que te levaram a fazer o mestrado/doutorado.
3. O que você acha do PEN? (ensino)
4. O que você entende por empreendedorismo?
5. Poderia me contar algum exemplo de empreendedorismo na pós-graduação?
6. Citar alguém que acha empreendedor.
7. Características de alguém que acha empreendedor.

Questões disparadoras GA2

1. O que significa para você formar mestres e doutores?
2. Conceitue empreendedorismo.
3. O que o PEN tem feito para fomentar o empreendedorismo?
4. Cite-me um exemplo de empreendedorismo no PEN.
5. Cite-me um exemplo de pessoa que considera empreendedora.
6. Características empreendedoras.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada O EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS, aprovada pelo parecer nº 2.620.227, CAAE: 81636017.9.0000.0121. Esta pesquisa aplicará um questionário e fará uma entrevista, tendo como objetivos: identificar a tendência empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina e; compreender a educação empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem com foco nas tendências empreendedoras a partir das experiências e significados atribuídos pelos seus gestores, docentes e alunos. Serão previamente marcados a data e horário para o questionário e as perguntas. Será utilizado um questionário e um roteiro semiestruturado para a condução da entrevista que será gravada em um dispositivo de áudio. Estas medidas serão realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina. Este questionário e entrevista serão analisados pelo pesquisador e inseridos em um banco de dados. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos como desconfortos psicológicos, alterações emocionais e stress, por envolver uma pesquisa que desenvolverá a coleta de dados por meio de perguntas pessoais. Durante os procedimentos de coleta de dados você estará sempre acompanhado pelo pesquisador, que lhe prestará toda a assistência necessária ou acionará pessoal competente para isso caso haja necessidade. Caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos ou sobre o projeto você poderá entrar em contato com o pesquisador a qualquer momento pelo telefone ou e-mail abaixo.

A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por um número. Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão a longo prazo fornecer subsídios para a discussão e construção de práticas empreendedoras no contexto universitário, o que impactará em maior qualidade no ensino. As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Fernanda Hannah da Silva Copelli (estudante de doutorado) e Alacoque Lorenzini Erdmann (professor responsável).

A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido nos termos da lei. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome. Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Agradecemos a sua participação.

NOME DOS PESQUISADORES PARA CONTATO: Fernanda Hannah da Silva Copelli: Telefone: 48 999351763. Alacoque Lorenzini Erdmann: Telefone: (48) 37212205. Endereço: Campus Universitário – Trindade, 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil. Departamento de Enfermagem.

ENDEREÇO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEPSH/UFSC): Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, no 222, sala 40. Bairro: Trindade CEP: 88.040-400. Florianópolis. Telefone: (48)3721-6094 E-mail:

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____

Data: ____/____/____ .

ANEXO 1 – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS

Pesquisador: Alacoque Lorenzini Erdmann

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81636017.9.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.620.227

Apresentação do Projeto:

Tese de Copelli, orientada por Erdmann, que pretende entrevistar 190 enfermeiros.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a tendência empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. • Compreender a educação empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem com foco nas tendências empreendedoras a partir das experiências e significados atribuídos pelos seus gestores, docentes e alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequados e citados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pode contribuir para o conhecimento generalizável sobre o tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termo da instituição adequado. TCLE bem elaborado.

Recomendações:

Sem recomendações adicionais.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401	
Bairro: Trindade	CEP: 88.040-400
UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094	E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 2.620.227

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1024485.pdf	28/03/2018 11:35:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetotese.doc	28/03/2018 11:35:06	Alacoque Lorenzini Erdmann	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.pdf	28/03/2018 11:34:13	Alacoque Lorenzini Erdmann	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclenovo.docx	28/03/2018 11:33:41	Alacoque Lorenzini Erdmann	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.pdf	20/12/2017 14:41:20	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	20/12/2017 14:36:51	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 25 de Abril de 2018

Assinado por:
Luiz Eduardo Toledo
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO 2 – APROVAÇÃO DA EMENDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: O EMPREENDEDORISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: TENDÊNCIAS E SIGNIFICADOS

Pesquisador: Alacoque Lorenzini Erdmann

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 81636017.9.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.166.536

Apresentação do Projeto:

Tese de Copelli, orientada por Erdmann, que pretende entrevistar 190 enfermeiros.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a tendência empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. • Compreender a educação empreendedora no Programa de Pós-graduação em Enfermagem com foco nas tendências empreendedoras a partir das experiências e significados atribuídos pelos seus gestores, docentes e alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

V. parecer 2.620.227 de 25/04/2018.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem considerações adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

V. parecer 2.620.227 de 25/04/2018.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 3.166.536

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata a presente emenda de solicitação dos pesquisadores para realizar a aplicação do questionário de forma online, utilizando o Google Forms, tendo em vista as dificuldades de acesso presencial aos estudantes de fases mais avançadas.

Segundo resposta a consulta à CONEP, questionários online podem ser utilizados no contexto da res. 466/12 havendo o compromisso, por parte dos pesquisadores, de que o acesso ao questionário online só será liberado aos participantes após os pesquisadores receberem um e-mail deles concordando com os termos do TCLE, previamente enviado através do e-mail dos pesquisadores.

Tal procedimento visa a caracterização do acordo estabelecido entre pesquisador(es) e participante(s) através dos seus endereços eletrônicos, já que estes são considerados meios rastreáveis de comunicação, que garantem a autenticidade e tempestividade dos documentos, uma vez que incluem informações de data e hora de envio/recebimento, sendo acessáveis somente por meio de usuário e senha.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_129434_3_E1.pdf	06/02/2019 10:35:50		Aceito
Brochura Pesquisa	projeto.doc	06/02/2019 10:28:50	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	06/02/2019 10:21:28	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetotese.doc	28/03/2018 11:35:06	Alacoque Lorenzini Erdmann	Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.pdf	28/03/2018 11:34:13	Alacoque Lorenzini Erdmann	Aceito
TCLE / Termos de	tclenovo.docx	28/03/2018	Alacoque Lorenzini	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.166.536

Assentimento / Justificativa de <u>Ausência</u>	tclenovo.docx	11:33:41	Erdmann	Aceito
Declaração de Instituição e <u>Infraestrutura</u>	declaracao.pdf	20/12/2017 14:41:20	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	20/12/2017 14:36:51	Fernanda Hannah da Silva Copelli	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 24 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
Maria Luiza Bazzo
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br